



BES'06

RELATÓRIO E CONTAS
Volume I



**BANCO
ESPIRITO
SANTO**

Incontornável na história da arte contemporânea, a fotografia é hoje uma forma de expressão artística notável.

Um vasto e rico universo de linguagens e recursos que questionam e alteram os conceitos tradicionais da expressão plástica, permitindo, novos olhares, novas visões, novas formas de sentir.

O Grupo BES, tem vindo a assumir um papel central no desenvolvimento desta realidade, assumindo-se, cada vez mais, como Mecenaz da Fotografia em Portugal. Tal estratégia, constitui uma aposta no futuro e o reflexo da orientação pela modernidade que caracteriza o posicionamento da marca BES e a cultura do Grupo.

As peças que ilustram este Relatório e Contas integram a colecção BES art que o Banco está a constituir desde 2004 através de trabalhos recentes de conceituados artistas plásticos contemporâneos internacionais e portugueses.

Este Relatório está também ilustrado com algumas imagens de campanhas publicitárias.

BES'06

RELATÓRIO E CONTAS

Coleção BESart • Hannah Collins
"True Stories (Lisbon 3)", 2006 • Fotografia em impressão digital • 175 x 235 cm • Edição: 1/3 • "Courtesy the Artist"



**BANCO
ESPIRITO
SANTO**

BES'06

RELATÓRIO E CONTAS

VOL. I

01'	RELATÓRIO DE GESTÃO	07
1.0	Mensagem Conjunta do Presidente do Conselho de Administração e do Presidente da Comissão Executiva	08
2.0	O Grupo BES	10
3.0	Estratégia e Modelo de Negócio	22
4.0	Enquadramento Macroeconómico	33
5.0	Gestão Financeira e Mercado de Capitais	38
6.0	Gestão dos Riscos	41
7.0	Análise Financeira	50
8.0	Nota Final	68
02'	DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS E NOTAS ÀS CONTAS	71
1.0	Demonstrações Financeiras Consolidadas e Notas Explicativas	73
2.0	Demonstrações Financeiras Individuais e Notas Explicativas	166
3.0	Certificação Legal e Relatório de Auditoria das Contas Consolidadas	242
4.0	Certificação Legal e Relatório de Auditoria das Contas Individuais	244
5.0	Relatório e Parecer da Comissão de Auditoria	246

VOL. II

03' RELATÓRIO DE CORPORATE GOVERNANCE

1.0	Introdução	04
2.0	Princípios de Governo do BES e Declaração de cumprimento das Recomendações da CMVM	05
3.0	O modelo de Corporate Governance no BES	06
4.0	Accionistas e Acção BES	27
5.0	Informação ao Mercado	38

04' RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE

	Mensagem do Presidente da Comissão Executiva	06
1.0	A agenda da Sustentabilidade	10
2.0	A sustentabilidade na actividade do Grupo BES	20
3.0	Um Grupo de confiança	38
4.0	Um Grupo responsável	55
5.0	Anexos	69

BES'06

RELATÓRIO E CONTAS

01'	RELATÓRIO DE GESTÃO	07
1.0	Mensagem Conjunta do Presidente do Conselho de Administração e do Presidente da Comissão Executiva	08
2.0	O Grupo BES	10
2.1	Órgãos Sociais	10
2.2	Perfil do Grupo BES	12
2.3	Acções BES	15
2.4	Marcos Históricos e Principais Acontecimentos de 2006	20
3.0	Estratégia e Modelo de Negócio	22
3.1	Banca de Retalho	23
3.2	Private Banking	26
3.3	Banca de Empresas e Institucionais	26
3.4	Banca de Investimento	29
3.5	Gestão de Activos	30
3.6	Actividade Internacional	31
4.0	Enquadramento Macroeconómico	33
4.1	Situação Económica Internacional	33
4.2	Situação Económica no Brasil	35
4.3	Situação Económica em Angola	36
4.4	Situação Económica em Espanha	36
4.5	Situação Económica em Portugal	36
5.0	Gestão Financeira e Mercado de Capitais	38
6.0	Gestão dos Riscos	41
6.1	A Função de Risco no Grupo BES	41
6.2	O Novo Acordo de Capital (Basileia II)	41
6.3	Risco de Crédito	42
6.4	Risco de Mercado	47
6.5	Risco de Taxa de Juro	47
6.6	Risco de Liquidez	48
6.7	Risco Operacional	48
7.0	Análise Financeira	50
7.1	Análise Financeira do Grupo BES	50
7.2	Análise Financeira do BES Individual	57
7.3	Análise Financeira das Principais Unidades de Negócio	60
8.0	Nota Final	68

02'	DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS E NOTAS ÀS CONTAS	71
1.0	Demonstrações Financeiras Consolidadas e Notas Explicativas	73
1.1	Demonstração dos Resultados Consolidados em 31 de Dezembro de 2006	73
1.2	Balanço Consolidado em 31 de Dezembro de 2006	74
1.3	Notas Explicativas às Demonstrações Financeiras Consolidadas	75
2.0	Demonstrações Financeiras Individuais e Notas Explicativas	166
2.1	Demonstração de Resultados Individual em 31 de Dezembro de 2006	166
2.2	Balanço Individual em 31 de Dezembro de 2006	167
2.3	Notas Explicativas às Demonstrações Financeiras Individuais	168
3.0	Certificação Legal e Relatório de Auditoria das Contas Consolidadas	242
4.0	Certificação Legal e Relatório de Auditoria das Contas Individuais	244
5.0	Relatório e Parecer da Comissão de Auditoria	246





Colecti3o BESart • Candida H3fer
"Biblioteca do Pal3cio Nacional de Mafra III", 2006 • C-Print 152x171 cm

01'

RELAT3RIO DE GEST3O

O DETALHE E O TODO.
O RIGOR, AO MESMO TEMPO FIRME E FLEX3VEL.
BES'06

1.0 Mensagem Conjunta do Presidente do Conselho de Administração e do Presidente da Comissão Executiva

Senhores Accionistas,

O ano de 2006 confirmou as expectativas de uma recuperação da economia portuguesa baseada numa melhoria da procura externa. As exportações beneficiaram do maior dinamismo na Zona Euro e de uma maior ligação das empresas portuguesas a áreas económicas com crescimento forte, entre as quais se destacam os países asiáticos, norte de África (Marrocos) e em particular Angola e Brasil. De realçar também a maior integração das economias portuguesa e espanhola com impacto muito positivo nos fluxos de comércio externo e de investimento.

Internamente, a procura manteve-se condicionada pelos níveis elevados dos preços dos bens energéticos e pelo crescimento moderado do rendimento disponível. No entanto, foi visível ao longo do ano uma melhoria dos principais índices de confiança das famílias e das empresas, permitindo antecipar uma nova aceleração da actividade económica em 2007.

O ano de 2006 foi caracterizado por realizações importantes para o Grupo BES, nomeadamente o reforço da operação multi-especialista, o aprofundamento das iniciativas de captação de Clientes tendo em atenção as novas realidades demográficas e o fortalecimento da presença no exterior.

O desempenho conseguido, materializado nos resultados alcançados, é fruto de uma estratégia consolidada ao longo dos anos e consistente com valores transversais a todo o Grupo e a todos os Colaboradores. A dinâmica que o Grupo BES tem demonstrado consubstancia uma trajectória de crescimento com reflexo no desempenho operacional e na criação de valor para os seus Accionistas.

Nesta perspectiva, foi decisiva a operação de aumento de capital (aprova-da em Assembleia Geral de 17 de Abril), realizada no mês de Maio, que se traduziu num encaixe de 1 380 milhões de euros, o que permitirá a prossecução de um ambicioso plano de reforço do posicionamento do Grupo a nível doméstico e internacional no médio prazo. O Conselho de Administração definiu e oportunamente divulgou um conjunto de objectivos estratégicos a atingir até 2009: (i) reforço do posicionamento competitivo em Portugal através do aumento da quota de mercado média para 20%, (ii) crescimento do resultado líquido em média 20% por ano entre 2006 e 2009, com um aumento da contribuição dos resultados da actividade internacional para 35% do resultado consolidado, (iii) rentabilidade

média dos capitais próprios de 15%, (iv) melhoria da eficiência medida pela redução do *Cost to Income* para níveis inferiores a 50% em 2009.

Para o reforço do posicionamento doméstico deverá contribuir a aquisição de 50% da BES Vida, o que deverá permitir ao Grupo BES beneficiar de uma das mais elevadas taxas de crescimento na área financeira, tirando maior partido da convergência entre produtos bancários e de seguros, e simultaneamente beneficiar da grande experiência do *Crédit Agricole* nesta área.

Ao longo dos últimos anos, o Grupo BES tem vindo a consolidar uma abordagem comercial diferenciada para os diversos segmentos de particulares e empresas. Com a integração do BIC, o Grupo BES dispõe actualmente de uma rede de retalho de 630 balcões complementada por 28 Centros Private e 27 Centros de Empresas.

A actividade da banca de afluentes, *private banking* e gestão de activos, banca de empresas e banca de investimento têm sido as áreas de negócio onde o Grupo tem desenvolvido competências distintivas que lhe permitem expandir selectivamente o *know-how* para mercados com elevadas perspectivas de crescimento. Neste contexto, a actuação no exterior tem sido pautada por critérios de selectividade para os mercados considerados de maior afinidade económica e cultural com Portugal (Espanha, Brasil e Angola) mas também para os mercados onde as perspectivas de crescimento sejam potenciadoras de negócio e onde se encontram os principais centros de emigração (Reino Unido, Estados Unidos e França).

Merece especial destaque a contribuição da actividade internacional para os resultados do exercício, fruto da expansão internacional. De facto, o respectivo produto bancário apresentou um expressivo crescimento de 28%, tendo o resultado líquido totalizado 93,2 milhões de euros, o que representa um peso de 22% no resultado consolidado.

O Banco Espírito Santo de Investimento apresentou em 2006 uma performance muito positiva, traduzida no resultado líquido de 60,0 milhões de euros, o que representa um acréscimo de 20% comparativamente a 2005. A actividade foi muito favorável na generalidade das áreas de negócio, sendo de referenciar um aumento significativo do número de transacções, com crescente peso das operações desenvolvidas nos mercados internacionais. Destaca-se a consolidação da liderança no mercado português, nomeadamente na corretagem, bem como o reforço do posicionamento desta área de negócio em Espanha, evoluindo da 10ª para a 5ª posição no ranking da Bolsa de Madrid. Do ponto de vista qualitativo, destacam-se as distinções como “*Best Investment Bank in Portugal – Real Estate Investment Banking*”, pela *Euromoney* e “*Transportation Deal of the Year 2006*” pela *Project Finance International*.

A execução metódica da estratégia produziu em 2006 resultados particu-

larmente positivos. O crescimento da actividade caracterizou-se por uma forte dinâmica comercial tanto no crédito concedido como na captação de recursos de Clientes, que evoluíram de forma equilibrada: 14,4% e 13,9% respectivamente, traduzindo-se ainda na captação de 150 mil novos Clientes particulares, dos quais 27 250 foram canalizados pela rede de agentes *Assurfinance*, e 700 novos Clientes empresa.

A evolução do crédito a particulares orientou-se para os segmentos de maior valor e menor risco com consequências directas na redução do perfil de risco da carteira. O crédito à habitação aumentou 8,3%, sendo o segmento 360 (afluentes) responsável por 47% da produção do ano. O outro crédito a particulares registou um crescimento de 28,1% que resultou de um conjunto de iniciativas associadas ao crédito ao consumo e cartões de crédito, bem como a produtos de poupança (Planos BES).

Por outro lado, beneficiando da retoma da actividade económica, nomeadamente no sector exportador, o crédito a empresas evoluiu 16,7% permitindo um reforço do posicionamento do Grupo particularmente significativo no segmento de médias empresas, onde o crédito cresceu 22%.

No que respeita à captação de recursos, os recursos de Clientes de balanço aumentaram 14,8%, enquanto os recursos de desintermediação apresentaram uma variação anual de 12,4%, suportada pela dinamização da oferta de produtos banca seguros vida (em particular PPR's), fundos de investimento e gestão de carteiras.

A actividade do Grupo resultou no crescimento de 10,9% do produto bancário, o que aliado a uma contenção do aumento dos custos operativos de 3,5% permitiu reforçar a eficiência medida pelo *cost to income* que decresceu de 56% em 2005 para 52% em 2006. Neste particular, destacam-se os acentuados progressos verificados na racionalização e integração dos serviços do Grupo BES, nomeadamente na área de informática e na integração do BIC e da Crediflash.

Fruto da melhoria sistemática das metodologias, processos e sistemas de suporte inerentes à gestão do risco, a par de uma rigorosa política de concessão de crédito e de um reforço das recuperações, verificou-se uma redução significativa dos níveis de sinistralidade da carteira. O rácio de crédito vencido há mais de 90 dias diminuiu para 1,1%, com a respectiva cobertura por provisões a aumentar para 218%. Neste contexto, foi possível reduzir o esforço de provisionamento de 69 pb em 2005 para 51 pb em relação à carteira de crédito.

O resultado do exercício totalizou, assim, 420,7 milhões de euros, o que representa um crescimento homólogo de 50%. Excluindo o efeito da provisão extraordinária constituída em 2005 para a integração do BIC, ainda assim o resultado consolidado aumentaria 30%.

A rentabilidade dos capitais próprios (ROE) atingiu 14,7%, negativamente influenciada pelo aumento substancial dos capitais próprios decorrente do aumento de capital realizado. Por outro lado, verificou-se uma melhoria substancial da rentabilidade do activo para 0,81% (0,61% em 2005).

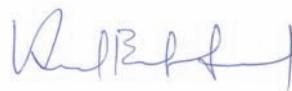
Os rácios de Solvabilidade foram significativamente reforçados, com a operação de aumento de capital: o *Core Tier I* evoluiu para 7% (4,7% em 2005) e o *Tier I* para 8,4% (6,2% em 2005). As maiores exposições accionistas da carteira de "activos disponíveis para venda" reflectiam no final do ano uma mais valia potencial bruta de 656,3 milhões de euros das quais se destaca a participação no Banco Bradesco com uma mais valia de 496,1 milhões de euros. Estes ganhos potenciais são elegíveis apenas em 45% no *Tier II* para efeitos prudenciais.

No final de 2006, a capitalização bolsista do BES situou-se nos 6,8 mil milhões de euros, com as acções a apresentarem uma valorização anual de 27,6%. Desde a admissão à cotação das acções resultantes do aumento de capital (1 de Junho de 2006), até ao final do ano, as acções do BES registaram uma valorização de 24,7%.

Por fim, em nome do Conselho de Administração, não poderíamos deixar de expressar um voto especial de pesar pelo falecimento do Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Dr. Carlos Olavo, que presidiu às Assembleias Gerais do Banco desde 1996, tendo primado pela imparcialidade e independência com que sempre conduziu os trabalhos, ganhando o respeito e a admiração dos Órgãos Sociais e Accionistas do Banco Espírito Santo. Conjuntamente, expressamos um sentido voto de reconhecimento pela competência e brilho com que sempre desempenhou as suas funções.

É com um espírito de visão orientada para o futuro e de capacidade intrínseca de renovação que o Grupo BES continuará a sua trajectória de criação de valor que só é possível com a confiança dos Accionistas e dos Clientes e com o inesgotável profissionalismo e lealdade dos Colaboradores.

Às Autoridades Governamentais e de Supervisão, o Conselho de Administração deixa expresso o seu agradecimento pela cooperação e confiança que têm dispensado ao Grupo Banco Espírito Santo.



Ricardo Espírito Santo Silva Salgado
Presidente da Comissão Executiva



António Luís Roquette Ricciardi
Presidente do Conselho de Administração

2.0 O Grupo BES

2.1 Órgãos Sociais

Os órgãos sociais do BES, face ao seu estatuto de sociedade anónima, são eleitos em Assembleia Geral e estão localizados na sede social do Banco. A sua composição actual, para o quadriénio 2004-2007 é a seguinte:

Conselho de Administração

António Luís Roquette Ricciardi (Presidente)
Ricardo Espírito Santo Silva Salgado (Vice-Presidente)
Jean Gaston Pierre Marie Victor Laurent (Vice-Presidente)
Mário Mosqueira do Amaral
José Manuel Pinheiro Espírito Santo Silva
António José Baptista do Souto
Jorge Alberto Carvalho Martins
Aníbal da Costa Reis de Oliveira
José Manuel Ferreira Neto
Manuel de Magalhães Villas-Boas
Manuel Fernando Moniz Galvão Espírito Santo Silva
José Maria Espírito Santo Silva Ricciardi
Jean-Luc Louis Marie Guinoiseau
Rui Manuel Duarte Sousa da Silveira
Joaquim Aníbal Brito Freixial de Goes
Pedro José de Sousa Fernandes Homem
Patrick Gérard Daniel Coudène
Michel Victor François Vilatte^(*)
Mário Martins Adegas
Luís António Burnay Pinto de Carvalho Daun e Lorena
Lázaro de Mello Brandão
Ricardo Abecassis Espírito Santo Silva
Bernard Henri Georges De Witt
José Manuel Ruivo da Pena
Jean Frédéric de Leusse
Amílcar Carlos Ferreira de Morais Pires
Bernard Delas
Miguel António Igrejas Horta e Costa
Nuno Maria Monteiro Godinho de Matos
Alberto Alves de Oliveira Pinto
João Eduardo Moura da Silva Freixa

(*) Renunciou ao cargo em 7 de Fevereiro de 2007.

O Conselho de Administração delega a gestão corrente do Banco numa **Comissão Executiva** composta pelos seguintes Administradores:

Ricardo Espírito Santo Silva Salgado (Presidente)
Mário Mosqueira do Amaral
José Manuel Pinheiro Espírito Santo Silva
José Manuel Ferreira Neto
António José Baptista do Souto
Jorge Alberto Carvalho Martins
José Maria Espírito Santo Silva Ricciardi
Jean-Luc Louis Marie Guinoiseau
Rui Manuel Duarte Sousa da Silveira
Joaquim Aníbal Brito Freixial de Goes
Pedro José de Sousa Fernandes Homem
Amílcar Carlos Ferreira de Morais Pires
João Eduardo Moura da Silva Freixa

Mesa da Assembleia Geral

Paulo de Pitta e Cunha (Presidente)
Fernão de Carvalho Fernandes Thomaz (Vice-Presidente)
Nuno Miguel Matos Silva Pires Pombo (Secretário)

Comissão de Auditoria

Mário Martins Adegas (Presidente)
José Manuel Ruivo da Pena
Luís António Burnay Pinto de Carvalho Daun e Lorena

Revisor Oficial de Contas (ROC)

KPMG Associados, SROC, S.A., representada por Inês Maria Bastos Viegas Clare Neves Girão de Almeida

Secretário da Sociedade

Eugénio Fernando Quintais Lopes

Comissão Executiva



Ricardo Espírito Santo Salgado
(Presidente)



Mário Mosqueira do Amaral



José Manuel Pinheiro Espírito Santo Silva



José Manuel Ferreira Neto



António José Baptista do Souto



Jorge Alberto Carvalho Martins



José Maria Espírito Santo Silva Ricciardi



Jean-Luc Louis Marie Guinoiseau



Rui Manuel Duarte Sousa da Silveira



Joaquim Anibal Brito Freixial de Goes



Pedro José de Sousa Fernandes Homem



Amílcar Carlos Ferreira de Moraes Pires



João Eduardo Moura da Silva Freixa

2.2 Perfil do Grupo BES

2.2.1 Principais Indicadores⁽¹⁾

Principais indicadores de actividade

Variáveis / Indicadores	2004	2005	2006
ACTIVIDADE (milhões de euros)			
Activos Totais ⁽¹⁾	61 603	71 687	84 628
Activo Líquido	43 052	50 222	59 139
Crédito a Clientes (bruto)	28 487	31 662	35 752
Recursos Totais de Clientes	38 754	43 558	49 632
Fundos Próprios e Equiparados	4 622	5 398	7 063
RENDIBILIDADE (%)			
Rendibilidade do Activo (ROA)	0,37	0,61	0,81
Rendibilidade dos Capitais Próprios (ROE)	6,4	13,5	14,7
SOLVABILIDADE (%)			
Rácio Banco de Portugal			
- Total	12,1	12,3	13,1
- TIER I	6,7	6,2	8,4
Rácio BIS			
- Total	13,9	12,7	13,2
- TIER I	7,7	6,5	8,4
QUALIDADE DOS ACTIVOS (%)			
Crédito Vencido >90 dias / Crédito a Clientes	1,6	1,3	1,1
Cobertura do Crédito Vencido > 90 dias	165,3	196,6	218,2
PRODUTIVIDADE / EFICIÊNCIA			
Custos Operativos / Activos Totais (%)	1,44	1,20	1,05
Activos por Empregado (milhares de euros)	8 441	9 444	10 855
Cost to Income (%)	62,0	56,0	52,3
RATING			
Longo Prazo			
STANDARD AND POOR'S ⁽²⁾	A -	A -	A -
MOODY'S	A 1	A 1	A 1
FITCHRatings	A+	A+	A+
Curto Prazo			
STANDARD AND POOR'S ⁽²⁾	A 2	A 2	A 2
MOODY'S	P 1	P 1	P 1
FITCHRatings	F1	F1	F1

(1) Activo Líquido + Asset Management + Outra Desintermediação Passiva + Crédito Securitizado.

(2) Em 28 de Março de 2007 a S&P reviu em alta os ratings do BES para A (longo prazo) e A-1 (curto prazo).

(*) Exercício de 2004: Dados das demonstrações financeiras em base IFRS.

Resultados e rentabilidade

Variáveis / Indicadores	SIMBOL.	2004	2005	2006
BALANÇO MÉDIO (milhões de euros)				
Activos Financeiros	AF	39 240	41 139	45 377
Capital e Reservas	KP	1 890	1 844	2 642
Activo Líquido	AL	41 425	45 924	51 696
CONTA DE EXPLORAÇÃO (milhões de euros)				
Resultado Financeiro	RF	697,0	740,6	829,5
+ Serviços Bancários a Clientes	SB	549,6	555,1	610,5
= Produto Bancário Comercial	PBC	1 246,6	1295,7	1 440,0
+ Resultado de Operações Financeiras e Diversos	RDF	184,4	242,0	264,8
= Produto Bancário	PB	1 431,0	1537,7	1 704,8
- Custos Operativos	CO	887,5	861,2	891,3
- Provisões Líquidas de Reposições	PV	322,3	320,6	241,9
= Resultado antes de Impostos e Minoritários	RAI	221,2	355,9	571,6
- Impostos	I	46,7	65,8	135,4
- Interesses Minoritários	IM	22,9	9,6	15,5
= Resultado do Exercício	RL	151,6	280,5	420,7
RENDIBILIDADE (%)				
Margem Financeira	RF / AF	1,78	1,80	1,83
+ Rendibilidade Serviços Bancários	SB / AF	1,40	1,35	1,35
+ Rendibilidade Operações Financeiras e Diversos	RDF / AF	0,47	0,59	0,58
= Margem de Negócio	PB / AF	3,65	3,74	3,76
- Relevância Custos Operativos	CO / AF	2,26	2,09	1,96
- Relevância Provisões	PV / AF	0,82	0,78	0,53
- Interesses Minoritários e Outros	(IM+I) / AF	0,18	0,18	0,33
= Rendibilidade do Activo Financeiro	RL / AF	0,39	0,68	0,93
x Relevância Activos Financeiros	AF / AL	0,95	0,90	0,88
= Rendibilidade do Activo (ROA)	RL / AL	0,37	0,61	0,81
x Multiplicador das Aplicações	AL / KP	17,38	22,16	18,01
= Rendibilidade dos Capitais Próprios (ROE)	RL / KP	6,36	13,54	14,66

Indicadores de referência do Banco de Portugal

O quadro seguinte sistematiza os indicadores de referência instituídos pela Instrução n.º16/2004 do Banco de Portugal para o exercício de 2006 em comparação com o ano anterior.

Indicadores	2005	2006
SOLVABILIDADE		
Fundos Próprios/Activos de Risco	12,3%	13,1%
Fundos Próprios de Base/Activos de Risco	6,2%	8,4%
QUALIDADE DO CRÉDITO		
Crédito com Incumprimento ^(b) /Crédito Total	1,8%	1,4%
Crédito com Incumprimento líquido ^(b) /Crédito Total líquido ^(b)	-0,9%	-1,1%
RENDIBILIDADE		
Resultado antes de Impostos e de Interesses Minoritários/ Capitais Próprios médios ^(c)	13,2%	15,1%
Produto Bancário ^(a) /Activo Líquido médio	3,3%	3,3%
Resultado antes de Impostos e de Interesses Minoritários/ Activo Líquido médio	0,8%	1,1%
EFICIÊNCIA		
Custos de Funcionamento ^(d) + Amortizações /Produto Bancário ^(d)	56,0%	52,3%
Custos com Pessoal/Produto Bancário ^(d)	29,5%	28,1%

(a) De acordo com a definição constante da Carta Circular n.º 99/03/2003 do Banco de Portugal.

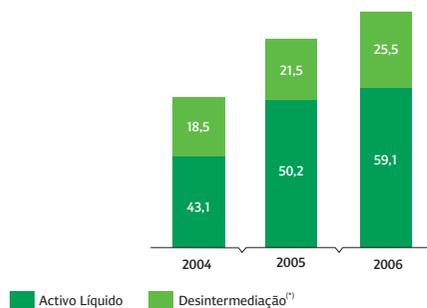
(b) Crédito líquido de imparidade.

(c) Incluem Interesses Minoritários médios.

(d) De acordo com a definição constante da Instrução n.º16/2004 do Banco de Portugal.

Activos totais

mil milhões de euros

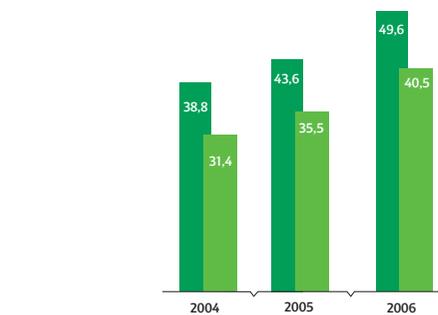


Activo Líquido Desintermediação^(*)

(*) Activa e passiva.

Actividade com Clientes^(*)

mil milhões de euros

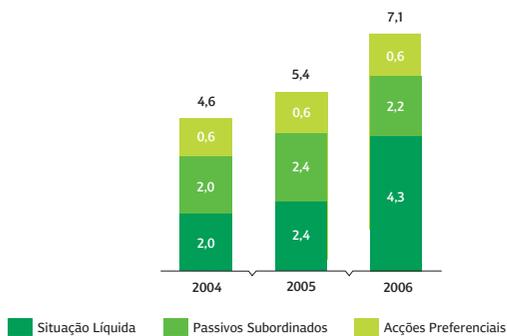


Crédito Recursos Totais

(*) Inclui desintermediação passiva e activa.

Fundos próprios e equiparados

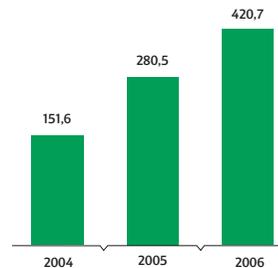
mil milhões de euros



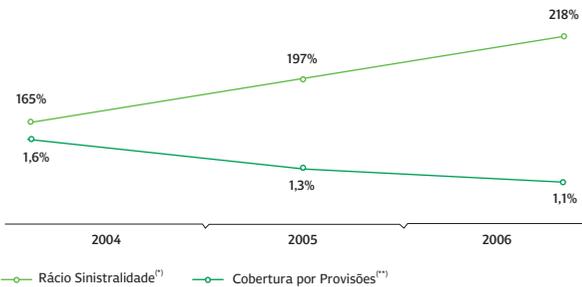
Situação Líquida Passivos Subordinados Acções Preferenciais

Resultado líquido

milhões de euros



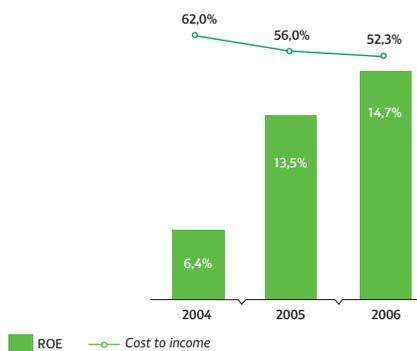
Qualidade dos activos



(*) Crédito vencido há mais de 90 dias / Crédito bruto.

(**) Provisões / Crédito vencido há mais de 90 dias.

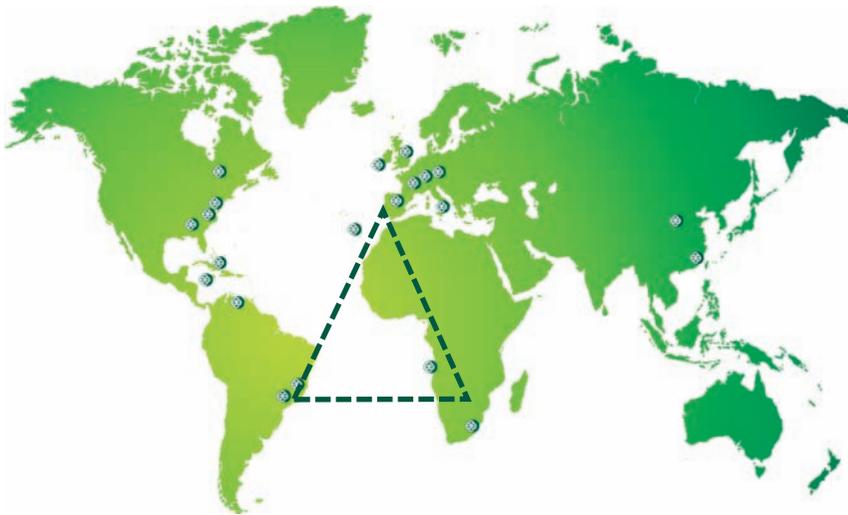
Rendibilidade e eficiência



2.2.2 Presença Geográfica e Rede de Distribuição

O Grupo BES prossegue uma estratégia de crescimento orgânico no mercado doméstico complementada por uma presença internacional focada em mercados com afinidades culturais e/ou económicas com Portugal, bem como em mercados que demonstram um elevado potencial em áreas específicas onde o Grupo detém particulares competências.

Complementarmente, a exploração das actividades internacionais, aproveitando as afinidades existentes com o mercado espanhol bem como com os países de expressão portuguesa, sendo de realçar no último caso Angola e Brasil, assenta essencialmente na exportação da *expertise* e competências do Grupo no *Private Banking*, na Banca de Empresas e na Banca de Investimento, em particular na área de *project finance*.



O BES possui 25 plataformas a operar internacionalmente:

7 Subsidiárias e Associadas: BES (Espanha)⁽¹⁾, BES Angola, BES Oriente (Macau), BES Investimento do Brasil, BES Vénétie (França), ES Bank (EUA) e ES plc (Irlanda);

5 Sucursais Internacionais: Nova Iorque, Londres, Cabo Verde, Nassau e Ilhas Caimão;

1 Sucursal Financeira Exterior: Madeira;

12 Escritórios de Representação: Toronto, Newark (3), Caracas, Rio de Janeiro, São Paulo, Lausana, Colónia, Milão, Joanesburgo e Xangai.

(1) Foi autorizada pelo Banco de Espanha em 15 de Janeiro de 2007 a transformação do BES, SA (Espanha) em sucursal do BES

Em Portugal, o BES opera através de uma rede de retalho de 630 balcões, complementada com 28 Centros *Private* e 27 Centros de Empresas.

ES Private 28

Centros de Empresa 27



2.2.3 Recursos Humanos

Os recursos humanos são o elemento chave para o elevado grau de eficiência e produtividade alcançado. A política de recursos humanos assenta no princípio essencial da promoção do capital intelectual enquanto factor diferenciador da marca.

O modelo de gestão caracteriza-se pelo desenvolvimento e motivação dos Colaboradores, potenciando as suas competências através da sua permanente qualificação assegurada por planos de formação específicos a cada segmento, a par de planos de formação transversais ao Grupo.

O ano de 2006, ficou marcado pela necessidade de estabilização da estrutura do BES após a fusão por incorporação do BIC e pela integração de algumas actividades que estavam a ser desenvolvidas por subsidiárias e por Agrupamentos Complementares de Empresas. Neste contexto houve uma forte aposta na política de admissões centrada na contratação de colaboradores mais jovens e mais qualificados, continuando a privilegiar a formação académica superior (actualmente cerca de 44% dos colaboradores têm formação académica superior).

Em 2006, o efectivo do Grupo BES era composto por 43% de mulheres e 57% de homens, sendo que a idade média dos colaboradores era de 37,6 anos. A percentagem de colaboradores com mais de 50 anos reduziu-se de 23% em 2000 para 13,3% no final de 2006

Colaboradores do Grupo BES	2005	2006
Portugal	7 536	7 707
Espanha	459	471
Brasil	113	129
EUA	133	121
Angola	177	265
Outros	106	111
Total	8 524	8 804

2.3 Acções BES

Em 31 de Dezembro de 2006 o capital social do Banco Espírito Santo era de 2 500 milhões de euros e encontrava-se representado por 500 milhões de acções ordinárias com o valor nominal de cinco euros cada. No mês de Maio de 2006 o BES efectuou um aumento do capital social de 1 500 milhões de euros para 2 500 milhões de euros, através da emissão de 200 milhões de novas acções.

O comportamento bolsista das acções do BES foi, em 2006, influenciado pelo efeito do aumento de capital, pelo que, para efeitos de comparabilidade com o ano anterior, se procederam aos ajustamentos necessários.

Em 2006 o mercado accionista nacional seguiu a tendência de valorização observada nos principais mercados europeus. O índice PSI 20 registou uma variação anual positiva de 29,9%, superior à valorização do ano anterior (13,4%), com aumento dos níveis de volatilidade que evoluíram de 8,3% em 2005 para 9,2% em 2006.

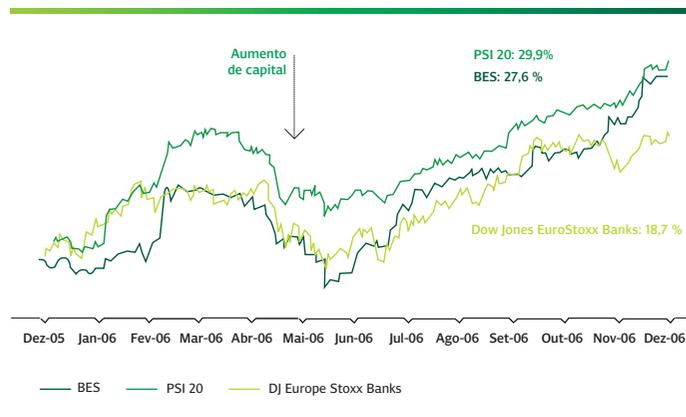
A cotação da acção BES registou uma valorização de 27,6% no ano de 2006, largamente superior à valorização do ano anterior (2,3%). As acções apresentaram uma volatilidade de 36,3%, evoluindo de um mínimo de 10,21 euros até um máximo de 13,92 euros (considerando as cotações corrigidas pelo aumento de capital).

Principais indicadores de bolsa

		Dez. 05 (a)	Dez. 06		Var. (c/a)
			Não Ajustado (b)	Ajustado (c)	
Dados de Bolsa					
01. N.º de Acções Ordinárias emitidas	(mil)	300 000	500 000	387 500 ⁽⁵⁾	29,2%
02. N.º médio ponderado de Acções Ordinárias emitidas	(mil)	300 000	417 222 ⁽⁴⁾	387 500 ⁽⁵⁾	29,2%
03. Última Cotação do ano	(euro)	10,67 ⁽⁷⁾	13,62	13,62	27,6%
04. Capitalização Bolsista no final do ano	(milhões de euros)	4 080	6 810	6 810	66,9%
Dados Financeiros Consolidados (valores de final do ano)					
05. Capital Próprio atribuível aos Accionistas ⁽¹⁾	(milhões de euros)	2 924	4 736	4 736	62,0%
06. Capital Próprio atribuível às Acções Ordinárias ⁽²⁾	(milhões de euros)	2 324	4 136	4 136	78,0%
07. Resultado	(milhões de euros)	280,5	420,7	420,7	50,0%
08. Resultado atribuível às Acções Ordinárias	(milhões de euros)	247,0	387,2	387,2	56,8%
09. Dividendo Bruto das Acções Ordinárias	(milhões de euros)	120,0	200,0 ⁽⁶⁾	200,0	66,7%
10. Pay Out Ratio das Acções Ordinárias	(%) (09/07)	42,8	47,5	47,5	4,7p.p.
Valores por Acção Ordinária					
11. Património Líquido	(euro) (06/01)	7,75	8,27	10,67	37,8%
12. Resultado	(euro) (08/01)	0,82	0,77	1,00	21,4%
13. Dividendo Bruto	(euro) (09/01)	0,400	0,400	0,516	29,0%
Cotação como Múltiplo do					
14. Património Líquido	PBV (03/11)	1,76 ⁽⁷⁾	1,65	1,28	-
15. Resultado	PER (03/12)	16,52 ⁽⁷⁾	17,59	13,63	-
Rendibilidade em Relação à Cotação					
16. do Resultado	(%) (10/02)	6,05 ⁽⁷⁾	5,69	7,34	-
17. do Dividendo (Dividend Yield)	(%) (11/02)	2,94 ⁽⁷⁾	2,94	3,79	-

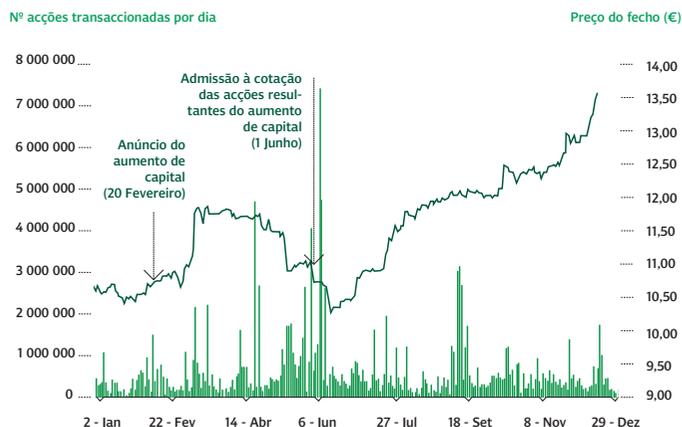
- (1) Capital + Acções Preferenciais + Prémios de Emissão - Acções Próprias + Outras Reservas e Resultados Transitados + Reservas de Reavaliação + Resultado.
(2) Exclui Acções Preferenciais.
(3) Cotação corrigida pelo aumento de capital (Fonte: Bloomberg) cotação em 31/Dez/05: 13,60 euros.
(4) N.º médio de acções ordinárias, ponderado pelo tempo de permanência após o aumento de capital.
(5) Valor ajustado pelo tempo de permanência e excluindo acções atribuídas por incorporação de reservas: 300 milhões de acções + 7/12x 150 milhões de acções.
(6) Proposta a apresentar na Assembleia Geral em 29 de Março de 2007 de um dividendo de 0,40 euros por acção para a totalidade das acções existentes no final do exercício.
(7) Considerando a última cotação de 2005: 13,60 euros.

Performance das acções do BES em 2006



Desde a admissão à cotação das acções resultantes do aumento de capital (em 1 de Junho 2006), registou-se uma valorização de 24,7%, o que compara com uma valorização de 19,2% do PSI 20 e 13,6% DJ Eurostoxx Banks. Esta evolução foi influenciada em grande medida pelo aumento do *free float*, com impacto significativo na liquidez das acções e no alargamento da base de investidores institucionais no capital do Banco. Foi particularmente relevante o aumento do número de contactos efectuados com investidores institucionais (particularmente internacionais), através de reuniões *one-on-one* e da participação em conferências organizadas por diferentes bancos de investimento, o que permitiu aumentar significativamente a notoriedade no mercado internacional.

Aumento da liquidez



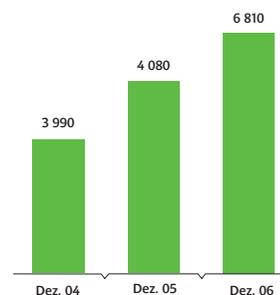
O volume anual de transações das ações BES foi de 1 922 milhões de euros (731 milhões de euros em 2005). A rotação do capital, medida pelo rácio *turnover* (relação entre volume anual transacionado e a capitalização bolsista no final do ano), situou-se em 28,2% (17,9% em 2005). A ação BES foi o terceiro título mais transacionado na Euronext *Lisbon* e o segundo entre as instituições financeiras. Durante o ano de 2006 transacionaram-se em média 650 mil ações por dia, correspondente a 7,5 milhões de euros, o que compara com uma média de 273 mil ações por dia (2,8 milhões de euros) durante o ano de 2005. Considerando o período compreendido entre a admissão à cotação das ações resultantes do aumento de capital e o final do ano, foram transacionadas diariamente em média 646 mil ações (volume diário correspondente a 7,6 milhões de euros).

Relativamente à valorização pelo mercado, o PER (*Price Earnings Ratio*) ajustado foi de 13,63 no final de 2006, enquanto o PBV (*Price Book Value*) se situou em 1,28.

A capitalização bolsista do BES em 31 de Dezembro de 2006 (6 810 milhões de euros) representa a segunda maior capitalização bolsista de empresas nacionais na área financeira na Euronext *Lisboa* e a quarta maior capitalização no PSI 20. O BES tem ainda um peso de 8,6% (Dez. 05: 7,2%) na capitalização bolsista PSI Geral.

Evolução da capitalização bolsista do BES

milhões de euros



Índices

A ação do BES está admitida à cotação na Euronext *Lisboa* e faz parte, entre outros, dos seguintes índices:

A ação do BES	Peso em 2005	Peso em 2006
Euronext Lisbon PSI Financials	26,210%	29,060%
PSI-20	8,330%	9,410%
PSI Geral	7,150%	8,588%
Dow Jones Euro STOXX Mid (Price)	0,490%	0,728%
Dow Jones EURO STOXX Banks Supersector (Price)	0,310%	0,403%
Bloomberg Europe Banks	0,219%	0,363%
Dow Jones STOXX Mid 200 (Price) – EUR	0,260%	0,349%
WT International Midcap Dividend	0,305%	0,338%
S&P Euro Financials GICS Sector	0,250%	0,316%
Euronext 100	0,230%	0,314%
S&P Europe 350 Banks Industry Group	0,220%	0,285%
Bloomberg Europe 500 Banks & Financial Services	0,270%	0,257%
Dow Jones EUROPE STOXX Banks (Price)	0,160%	0,216%
WT International Financial Sector	0,188%	0,200%
Bloomberg European Financial	0,200%	0,193%
BBG World Banks	0,119%	0,192%
S&P Europe 350 Financials - GICS Sector Level	0,131%	0,168%
WT Diefa High-Yielding Dividend Fund Value ^(*)	-	0,117%
S&P Europe Economic Sectors GICS Sector Level	0,080%	0,109%
Dow Jones EURO STOXX (Price)	0,070%	0,094%
WT Europe Dividend	0,078%	0,087%
S&P Euro Plus	0,063%	0,083%
Bloomberg Europe	0,050%	0,069%
WT Diefa	0,060%	0,068%
Global 1200 Financial Sector	0,046%	0,065%
Bloomberg European (500 Industry Sectors)	0,060%	0,059%
Bloomberg Europe (500 Economic Sectors)	0,060%	0,059%
Dow Jones STOXX 600 (Price)	0,030%	0,048%

Fonte: Bloomberg

(*) Desde a data de criação do índice: Junho de 2006

O Grupo BES tem ainda admitidas à cotação na Luxembourg Stock Exchange 600 mil acções preferenciais sem direito a voto com o valor nominal de mil euros, emitidas pela subsidiária BES Finance, Ltd.

Composição Accionista

A composição accionista do Banco registou algumas alterações na sequência do aumento de capital. Os principais Accionistas em 31 de Dezembro de 2006 eram os seguintes:

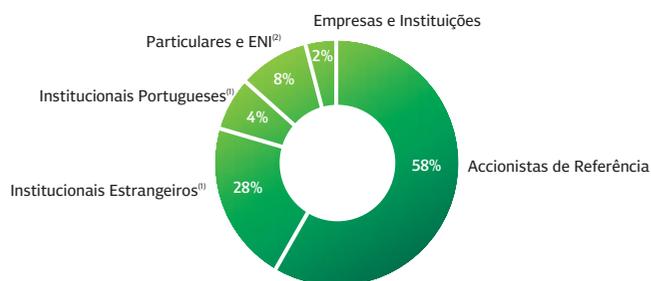
Accionistas	% Acções Ordinárias	
	Dez. 05	Dez. 06
BESPAR — Sociedade Gestora de Participações Sociais, S.A.	4,98	40,00
Crédit Agricole, S.A.	8,81	10,81
Companhia de Seguros Tranquilidade - Vida, S.A.	6,46	0,00
Bradport, SGPS, S.A. ^(*)	3,05	3,05
Hermes Pensions Management Ltd.	0,00	2,13
Grupo Portugal Telecom	4,02	4,02
Previsão - Sociedade Gestora de Fundos de Pensões, S.A.	2,62	2,62
Portugal Telecom, S.G.P.S., S.A.	1,40	1,40

(*) Sociedade de direito português inteiramente detida pelo Banco Bradesco (Brasil)

A operação de aumento de capital permitiu ao BES, enquanto entidade cotada, alargar consideravelmente a sua base de investidores, com o *free float* a evoluir de 36% em 2005 para 42% em 2006.

O capital do Banco estava em 31 de Dezembro de 2006 repartido da seguinte forma:

Estrutura Accionista em 31 de Dezembro de 2006 (% Participação no Capital)



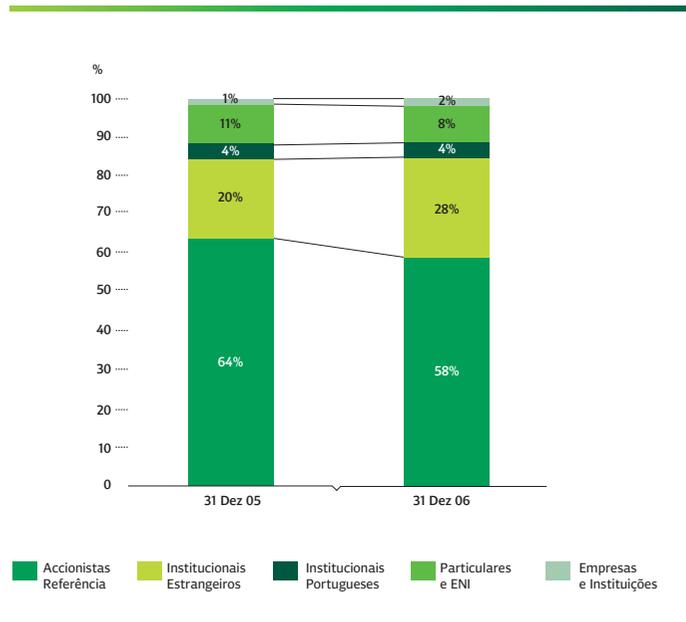
(1) Inclui participações detidas por Sociedades Gestoras de Fundos de Investimento, Sociedades Gestoras de Fundos de Pensões, Sociedades Gestoras de Patrimónios, Bancos Custodiantes, entre outros.

(2) ENI - Empresários em Nome Individual.

No final de 2006, os Accionistas institucionais representavam cerca de 32% do capital, um reforço significativo face a 24% em 2005, com particular ênfase no aumento do peso de Accionistas institucionais estrangeiros (evolução de 20% para 28% do capital), essencialmente decorrente do aumento de *free float* das acções e da liquidez em bolsa.

Evolução da estrutura Accionista

(% participação no capital)



Dividendos

O Banco tem como objectivo distribuir aos seus Accionistas dividendos que representem, pelo menos, 50% do resultado líquido individual. No entanto, tal intenção está dependente da evolução das condições financeiras e dos resultados do BES, bem como de outros factores que o Conselho de Administração considere relevantes.

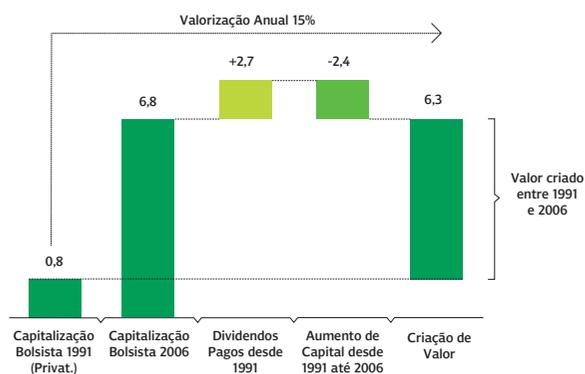
Neste contexto, e conforme consta da proposta de aplicação dos resultados do exercício de 2006, o Conselho de Administração do BES vai submeter à aprovação da Assembleia Geral o pagamento de um dividendo bruto por acção no valor de 0,40 euros, que ajustado pelo efeito do aumento de capital representa um aumento de 29% face ao valor total distribuído no ano anterior. Em base comparável (ajustado pelo número médio de acções durante o ano de 2006), o *Dividend yield* (relação entre o dividendo bruto por acção e a cotação) evoluiu de 2,94% para 3,79% com o *Pay-out ratio* consolidado correspondente a situar-se em 47,5% que compara com 42,8% em 2005.

Criação de Valor para o Accionista

O BES tem como principal prioridade a criação de valor para o Accionista de forma sustentada. Ajustando a capitalização bolsista a 31 de Dezembro de 2006 pelo valor actual dos dividendos distribuídos e dos aumentos de capital realizados desde 1991, e comparando com a capitalização bolsista de 1991, verifica-se que a estratégia de crescimento orgânico resultou na criação de 6,3 mil milhões de euros de valor desde a privatização do Banco, o que corresponde a uma valorização anual média de 15%.

Criação de valor para o Accionista desde a privatização

mil milhões de euros



Notas:

- Considera apenas aumentos de capital por entrada em dinheiro.
- Valores de aumentos de capital e dividendos actualizados a taxa de retorno absoluto das acções até 31 de Dezembro de 2006.
- Capitalização bolsista em 2006 baseada no preço de fecho do final do ano 2006 (13,62 euros).

Acções Próprias

Em conformidade com o artigo nº 66 do Código das Sociedades Comerciais, informa-se que as transacções sobre acções próprias realizadas no decorrer do exercício de 2006 se reportaram, exclusivamente, a transacções relacionadas com a implementação do Sistema de Incentivos baseado na Atribuição de Acções aos Colaboradores (SIBA).

Acções BES	Quantidade	Valor Unitário (euro)	Total (euro)
Saldo em 31 Dez 2005	0	-	-
Movimento no Exercício ^(*)			
Compras	2 215 244	14,95	33 117 898
Vendas	2 215 244	14,95	33 117 898
Saldo em 31 Dez 2006	0	-	-

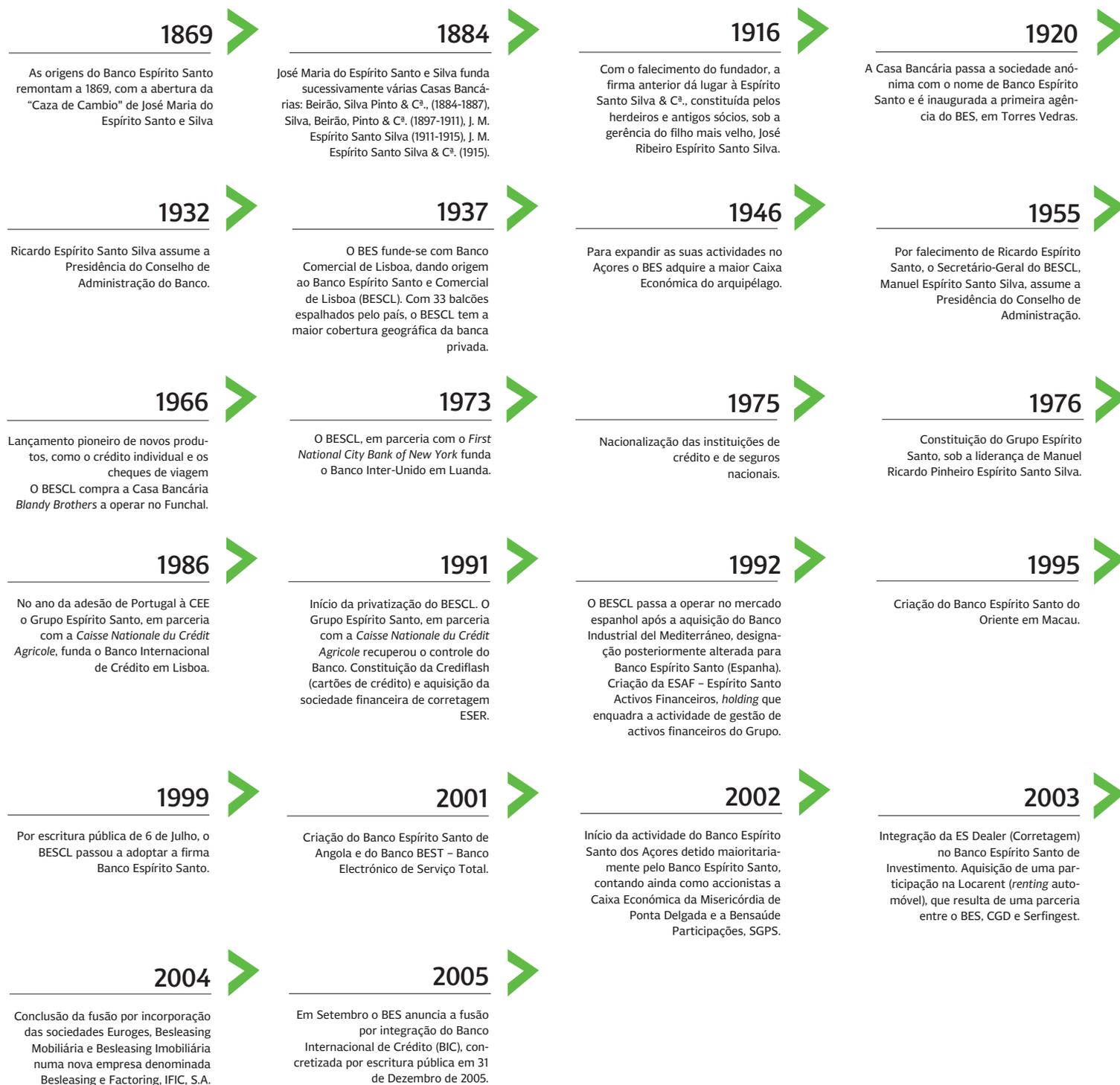
(*) Inclui transacções em bolsa e fora de bolsa.

Em 31 de Dezembro de 2006 a rubrica “Acções Próprias” do balanço do BES evidenciava o valor de 63 732 milhares de euros correspondente à mobilização de 5 667 612 acções enquadradas no âmbito do SIBA, cujo tratamento contabilístico está devidamente justificado nas Notas Explicativas às Demonstrações Financeiras.



2.4 Marcos Históricos e Principais Acontecimentos de 2006

2.4.1 Marcos Históricos



2.4.2 Principais Acontecimentos de 2006

Janeiro

28 O Banco Espírito Santo concretiza a renovação da sua identidade corporativa, que se traduziu na alteração da imagem em todos os suportes em que é comunicada.

Fevereiro

02 O Grupo BES divulga os resultados consolidados do exercício de 2005. O resultado líquido do exercício ascendeu aos 280,5 milhões de euros, o que equivale a um crescimento anual de 85% em base comparável (IFRS) e a uma rentabilidade dos capitais próprios (ROE) de 13,5%.

20 O Banco Espírito Santo anuncia que pretende submeter para aprovação em Assembleia Geral de 17 de Abril uma proposta de aumento de capital de 1 500 milhões de euros para 2 500 milhões de euros.

21 O Conselho de Administração do BES comunica que designou por cooptação para preenchimento de dois lugares vagos (não executivos) no Conselho de Administração Nuno Maria Monteiro Godinho de Matos e Alberto de Oliveira Pinto.

24 O Conselho de Administração do BES anuncia os objectivos estratégicos para o período de 2006-2009.

Março

21 a 22 O BES participa na *European Banks Conference* organizada pela *Morgan Stanley* em Londres.

24 O BES informa o Mercado sobre a proposta preliminar de aquisição do Banco Urquijo, em Espanha.

Abril

17 Em Assembleia Geral do BES, os Accionistas aprovam o relatório de gestão, as contas individuais e consolidadas do exercício de 2005 e a respectiva aplicação de resultados. Foi, ainda, aprovada a proposta de aumento de capital de 1 500 milhões de euros para 2 500 milhões de euros.

18 Lançamento do programa "da Matemática à Literacia Financeira", um projecto de comunicação escolar que pretende contribuir para responder às carências existentes no que respeita ao incentivo e estímulo ao ensino e aprendizagem da matemática.

24 O Grupo BES divulga os resultados relativos ao primeiro trimestre de 2006. O resultado líquido consolidado totalizou 105,1 milhões de euros, a que corresponde um ROE de 20,5%.

Maio

03 Pagamento dos dividendos relativos ao exercício de 2005, no valor bruto de 0,40 euros por acção, o que representa um *payout ratio* de 42,8% em base consolidada e de 63,1% em base individual.

12 O BES informa o Mercado sobre a proposta vinculativa de aquisição do Banco Urquijo, em Espanha.

16 O BES apresenta os resultados do processo de *bookbuilding* no âmbito do aumento de capital.

20 No âmbito do apoio à Selecção Nacional de Futebol para o Mundial de 2006, o BES lança uma campanha única de apoio à Selecção "A Mais Bela Bandeira do Mundo" e entra para o *Guinness World Records* por ter realizado a maior bandeira humana do mundo com 18 788 participantes e com a originalidade de ser totalmente constituída por mulheres.

30 Conclusão da fusão por incorporação da Crediflash no BES.

Junho

01 As novas acções resultantes do aumento de capital são admitidas à cotação na Euronext Lisbon.

27 O BES concretiza a aquisição de 50% do capital social da Companhia de Seguros Tranquilidade-Vida e a alienação de 15% do capital social da Espírito Santo Seguros, mantendo uma participação de 25% nesta sociedade. Ambas as seguradoras alteram os seus nomes para BES Vida Companhia de Seguros e BES Companhia de Seguros, respectivamente.

Julho

07 O Banco Espírito Santo inaugura uma sucursal na Cidade da Praia em Cabo Verde.

18 O BES anuncia a incorporação do BES (Espanha), passando a sucursal, tendo o Banco de Espanha autorizado esta operação em 15 de Janeiro de 2007.

25 O BES divulga os resultados do primeiro semestre de 2006. O resultado líquido consolidado foi de 200,7 milhões de euros, traduzindo um crescimento de 34,7% face ao período homólogo do ano anterior, e correspondendo a um ROE de 17,6%.

Setembro

12 O BES comunica ao mercado que a sociedade gestora *Hermes Pensions Management* adquiriu 10 milhões de acções do BES, representativas de 2% do capital social do Banco.

25 É concluída a operação de securitização *Lusitano Mortgages No. 5*, a oitava operação de securitização realizada pelo Grupo BES no mercado internacional, no montante total de 1,4 mil milhões de euros.

20 a 21 O BES participa na *European Financials Conference* organizada pela *Keefe, Bruyette & Woods* em Londres.

Outubro

24 Os resultados relativos aos primeiros nove meses do ano são divulgados, tendo o Grupo apresentado um resultado líquido de 304,7 milhões de euros, a que corresponde um crescimento homólogo de 46,5% e um ROE de 15,2%.

Novembro

09 É concluída a operação de securitização *Lusitano SME No. 1*, a primeira operação de securitização de créditos concedidos a pequenas e médias empresas portuguesas no montante total de 863 milhões de euros. Foi a nona operação de securitização realizada pelo Grupo BES no mercado internacional.

Dezembro

18 Realiza-se uma Assembleia Geral Extraordinária, onde os Accionistas procedem à designação de membros da Mesa da Assembleia Geral, ratificam a cooptação feita para preenchimento de uma vaga ocorrida no Conselho de Administração, deliberam sobre uma proposta de reformulação do contrato de sociedade, em que se atribui a função de fiscalização da sociedade à Comissão de Auditoria em conjunto com o Revisor Oficial de Contas, tendo-se procedido à sua eleição.

31 O Grupo BES atinge um resultado líquido de 420,7 milhões de euros, a que corresponde um crescimento homólogo de 50% e um ROE de 14,7%.



3.0 Estratégia e Modelo de Negócio

O Grupo Banco Espírito Santo assume como principais eixos de desenvolvimento e diferenciação estratégicos a prestação de serviços caracterizados pela excelência e permanente orientação para as necessidades de cada Cliente, constituindo-se como um grupo financeiro universal que serve todos os segmentos de Clientes particulares, empresariais e institucionais, oferecendo-lhes uma gama abrangente de produtos e serviços financeiros através de abordagens e propostas de valores diferenciadas, capazes de responder de forma distintiva às suas necessidades, assente em três vectores: conhecer melhor as necessidades, desenvolver a oferta de acordo com as necessidades identificadas e encontrar as melhores soluções.

O aumento de capital realizado em 2006 teve como objectivos essenciais por um lado permitir o reforço do posicionamento competitivo em Portugal, nomeadamente através da aquisição de 50% do capital da BES Vida o que representa uma participação directa no negócio de Bancaseguros, e por outro sustentar uma expansão internacional focada no triângulo Espanha, Angola e Brasil.

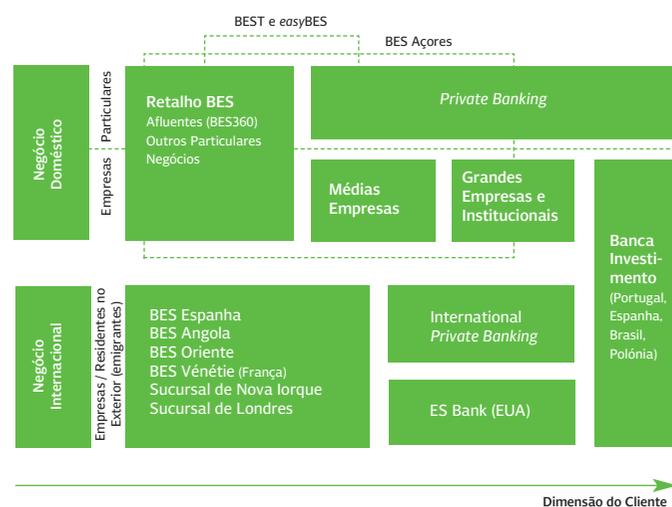
Em consequência do plano de médio prazo definido pelo Conselho de Administração, foram delineados os seguintes objectivos para o período de 2006 a 2009:

- Rendibilidade média dos capitais próprios de 15% durante o período;
- Crescimento médio anual de 20% nos resultados líquidos, baseado em:
 - Crescimento sustentado da actividade doméstica, de forma a aumentar a quota de mercado média para 20%;
 - Aumento da contribuição dos resultados líquidos gerados nas operações internacionais para 35% do resultado líquido consolidado;
- *Cost to Income* (relação entre custos operativos e produto bancário) inferior a 50% em 2009.

Estes objectivos têm como principais pressupostos por um lado a recuperação gradual, mas sustentada, do crescimento da economia portuguesa e, por outro, o crescimento do crédito e dos recursos de Clientes no mercado português.



Abordagem multi-especialista do Grupo BES ao mercado



Como consequência do aprofundamento do modelo multiespecialista, suportado numa estratégia de crescimento orgânico, o Grupo BES duplicou a quota de mercado média de 8,5% em 1992 para 19% em 2006.

Evolução da quota de mercado por produto e da quota de mercado média



(E) Estimativa

Este resultado é uma consequência natural do forte dinamismo junto dos segmentos de Clientes Particulares e Empresas, e da prossecução dos seguintes objectivos:

- Reforço dos níveis de captação de Clientes;
- Reforço da abordagem aos Clientes e sectores estratégicos através da criação ou do reposicionamento das propostas de valor;

- Aumento do *share-of-wallet* do BES junto dos seus Clientes, em particular através da promoção de iniciativas de *cross-selling*.

No caso específico do Retalho, a especialização da abordagem comercial em torno das necessidades financeiras dos Clientes levou à criação do serviço BES 360 (direccionado para os Clientes afluentes) e à renovação da abordagem às pequenas empresas e empresários em nome individual, apostando num crescimento focalizado em sectores de actividade definidos como estratégicos, designadamente em matéria de dimensão de recursos e de níveis de risco. Mais recentemente, e após a consolidação da abordagem aos segmentos de maior valor, foi desenvolvida uma proposta de valor para os outros segmentos de particulares, assente numa standardização de produtos e serviços numa lógica de ciclo de vida do Cliente.

A estratégia definida para o segmento de Banca de Empresas é consistente com a evolução da realidade empresarial dos últimos anos. O BES dispõe de uma estrutura central de apoio à rede comercial dos segmentos de empresas, assegurando a dinamização comercial dos agentes económicos (nacionais e internacionais) que mantêm relações financeiras com o Grupo BES.

A dinâmica da Banca de Empresas beneficiou, assim, da retoma da actividade económica, designadamente do sector exportador. Importa realçar a forte implantação do Grupo neste segmento, como primeiro banco e apoiar, desde sempre, os esforços de internacionalização das empresas portuguesas, tendo sido considerado, em 2006, pela revista *Global Finance* como “*Best Trade Finance Bank*” em Portugal, um prémio que distingue os melhores bancos a actuar na área de *Trade Finance* em 57 países. Esta distinção tem uma clara tradução na quota de mercado ao nível do *trade finance*, que se situa em cerca de 28%.

Face à crescente internacionalização e abertura dos mercados financeiros, a necessidade de obter uma dimensão acrescida como factor propiciador de economias de escala e ganhos de eficiência operacional, conduziu a uma expansão internacional para países com crescimento superior e afinidades significativas com o mercado português (Espanha, Brasil e Angola). Nestes países, o Grupo adopta uma estratégia de servir Clientes locais de segmentos específicos, mas também os Clientes que desenvolvem actividades económicas transnacionais.

A crescente implantação geográfica para além do território nacional - propiciadora de níveis elevados de crescimento que vêm complementar o aproveitamento pleno do potencial da base de Clientes nacional - a aposta na excelência e no constante aperfeiçoamento do serviço prestado e ainda a eficiência operacional da actividade desenvolvida são requisitos assumidos como fundamentais para o reforço da autonomia estratégica do Grupo BES no médio e longo prazo.

A elevada diversificação da base de Clientes doméstica, aliada à complementaridade da actividade internacional, tem contribuído para a estabilidade dos proveitos gerados ao longo do tempo, traduzindo-se num padrão de crescimento sustentado dos resultados.

3.1 Banca de Retalho

O ano de 2006 na Banca de Retalho foi marcado por um elevado dinamismo comercial junto dos Clientes Particulares e Negócios, decorrente de um conjunto de acções desenvolvidas.

A forte dinâmica comercial registada foi sustentada pela promoção de iniciativas de captação e de controlo da erosão de Clientes. Este esforço continuado permitiu ao Grupo captar 150 mil novos Clientes particulares (crescimento homólogo de 25%) o que, aliado ao reforço da capacidade de retenção, gerou um aumento da captação líquida de 58% face ao ano de 2005. No cômputo global, entre 2005 e 2006, o BES apresentou um crescimento líquido da base de Clientes superior a 190 mil. Importa referir que este esforço de captação está a permitir um importante rejuvenescimento da base de Clientes, nomeadamente através de um forte contributo da faixa etária abaixo dos 30 anos.

Em paralelo a esta dinâmica de captação, o ano de 2006 permitiu aumentar o número de Clientes fidelizados como consequência da consolidação das abordagens segmentadas que têm vindo a ser adoptadas desde 2004, visando servir de forma cada vez mais especializada os vários segmentos, tendo em consideração as respectivas necessidades financeiras.



Assurfinance: a maioria do Mundo T

Em 2006, o programa *Assurfinance* voltou a contribuir de forma muito significativa para o desempenho da banca de Retalho do Grupo Banco Espírito Santo.

Este programa, que assenta numa parceria entre o BES e a Companhia de Seguros Tranquilidade, envolve um universo de 1 200 agentes, sendo de destacar em 2006 uma captação pelo BES de cerca de 27 250 novos Clientes, a colocação de mais de 25 mil cartões de crédito ("Cartões T") bem como o contributo para 15% da produção total de crédito habitação (14% em 2005).

Estes resultados decorrem das iniciativas de *cross selling* e *cross segment* desenvolvidas durante 2006: (i) promoção do Cartão T para detentores de Seguro Auto permitindo o pagamento a crédito; (ii) maior atenção conferida à captação e fidelização selectiva de Clientes, nomeadamente de Clientes BES 360.

Destaca-se ainda a extensão do novo conceito de distribuição cooperativa – Postos Avançados – tendo terminado o ano com uma rede de 17 postos em actividade, o que também contribuiu para o reforço da capacidade de captação de Clientes em 2006.

BES 360 - referência no aconselhamento financeiro

No serviço BES 360 o Cliente é colocado no centro da relação com o Banco, dispondo do acompanhamento permanente de um gestor dedicado especializado, beneficiando de uma oferta exclusiva e de soluções adequadas às suas necessidades. O serviço caracteriza-se por uma elevada qualidade, assente em níveis de serviço garantidos, correspondendo às exigências deste segmento (Clientes afluentes).

A criação do serviço BES 360 implicou desde o início da sua implementação um forte investimento infra-estrutural a vários níveis. Para além da renovação de parte do corpo de gestores, todos foram alvo de um completo e exigente plano de formação, beneficiando adicionalmente do apoio especializado de um grupo de consultores dotados de elevadas competências em termos de planeamento e investimento financeiros. A oferta foi aperfeiçoada e alargada, apresentado fortes níveis de atractividade, tendo sido criados novos espaços físicos exclusivos para o atendimento dentro dos balcões.

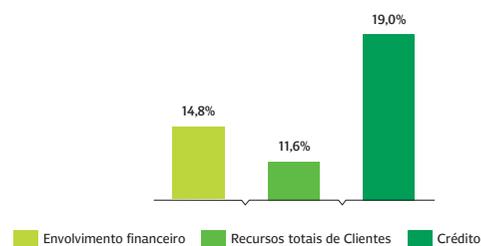
Adicionalmente, o BES 360 oferece um inovador serviço de planeamento financeiro (Mapa 360) que efectua o levantamento de toda a vida financeira do Cliente, traçando o melhor percurso até aos seus objectivos financeiros, que se traduz na recomendação de investimento mais indica-

da ao seu perfil. Este serviço pioneiro no mercado português apresenta significativas vantagens para o Cliente e veio reforçar, ainda mais, as fortes competências do Grupo BES na área de assessoria financeira. O expressivo crescimento registado em termos de gestão discricionária de carteiras é em grande medida o resultado da implementação deste serviço.

Desde o início do lançamento do serviço BES 360, os resultados obtidos têm sido extremamente positivos. Em 2006, o número de Clientes fidelizados ultrapassou os 95 mil, o que traduz um crescimento de 9% em termos homólogos, conduzindo a um aumento do respectivo envolvimento financeiro em 15% face a 2005. Os Clientes BES 360 contribuíram com 47% para a produção do Crédito habitação do Grupo BES.

Crescimento do segmento BES 360

(Afluentes)



Envolvimento Financeiro: crédito e recursos.

Negócios: a confirmação de uma estratégia ganhadora

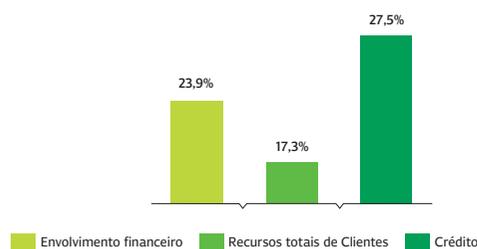
Traduzindo o reforço do posicionamento competitivo neste importante segmento de mercado, o desempenho do segmento Negócios evidenciou, à imagem do ano anterior, um elevado dinamismo comercial materializado no crescimento de 23,9% do envolvimento financeiro (crédito e recursos).

Esta evolução, que contribuiu decisivamente para a consolidação do BES como primeiro banco de Clientes Negócios, foi essencialmente suportada em três alavancas de crescimento:

- Forte captação de Clientes com um crescimento de 19% face ao ano anterior, fruto da actuação comercial desenvolvida pela força de prospectores de Negócios;
- Aumento selectivo da quota de mercado em sectores com maior potencial (p.ex. Notários - 52%, Farmácias - 30%, Turismo, Saúde e *Franchising*) e menor nível de risco de crédito associado;
- O incremento do *cross selling*, com destaque para o aumento do número de contas BES Negócios Tesouraria – solução integrada desenvolvida para as necessidades do quotidiano dos Clientes Negócios – com a adesão de dois em cada três novos Clientes captados durante 2006. Merecedor de idêntico relevo é o aumento de 14% dos Planos Poupança Reforma colocados aproveitando a consciencialização crescente da necessidade de planeamento da reforma.

Como corolário da consolidação da estratégia comercial, das propostas de valor diferenciadas desenvolvidas para os sectores de maior potencial, o segmento superou os 31 mil Clientes fidelizados (+11% que em 2005).

Crescimento do segmento negócios



Envolvimento Financeiro: crédito e recursos.

Particulares de Retalho: Maior orientação para o Cliente, mais proactividade comercial

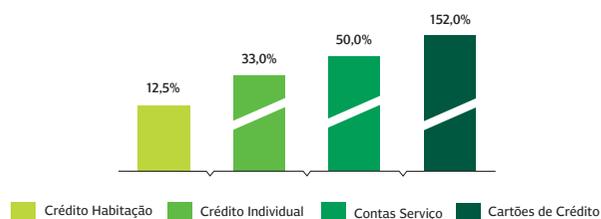
Após o reposicionamento total da estratégia para o segmento de Particulares de Retalho, assistiu-se em 2006 à sua consolidação, com resultados que permitiram reforçar a quota do BES como primeiro Banco.

Para estes resultados contribuíram três aspectos fundamentais em termos de abordagem comercial:

- Renovação e adequação da oferta a cada subsegmento, tendo em conta o ciclo de vida do Cliente e apostando no lançamento de produtos inovadores, de que é exemplo a conta BES 100% (campanha 10 a 0), que oferece aos Clientes um conjunto alargado de serviços de gestão do quotidiano de forma gratuita (com domiciliação de salário ou realização de um PPR);
- Aceleração das iniciativas de captação, com especial destaque para o aprofundamento do programa *Assurfinance* e para o reforço do programa *cross-segment* (destinado a colaboradores de empresas Clientes do BES);
- Revisão integral das ferramentas de trabalho nos balcões, tornando-as mais simples, adaptáveis e integradas, de forma a assegurar uma verdadeira orientação para o Cliente, uma maior homogeneidade em termos de produtividade comercial e um elevado grau de proactividade no *front-office*.

Crescimento do segmento particulares de retalho

(Produção)



Em 2006, é de destacar o aumento de 25% do número de Clientes novos, a redução da taxa de erosão para 2,7% fruto das políticas de qualidade estabelecidas e a venda de mais de 1 milhão de produtos (correspondendo a um aumento da produtividade comercial por colaborador superior a 10%).

A consolidação das abordagens segmentadas suportou o crescimento da Banca de Retalho, onde importa destacar:

- Aumento significativo dos recursos, alicerçado no crescimento da carteira de PPR/Es em 22%, tendo o Grupo BES reforçado a sua liderança num produto de elevada relevância estratégica, atingindo uma quota de mercado de 24%. É de salientar adicionalmente o expressivo crescimento registado em termos de gestão discricionária de carteiras (com particular incidência nos Clientes BES 360);
- Crescimento do crédito suportado pela evolução do crédito habitação (+8% face a 2005; com 47% do montante concedido a Clientes BES 360) bem como de Outro Crédito a Particulares, que registou um aumento de 28% face a 2005, em função de um conjunto de iniciativas integradas lançadas em torno do Crédito ao Consumo e dos Cartões de Crédito.

O sucesso das iniciativas de *cross-selling* é visível no significativo aumento da taxa de equipamento, com particular incidência em produtos ou *bundling* de produtos que contribuem para o reforço do nível de fidelização dos Clientes. Nesta vertente merece especial referência o aumento de 72% na colocação de cartões de crédito, o aumento de 20% na colocação de soluções de poupança programada e o aumento de 10% na colocação de seguros vida risco. Fruto desta actividade de *cross-selling*, foi possível aumentar em mais de 13% o número de Clientes de Retalho equipados com o pacote-base de produtos dos principais segmentos do Retalho.



3.2 Private Banking

Aproveitando as competências e vantagens competitivas intrínsecas do Grupo, reforçou-se o aconselhamento e acompanhamento dos Clientes, contribuindo para a consolidação dos elevados níveis de serviço e de fidelização dos Clientes que suportaram os seguintes resultados:

- Elevados níveis de captação de Clientes, através da rede de 28 Centros *Private*.
- Boa performance dos investimentos, resultante da combinação de diversos factores, com destaque para o reforço da gestão discricionária. As carteiras sob gestão, quer de investimento, quer de *trading*, puderam beneficiar do acompanhamento de equipas especializadas e apresentaram *performances* entre os 5% e os 15%, dependendo dos perfis de alocação de activos. Num ano em que o mercado monetário proporcionou um retorno médio de 3,4%, o aproveitamento das oportunidades nos mercados de derivados, através do recurso a activos subjacentes essencialmente direccionados para a vertente accionista (títulos directos e índices diversificados), permitiu ganhos relevantes em operações de assessoria financeira;
- Reforço da relação com os Clientes através do desenvolvimento da oferta não financeira, bem como da dinamização da captação de Clientes por via de iniciativas *cross segment* com outras áreas comerciais do Grupo, aliadas ao reforço da identidade e imagem específicas em toda a comunicação a Clientes e o lançamento de um programa de eventos culturais e de lazer;
- Melhoria dos níveis de serviço através da inauguração de novas Instalações em Guimarães, Setúbal e Porto, sendo que nesta se destaca a recuperação do "Edifício dos Maristas", uma referência da cidade, em que o Banco evidenciou a sua vocação de mecenas cultural.

No *International Private Banking*, o ano de 2006 foi o primeiro ano completo de actividade dirigida às comunidades portuguesas no estrangeiro e mercados de maior afinidade, tendo-se privilegiado dois eixos de actuação:

- Aposta nos mercados onde o Grupo BES detém vantagens competitivas e que paralelamente encerram maior potencial: a evolução do negócio sendo naturalmente diferente em cada mercado, permitiu que os resultados globais obtidos assegurem o sucesso da estratégia traçada;
- Melhoria dos serviços disponibilizados, em particular da oferta financeira e da abordagem comercial, através da implementação de novos processos de gestão suportados no desenvolvimento do plano de infraestruturas informáticas, dos sistemas de gestão de informação e de *Compliance*.

A abordagem comercial, assegurada por *private bankers* especializados e fortemente dedicados aos Clientes, assente numa presença geográfica que cobre a totalidade do território nacional bem como os principais mercados internacionais, permitiu assegurar um ritmo de crescimento forte que se traduziu num crescimento de 9,6% do envolvimento financeiro.

3.3 Banca de Empresas e Institucionais

Tendo por base as necessidades específicas dos seus Clientes, a área de Banca de Empresas e Institucionais está dividida em quatro sub-segmentos: Médias Empresas (facturação entre 2,5 e 50 milhões de euros), Grandes Empresas (empresas nacionais com facturação superior a 50 milhões de euros), *Corporate Internacional* (multinacionais com presença em Portugal) e Municípios e Institucionais.

Médias Empresas

Num contexto de intensificação concorrencial, o exercício de 2006 traduziu-se, uma vez mais, em excelentes resultados ao nível da rentabilidade, qualidade e risco no segmento de médias empresas. A consistência do desempenho é o resultado da estratégia que tem vindo a ser implementada desde a verticalização do segmento, e que vem sendo aprofundada em seis vectores essenciais:

1. Gestão de recursos humanos: uma equipa especializada presta apoio às médias empresas por meio de uma rede comercial totalmente dedicada de 27 Centros de Empresa dispersos por todo o território nacional e de gestores de Cliente altamente especializados, através de uma consistente política orientada para um plano contínuo de formação e desenvolvimento.

2. Melhoria da qualidade: a aposta na melhoria dos níveis de serviço traduz-se no resultado da auscultação dos níveis de satisfação, através de inquéritos de qualidade dirigidos aos Clientes, que tem revelado melhorias contínuas, reforçadas em 2006, com o peso dos Clientes muito satisfeitos com o atendimento a atingir os 86%, em linha com o nível de excelência exigido. Em 2006, o BES net Negócios - serviço de *internet banking* de empresas - criou um Sistema de Gestão da Qualidade certificado pela APCER - Associação Portuguesa de Certificação - à luz da norma internacional NP EN ISO 9001:2000.

3. Gestão do risco de crédito: a celeridade da decisão e a consistência da política de crédito continuam a ser valores reconhecidos pelos Clientes, dispondo-se de ferramentas de medição do risco e de optimização do binómio risco/rentabilidade de elevada qualidade. Estes instrumentos têm permitido melhorar o processo de decisão de crédito, traduzido em decisões mais rápidas (e eficientes) e numa melhoria dos níveis de risco e de rentabilidade ajustada pelo risco.

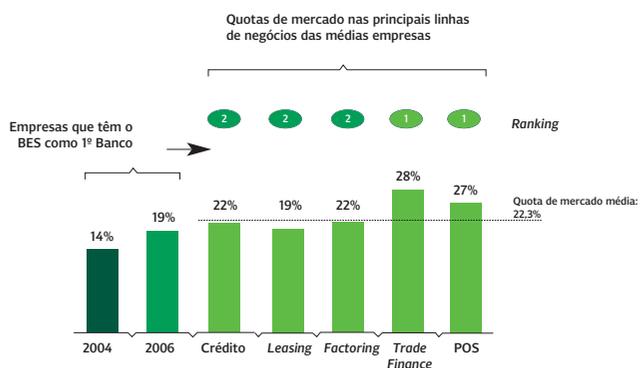
4. Desenvolvimento da oferta: focalizado na satisfação das necessidades dos Clientes e na sua fidelização, o alargamento da oferta continuou a merecer uma atenção especial, com destaque para:

- O **Cartão à la card**, primeiro vale de refeição em formato cartão lançado em Portugal, destinado a processar os subsídios de alimentação aos

colaboradores e o produto **Conta Cartão** destinado a programas de fidelização de Clientes das empresas e gestão de despesas (entre outros fins). Em conjunto, estes produtos alcançaram já um parque de 22 mil cartões, o dobro do parque de cartões de crédito tradicionais existente no segmento de empresas.

- O **crédito especializado** onde tanto o *leasing* como o *factoring* atingiram pela primeira vez 1 000 milhões de euros de produção e carteira, respectivamente. A Besleasing e Factoring não só acompanhou os crescimentos do mercado como reforçou o seu posicionamento conquistando mais de um ponto percentual na quota de mercado em ambos os produtos. Com uma quota de mercado de 18,7% no *leasing* e 22,2% no *factoring*, o Grupo BES consolidou o 2º lugar no *ranking* nacional.
- O **renting** (aluguer operacional de viaturas) e gestão de frotas, actividade desenvolvida pela Locarent, que nos segmentos de empresas teve uma colocação superior a 1 200 viaturas.
- O **serviço de assessoria financeira e os produtos derivados**, que permitiram oferecer às Médias Empresas os serviços de banca de investimento e de cobertura de risco, tradicionalmente acessíveis apenas às Grandes Empresas, continuaram a apresentar resultados muito positivos, duplicando as receitas na área.
- No domínio das soluções de recursos humanos é de destacar o desempenho ao nível da colocação de **seguros vida risco e capitalização**, com um crescimento da carteira de 123% e 39%, respectivamente.
- O **cross-selling** de seguros não-vida com a Companhia de Seguros Tranquilidade constitui uma clara complementaridade com a oferta bancária. O Programa BES Empresas traduziu-se num aumento de 57% da receita.
- A dinamização do negócio de **trade finance** e apoio às empresas no desenvolvimento do negócio internacional continua a merecer uma atenção especial. De realçar a realização de missões empresariais, com destaque para Marrocos e Angola, que tiveram por objectivo apresentar a um conjunto de empresários portugueses as oportunidades de comércio e de investimento nestes países.

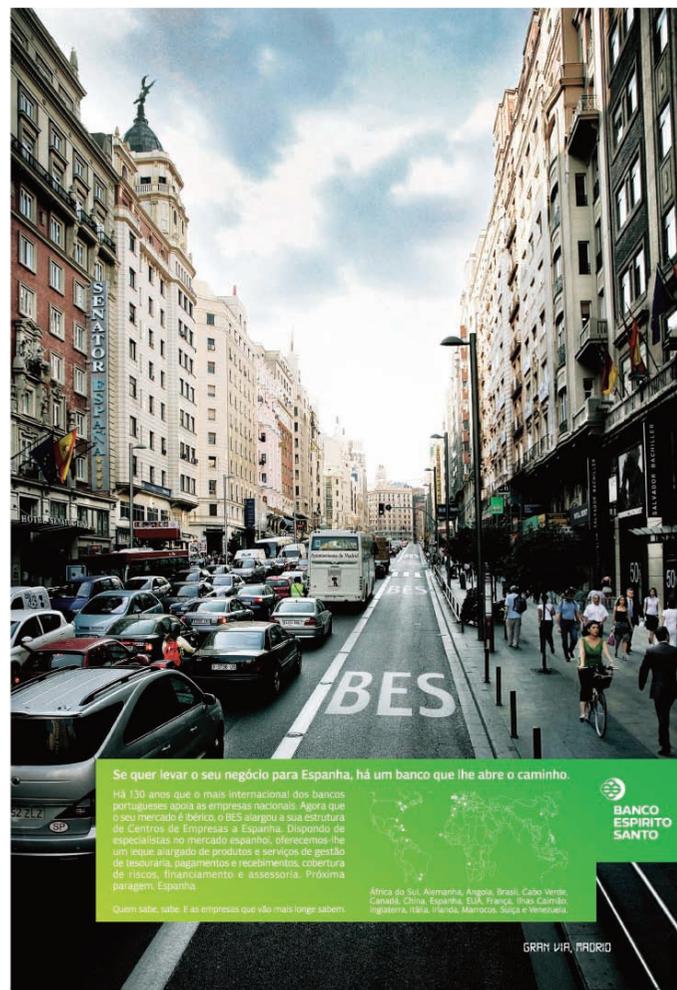
Evolução da quota de mercado por produto e da quota de mercado média



Fonte: DataE (Markttest).

5. Captação e fidelização dos Clientes: a identificação e manutenção de uma base de cerca de 4 mil Clientes potenciais de bom risco tem constituído um instrumento precioso de captação, traduzido em 700 novos Clientes activos. Um destaque para as *start-ups* de cariz inovador, resultante do desenvolvimento de uma rede comercial junto de incubadoras, universidades e pólos de inovação. Os instrumentos de apoio à venda existentes, visando o conhecimento dos Clientes e suas necessidades, continuam a permitir reforçar os níveis de fidelização, nomeadamente via *cross-selling*. O número de Clientes fidelizados registou um crescimento de 16%.

6. Conhecimento dos Clientes: o adequado dimensionamento das carteiras, a focalização dos gerentes de empresas na venda e o aprofundamento dos instrumentos de apoio à venda, como o *Corporate Account Planning System (CAPS)*, ferramenta com indicadores de propensão e de definição de planos de acção por Cliente, têm dotado a força de vendas de capacidade de diagnóstico rápido e eficiente.



Banca de Empresas: uma abordagem Ibérica

No contexto da globalização dos mercados, e na lógica de mercado ibérico que dela decorre, Espanha tem vindo crescentemente a reforçar o seu papel como principal parceiro de Portugal no comércio de mercadorias e serviços. Deste modo, o alargamento do conceito de mercado doméstico ao espaço ibérico é já uma realidade.

O Banco Espírito Santo, único banco privado português (entre os bancos cotados) com uma abordagem ibérica baseada em presença física, ciente das oportunidades que esta cumplicidade comercial ibérica traduz, definiu como um dos objectivos estratégicos para o triénio 2006-2009 ser o primeiro banco português a proporcionar um serviço global e integrado às empresas portuguesas em Espanha e às empresas espanholas com ligações comerciais com Portugal.

Assim, no âmbito de um conjunto de iniciativas identificadas para Espanha, e capitalizando no sucesso da banca de empresas em Portugal, o BES optou pelo desenvolvimento e implementação de um novo modelo de banca de empresas em Espanha. Uma das concretizações deste modelo, semelhante à actual abordagem do segmento de Médias Empresas em Portugal, consistiu na abertura, numa primeira fase, de 8 Centros Empresa especializados em Madrid (2), Barcelona, Valência, Sevilha, Vigo, Bilbao e Valladolid. Estas sete comunidades representam cerca de 80% do comércio ibérico, sendo de destacar a estreita articulação com a área de banca de investimento.

Grandes Empresas Nacionais

No segmento das Grandes Empresas foi incrementado o envolvimento com um conjunto seleccionado de grupos económicos, responsáveis por projectos relevantes e de interesse nacional, nomeadamente nos sectores das energias renováveis, infraestruturas rodoviárias, águas e saneamento, respeitando critérios adequados de risco e rentabilidade.

O Grupo BES presta ainda apoio à internacionalização das empresas portuguesas, quer directamente, quer promovendo a sua rede internacional junto dos Clientes com projectos no estrangeiro.

Em 2006, prosseguiu o esforço de coordenação permanente da oferta com outras áreas de negócio, com destaque para as áreas de banca de investimento, *leasing*, *factoring* e seguros e uma maior dinâmica no *cross segment* com a área de particulares, potenciando o crescimento da base de Clientes daquele segmento.

Sucursais e Filiais de Empresas Multinacionais

As multinacionais com sucursais e filiais em Portugal dispõem de uma equipa comercial especializada por países de origem que, em estreita articulação com a rede internacional do Grupo BES, providenciam uma oferta global de produtos e serviços. O BES assume-se assim como o principal “local bank” das multinacionais com filiais em Portugal.

O Grupo BES tem-se destacado no apoio a empresas multinacionais de vários sectores de actividade económica que utilizam as suas participadas em Portugal como plataforma estratégica na abordagem aos mercados dos países da Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), com destaque para o mercado angolano. O *know-how*, a presença local, as afinidades culturais e a oferta de condições de financiamento atractivas constituem-se como vantagens competitivas percebidas pelas multinacionais, contribuindo para o destaque de Portugal e do Grupo BES na prossecução da estratégia de crescimento naqueles mercados.

Continua a assistir-se à tendência de centralização das tesourarias das multinacionais, melhorando a sua eficiência financeira, reduzindo o envolvimento financeiro e aumentando a prestação de serviços ao nível do mercado nacional (*renting/leasing/factoring*). Em complemento, tem vindo a ser sofisticada a oferta, nomeadamente com soluções inovadoras de meios de pagamento electrónicos, melhorando a fidelização dos Clientes.

Municípios e Clientes Institucionais

Este segmento desenvolve soluções de serviços bancários que acompanham a modernização administrativa de Institutos Públicos e de outras Instituições, nomeadamente de solidariedade social, incentivando o apoio ao investimento e ao empreendedorismo.

Em complemento, o Grupo BES tem promovido soluções financeiras inovadoras para projectos de investimento de associações da sociedade civil, de Autarquias ou empresas por estas participadas, num quadro legal de restrições no acesso ao crédito por parte destas entidades.

Neste aspecto, é de salientar o programa de Fundos de Apoio às Micro Empresas – FAME –, que o BES lançou em 2002, foi incluído em 2006 pelo Governo no Programa Finicia, Eixo 3. Dos 23 protocolos assinados, o BES é o banco de apoio em 18 protocolos, o que traduz a liderança inequívoca neste domínio.

Apoio ao investimento e desenvolvimento económico

Sendo para o Banco Espírito Santo o apoio ao Investimento um dos pilares base da relação com as empresas, cumpre destacar a liderança nos Programas de Apoio ao Investimento, nomeadamente no apoio ao Turismo através do regime de protocolos bancários com o Instituto do Turismo de Portugal (ITP), em que o BES foi o parceiro financeiro escolhido por cerca de um terço dos promotores, representando 37% do investimento elegível apoiado pelo ITP.

O acompanhamento efectuado ao longo do QCA III (2000 – 2006), traduzido na liderança ao nível do SIME (PRIME), reflectiu o reforço das competências do BES no apoio ao Investimento. A importância para o desenvolvimento económico português do novo quadro comunitário de apoio (QREN), a vigorar no período 2007 – 2013, constitui um forte desafio que o Banco Espírito Santo assume, uma vez mais, com total prioridade.

Em Novembro concretizou-se a primeira operação de securitização de créditos concedidos a Pequenas e Médias Empresas (PME's) no montante de 863 milhões de euros. O sucesso da colocação, reflectido no facto da procura ter excedido duas vezes a oferta, traduz o reconhecimento pelo mercado da qualidade da carteira de crédito e permitirá ao Banco continuar a fomentar o crescimento económico nacional, especialmente ao nível das PME's.

Concurso Nacional de Inovação BES

No sentido de assumir um papel de referência no tocante à promoção e incentivo ao empreendedorismo e inovação em Portugal foi, ainda, lançada a II Edição do Concurso Nacional de Inovação BES, envolvendo um leque alargado de parceiros representativos do meio científico, académico e empresarial português e com o objectivo de premiar e divulgar projectos de investigação, desenvolvimento e inovação em áreas de aplicação ligadas aos recursos endógenos do País e dirigidos à melhoria de produtos, processos ou serviços.

3.4 Banca de Investimento

A área de banca de investimento oferece aos Clientes do Grupo BES uma variedade de produtos e serviços especializados, incluindo aconselhamento em fusões e aquisições, acesso e transacções em mercados de capitais (acções e dívida), serviços de corretagem e de gestão de carteiras, *leveraged finance*, *project finance* e *private equity*.

A estratégia para a área de negócios de banca de investimento assenta em dois pilares principais: (i) manter a posição de liderança no mercado

português e (ii) expandir de forma selectiva a actividade internacional, de forma a viabilizar uma trajectória de crescimento sustentado dos resultados.

Em Portugal, pretende-se continuar a aumentar o volume de negócios através do contínuo aperfeiçoamento da abordagem de venda focada no Cliente, do reforço das iniciativas de *cross-selling* e de *cross-border*, do fortalecimento da rede de distribuição e da expansão da oferta de serviços e produtos financeiros.

É de realçar a frequente liderança de muitas das *league tables* do mercado português. Em 2006, O BES Investimento consolidou o primeiro lugar pelo quarto ano consecutivo na prestação de serviços de corretagem (de acordo com a Euronext Lisbon), liderou a actividade de fusões e aquisições (em número de *deals*) e foi galardoado pela revista "*Project Finance Internacional*" com o prémio "*The Renewable Deal of the Year in Portugal*" pela montagem do financiamento à Enersis no montante de 985,5 milhões de euros.

Em simultâneo, tem sido feita uma aposta decidida mas criteriosa na expansão internacional da actividade de banca de investimento. Numa primeira etapa, através do alargamento da actividade ao Brasil e a Espanha. Num segundo momento, foi tomada a iniciativa de internacionalizar a actividade de *project finance*, capitalizando as competências adquiridas no processo de expansão de investimentos em infra-estruturas em Portugal, tendo sido criada uma equipa no Reino Unido. Nesta área de negócio, o BES Investimento foi o sexto na Europa e o líder ibérico em projectos de infra-estruturas no ano de 2006. Numa terceira etapa, foi decidido explorar novas oportunidades de crescimento por via da entrada em novos mercados geográficos, nomeadamente Polónia e Angola. Nesse contexto, foi formalizada na Polónia em Outubro de 2005 uma *joint venture* com a Concórdia Sp z.o.o., um centro de consultoria financeira sediada em Varsóvia, através da qual oferece aos seus Clientes serviços de banca de investimento, em particular fusões e aquisições e *project finance*, no principal mercado da Europa de Leste.

A actividade de banca de investimento é assim desenvolvida em três continentes, com presença activa em Espanha, Brasil, Angola, Reino Unido e Polónia. O crescimento da actividade de banca de investimento deverá assentar no alargamento selectivo da actividade internacional procurando simultaneamente manter a posição de liderança em Portugal e consolidar a presença nos mercados de expansão internacional, sempre com o objectivo de acompanhar os Clientes e de satisfazer as suas necessidades de banca de investimento com elevada qualidade.

3.5 Gestão de Activos

A gestão de activos no Grupo BES é desenvolvida fundamentalmente pela ESAF – Espírito Santo Activos Financeiros, com actividade em Portugal, Espanha, Luxemburgo, e mais recentemente no Brasil.

No final do ano 2006, o volume global de activos sob gestão (recursos de Clientes desintermediados e CDO contratados) atingiu cerca de 20 700 milhões de euros, o que reflecte um crescimento de 17,4% em relação a 2005. Este crescimento decorre da estratégia desenvolvida desde há alguns anos baseada na inovação, com o lançamento de novos produtos e alargamento da oferta em função das novas condições do mercado.

Fundos de Investimento Mobiliário

Os volumes sob gestão dos fundos mobiliários atingiram 5 540 milhões de euros em 31 de Dezembro de 2006. Numa lógica de adaptação da oferta de produtos e serviços orientados para a satisfação dos clientes, destaca-se o lançamento dos Fundos ES Estratégia Activa II, ES Brasil e ES Alpha 3-FEI que, no seu conjunto, superaram 104 milhões de euros no final do ano. No sentido de dinamizar a oferta de fundos, foram alteradas as condições de comercialização com a eliminação das comissões de subscrição em todos os fundos (excepto para o Espírito Santo Estratégia Activa). Foi ainda prosseguida a racionalização da oferta de fundos com as fusões dos fundos BIC Tesouraria no ES Monetário bem como do ES Portfolio I e ES Portfolio no ES Opção Conservadora - Fundos de Fundos. O Grupo BES tem sob gestão no Luxemburgo 4 fundos vocacionados para Clientes com óptica de risco distintas. No final de 2006, os activos sob gestão no Luxemburgo representavam 1 204 milhões de euros, o que representa um crescimento de 13% face ao ano anterior. O *ES Fund* (constituído por 10 compartimentos), o Fundo *ABS Opportunity Fund* (lançado em 2006) o *ES Active Allocation Fund* (destinado a Clientes particulares e institucionais) e o *Caravela Fund SICAV* (composto por 5 compartimentos, sendo de salientar o lançamento do novo compartimento Caravela Compass). O *European Responsible Consumer Fund SICAV*, fundo com preocupações de carácter ético, ambiental e social, é comercializado em Portugal, Espanha, Itália e Luxemburgo.

Fundos de Investimento Imobiliário

Na actividade imobiliária, o Fundo Gespatrimónio Rendimento manteve de forma estável a liderança absoluta em termos de quota de mercado, tendo atingido no final de 2006 um volume sob gestão superior a 1 292 milhões de euros.

Durante o ano de 2006, a actividade de gestão de activos foi estendida a áreas de negócio de particular interesse para potenciais investidores, tendo alargado a oferta através do lançamento de 18 novos fundos imobiliários fechados. Foi igualmente capitalizado o sucesso do lançamento em 2005 do Espírito Santo Reconversão Urbana, lançando um novo fundo

dirigido ao mesmo segmento, o Espírito Santo Reconversão Urbana II. Estes fundos fechados são direccionados para Clientes que pretendam uma aplicação em investimentos imobiliários por um período de tempo pré-determinado.

Fundos de Pensões

Na área dos Fundos de Pensões, o volume sob gestão superou 2 600 milhões de euros, o que representa um crescimento de 11,5% em relação a 2005, em resultado da captação de novas adesões colectivas aos fundos de pensões abertos.

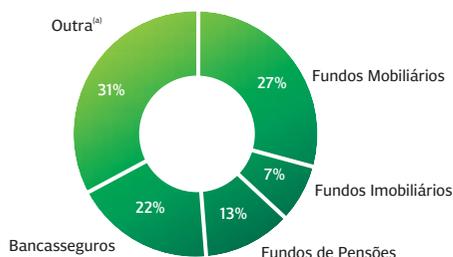
Gestão Discricionária / Bancasseguros

É de destacar os novos mandatos adquiridos quer no segmento de particulares, quer no segmento de institucionais. Em resultado das competências técnicas adquiridas na gestão de CDO, no final do ano foram assinados novos contratos para o aconselhamento na gestão de mais dois *portfolios* no montante total de cerca de 2 100 milhões de euros.

Gestão de Carteiras

O Grupo BES tem mantido uma postura de permanente disponibilidade para abraçar a inovação ao serviço da actividade financeira, correspondendo dessa forma às crescentes necessidades dos seus Clientes. Neste quadro foi criado um serviço de gestão de carteiras por conta de outrem para os Clientes afluentes, em que cada Cliente beneficia de uma oferta exclusiva e de soluções adequadas às suas necessidades, bem como de um sofisticado serviço de planeamento financeiro. Mediante a adesão a este serviço, o Cliente beneficia de um serviço simples e integrado baseado em princípios de criação de valor, diversificação e crescimento, enquadrado num determinado perfil e horizonte temporal de investimento. Os seus valores são entregues à gestão de carteiras, cujas linhas orientadoras passam por escolher sempre as melhores alternativas de investimento tendo em consideração as condições de mercado e a rentabilidade objectivo do perfil escolhido pelo Cliente. As carteiras são compostas por valores mobiliários ou equiparados, instrumentos financeiros e de mercado monetário e cambial, depósitos a prazo, certificados de depósito, instrumentos financeiros derivados (que poderão ser utilizados para fim diverso da cobertura de risco), bilhetes de tesouro, planos de poupança, operações de capitalização de seguro de vida, seguros ligados a fundos de investimento, ou quaisquer outros valores, incluindo fundos de retorno absolutos - "*hedge funds*", desde que legalmente susceptíveis de negociação.

Gestão de activos: repartição por produto



(a) Inclui gestão de carteiras, gestão discricionária de particulares e CDO.

3.6 Actividade Internacional

A actividade internacional assenta em mercados cultural e economicamente afins com Portugal, estando a sua expansão essencialmente centrada no triângulo Espanha, Angola e Brasil. A presença internacional tem um grande enfoque em áreas específicas onde o Grupo detém vantagens competitivas que lhe permitem explorar mercados e/ou áreas de negócio com elevado potencial, tirando partido da experiência adquirida e em alguns casos da liderança no mercado doméstico.

Espanha

O ano de 2006 marca o arranque de uma forte aposta em Espanha, visando a implementação de uma estratégia de crescimento sustentada por um posicionamento mais eficiente e competitivo, com o objectivo de potenciar o negócio nos segmentos *Private Banking*, Banca de Afluentes e Banca de Empresas - com uma perspectiva de serviço Ibérico. Neste contexto, foi autorizada pelo Banco de Espanha no passado dia 15 de Janeiro a transformação do BES (Espanha) em sucursal do Banco Espírito Santo.

No *Private Banking* e Banca de Afluentes, os Clientes dispõem de um serviço global e personalizado para responder às necessidades de cada um e definir as soluções mais eficazes, seguras e rentáveis, suportado na actual rede de 25 balcões.

Na Banca de Empresas, foi em 2006 desenvolvida uma abordagem Ibérica ao mercado que combina a experiência acumulada em Espanha nos últimos anos com o forte posicionamento e a ampla cobertura do mercado português. Neste contexto, o Grupo BES detém uma posição privilegiada para assessorar as empresas que operam nas duas economias. Foram

implementados durante o ano 8 Centros Empresa - Madrid (2), Barcelona, Vigo, Sevilha, Valência, Bilbao e Valladolid, que contam ainda com o apoio da actual rede de balcões para assegurar uma maior proximidade aos Clientes. Em simultâneo, o reforço da articulação com a área de banca de investimento, permite oferecer às empresas um serviço global de banca comercial/banca de investimento.

Na área de banca de investimento, foi no ano 2000 e com a aquisição da sociedade de corretagem Benito y Monjardin que foram dados os primeiros passos para a criação de uma plataforma de actuação ibérica. O posicionamento no mercado espanhol tem vindo a ser reforçado com particular destaque para as actividades de corretagem (5º lugar na Bolsa de Madrid em 2006), derivados de acções, *leveraged finance* e fusões e aquisições.

No âmbito da gestão de activos, o volume sob gestão em Espanha registou um aumento de 13,3% face a 2005. Este crescimento é explicado pelo forte aumento dos volumes sob gestão dos fundos de investimento (+11%) e da actividade de gestão discricionária (+19%). Em 31 de Dezembro de 2006, o volume global de activos sob gestão em Espanha superou 2 158 milhões de euros.

França

A actividade do Grupo em França é desenvolvida pelo BES Vénétie em que o Banco Espírito Santo detém uma participação de 40%. Durante o ano de 2006, foi desenvolvida consideravelmente a actividade de financiamento de operações imobiliárias, essencialmente a curto/médio prazo, mantendo a já tradicional actividade nos sectores da banca de empresas, na banca de engenharia financeira orientada para a montagem ou participação em operações de *leveraged finance* a par com a prestação de serviços financeiros à comunidade portuguesa residente em França. Paralelamente ao desenvolvimento da actividade comercial foi reforçada significativamente a base de recursos, nomeadamente a médio prazo.

Reino Unido

A presença no Reino Unido está vocacionada para a actividade de banca de *wholesale* em paralelo com banca de investimento, fundamentalmente *project finance*.

Nas operações internacionais, a credibilidade e *know how* detido permitem a actuação como participante, *arranger* e *underwriting* de operações

de crédito sindicadas, operações de *leveraged finance* e *structured trade finance de commodities*.

A internacionalização da actividade de *project finance* assenta na capitalização das competências adquiridas no processo de expansão de investimentos em infra-estruturas em Portugal. Com a contratação em 2001 de uma equipa especializada, baseada em Londres, o Grupo passou a ser reconhecido como um importante participante europeu, com grande experiência no financiamento de investimentos em Infra-estruturas, sobretudo de transportes.

O programa de emissão de certificados de depósito, colocados junto de empresas e institucionais, representa uma oferta de valor que tem contribuído de forma sustentada para o posicionamento do Grupo na captação de recursos. A Sucursal oferece igualmente serviços e produtos a empresas portuguesas, assim como à comunidade de portugueses residentes no Reino Unido. Acresce a oferta para particulares, essencialmente britânicos e irlandeses, de crédito imobiliário para turismo residencial em Portugal.

Estados Unidos da América

O Grupo BES desenvolve, a partir de Miami (Florida), a actividade de *private banking* internacional na América Latina, servindo maioritariamente as comunidades de origem portuguesa neste continente. Para apoiar a actividade neste segmento, é disponibilizado um vasto leque de produtos de investimento no mercado bolsista norte-americano através de uma *broker-dealer*. No mercado norte-americano a actividade é centrada na concessão de crédito em duas grandes áreas de negócio: o financiamento imobiliário, nas vertentes habitação (*residential real estate*) e comercial (*commercial real estate*) e, mais recentemente, o financiamento de operações de *trade finance* no âmbito de programas de Agências de Crédito à Exportação, nomeadamente o U.S. Eximbank.

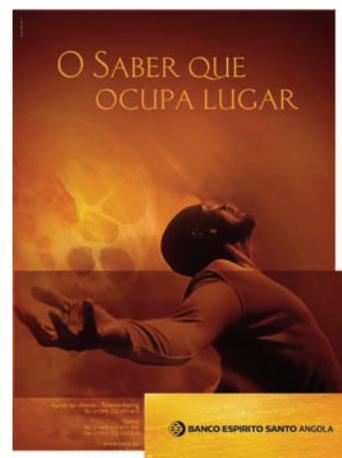
Com base na Sucursal de Nova Iorque, o Grupo BES actua nos mercados da América do Norte e da América Latina com particular enfoque nos EUA e no Brasil. Direciona a sua actividade para as empresas de média e grande dimensão em termos de operações de crédito sindicadas a médio e longo prazo assim como operações de *trade finance* e, mais recentemente em operações de *project finance*. O Grupo tem ainda uma actuação relevante nos mercados de capitais norte-americanos e contribui activamente para a angariação de recursos através dos programas de emissão de certificados de depósito e de emissão de papel comercial.

Brasil

No Brasil, o Grupo desenvolve a actividade de banca de investimento e tem participado activamente no crescimento do mercado de capitais brasileiro, através da liderança e participação em emissões de dívida, e de acções de empresas brasileiras. Tem-se igualmente destacado na área de fusões e aquisições (3º lugar no *ranking* em número de *deals*). Com o objetivo de complementar as actividades de mercado de capitais, passou também a ser desenvolvida a actividade de *asset management*.

Angola

A actividade em Angola assenta na prestação de um serviço global aos Clientes particulares e empresas. No que respeita à banca de particulares, o Grupo BES conta já com 17 agências dispersas por 6 províncias, e centra a sua actividade nos Clientes *private* e afluentes. Relativamente à banca de empresas, a actividade está direccionada essencialmente para o apoio às empresas e empresários portugueses que estão a expandir a sua actividade para este país. Paralelamente, é de salientar a actuação do Grupo no apoio às exportações para Angola, acompanhada por uma equipa especializada. Adicionalmente, a área de banca de investimento tem uma presença permanente em Luanda, nomeadamente para identificar oportunidades de negócio na área de *project finance*.



Macau

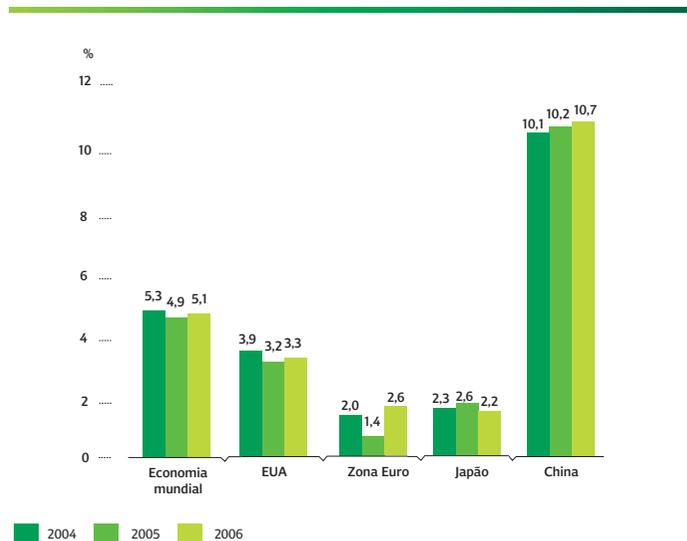
A presença em Macau assenta essencialmente no apoio aos Clientes do Grupo na sua actividade empresarial desenvolvida nesta região. Simultaneamente procura-se potenciar oportunidades de negócio, privilegiando a iniciativa do Governo Central da República Popular da China em considerar Macau como plataforma para a cooperação económica com os países de língua portuguesa.

4.0 Enquadramento Macroeconómico

4.1 Situação Económica Internacional

A **economia mundial** registou, em 2006, um crescimento acentuado, que se estima em torno de 5,1% (4,9% em 2005). A conjuntura económica foi caracterizada por uma distribuição mais equilibrada do crescimento, destacando-se o desempenho das economias emergentes, com uma variação do PIB de 7,3%. Dentro deste grupo, sobressaiu o dinamismo da Ásia, com um crescimento de 8,7%.

Evolução do PIB mundial (em termos reais)



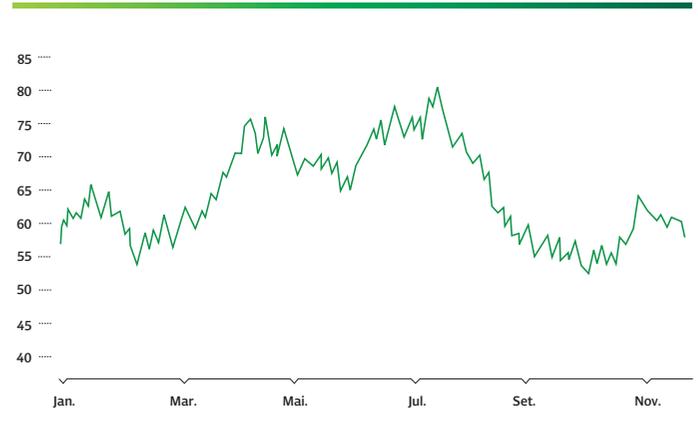
Fontes: FMI e Comissão Europeia.

A conjuntura económica foi, ainda, caracterizada pela subida do preço do petróleo nos primeiros oito meses do ano, atingindo no final deste período um máximo nominal histórico de USD 78/barril. Em termos médios anuais, registou-se uma subida de USD 54,5/barril para USD 65,4/barril, que se explica pela persistência de uma procura forte, por restrições à expansão da oferta e por movimentos especulativos relacionados, sobretudo, com questões geopolíticas. No último trimestre de 2006, observou-se um recuo no preço do petróleo, para cerca de USD 60/barril.

A conjuntura de crescimento económico forte e de inflação moderada – suportada, no final do ano, pela queda dos preços dos bens energéticos – contribuiu para uma evolução positiva do sentimento económico global, expresso num desempenho favorável dos mercados accionistas. Na Europa, os índices CAC 40 de Paris, DAX de Frankfurt e IBEX 35 subiram 17,53%, 21,98% e 31,79%, respectivamente. Nos Estados Unidos, os índices

S&P 500 e Dow Jones valorizaram-se, respectivamente, 13,62% e 16,29%, tendo o índice Nasdaq ganho 9,52%. Para este desempenho contribuiu também a persistência de uma conjuntura de ampla liquidez a nível global, traduzida numa forte actividade de fusões e aquisições e numa compressão dos *spreads* de crédito.

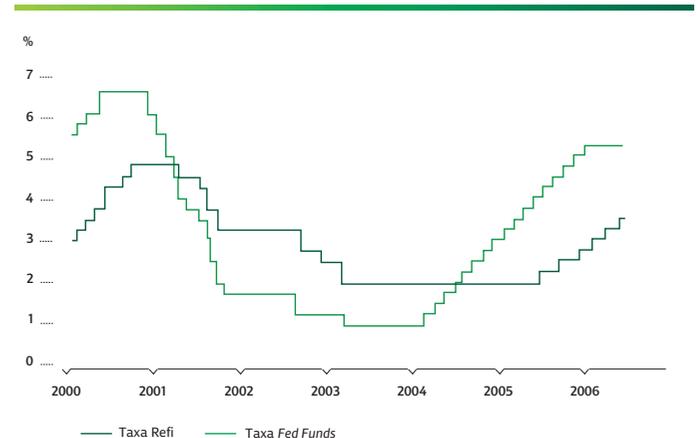
Preço do petróleo (USD/Barril)



Fonte: Bloomberg

Nos **Estados Unidos**, o PIB cresceu 3,3% em 2006, em ligeira aceleração face ao registo de 3,2% observado em 2005. O início do ano foi caracterizado por fortes crescimentos no consumo privado e no investimento, beneficiando ainda de um efeito riqueza positivo associado à valorização dos preços do imobiliário – em particular através do fenómeno de *mortgage equity withdrawal*. No contexto de um crescimento da actividade económica acima do potencial, e com a subida dos preços dos combustíveis a pressionar a taxa de inflação (que subiu, no ano, de 3,4% para 3,5%), a Reserva Federal elevou a *target rate* dos *fed funds* em 100 pontos base no primeiro semestre, para 5,25%, tendo interrompido aí o ciclo de subida dos juros de referência iniciado no Verão de 2004.

Evolução da *target rate* dos Fed Funds (EUA) e da Taxa Refi (Zona Euro) (2000-2006)

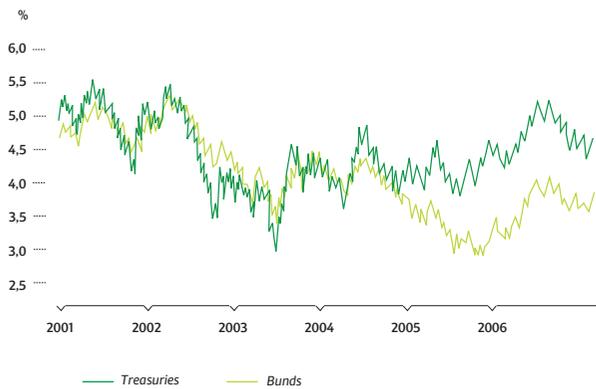


Fonte: Bloomberg

Na segunda metade do ano, observou-se um arrefecimento significativo do sector da habitação, expresso numa estagnação dos respectivos preços e numa queda de cerca de 19% (anualizada) no investimento residencial. No entanto, o consumo das famílias continuou, neste período, a suportar a actividade económica, registando, no conjunto do ano, um crescimento real ainda forte, de 3,2% (3,5% em 2005). Este comportamento do consumo privado foi, por sua vez, sustentado pela descida dos preços da energia no último trimestre, pela redução da taxa de desemprego (de 5,1% para 4,6% da população activa) e pela persistência de condições monetárias e financeiras favoráveis, com uma forte valorização dos mercados accionistas e com taxas de juro de mercado ainda relativamente reduzidas. A *yield* dos títulos da dívida pública norte-americana subiu, na maturidade dos 10 anos, de 4,4% para 4,7% - um nível historicamente baixo.

Evolução da rentabilidade dos títulos da dívida pública (yields dos Bunds e dos Treasuries a 10 anos)

(2001-2006)



Fonte: Bloomberg

Evolução de índices bolsistas

(2006)



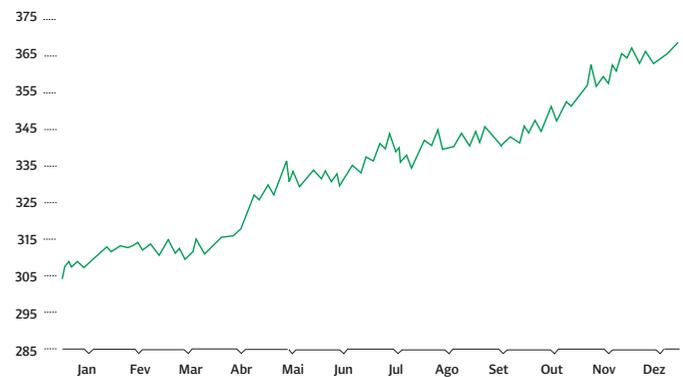
Fonte: Bloomberg

A **Ásia** reforçou o seu papel como um dos principais motores de crescimento da economia mundial. Em particular, a China apresentou um crescimento anual de 10,7% (0,2 pontos percentuais acima do registo de 2005), suportado pelo forte dinamismo da formação bruta de capital fixo, com um crescimento real de 24%, e das exportações, com o excedente comercial a observar uma melhoria de cerca de 70% face ao ano anterior. O desempenho da economia chinesa constituiu um estímulo importante para as restantes economias asiáticas, incluindo o **Japão**, que registou um crescimento do PIB de 2,2%, em ligeira desaceleração face ao ano anterior (2,6% em 2005). Com o crescimento do PIB sustentado não apenas pelas exportações, mas também pela procura interna, a taxa de desemprego reduziu-se para cerca de 4% da população activa. Neste contexto, o índice de preços no consumo registou uma variação positiva (de 0,3%, em contraste com a queda de 0,6% observada em 2005), levando o Banco Central a abandonar gradualmente a política de *quantitative easing* e a elevar a taxa de juro de referência de 0% para 0,25%. O índice Nikkei registou uma valorização de 6,92%, abaixo dos principais índices internacionais.

O forte crescimento da China e da Ásia emergente contribuiu também para manter pressionada a procura de **matérias-primas não energéticas**, em particular os metais industriais. Os preços médios do alumínio, cobre e zinco registaram variações anuais de 35%, 80% e 137%, respectivamente.

Índice de preços das commodities

(2006)



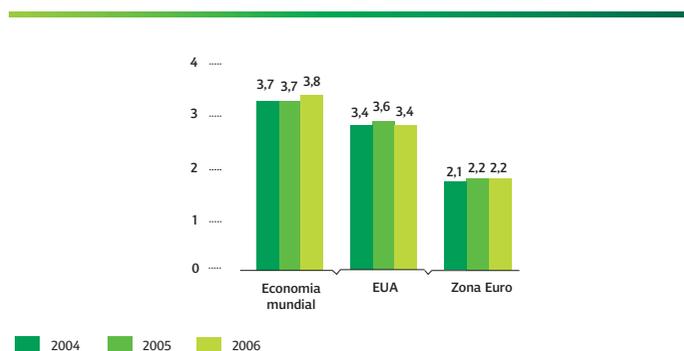
Fonte: Commodity Research Bureau

Na **Zona Euro**, o ano foi marcado por uma recuperação significativa dos índices de confiança (em particular ao nível das empresas), reflectindo a aceleração observada na actividade económica. O crescimento do PIB subiu de 1,4% para 2,6%, sobretudo em função de um comportamento favorável da procura externa, e na qual se destacou o peso crescente da procura oriunda da Ásia Emergente e do Médio Oriente. No conjunto do ano, as exportações da Zona Euro cresceram cerca de 8,4% em termos

reais. O crescimento da procura externa e o maior optimismo dos empresários reflectiram-se, por sua vez, numa recuperação do investimento (que registou uma variação anual de 4,5%) e numa melhoria das condições do mercado de trabalho, com a taxa de desemprego a descer de 8,5% para 8%, em termos médios anuais. Esta evolução foi comum à economia da Alemanha, que registou um crescimento anual do PIB de 2,7%, acima das expectativas. Na Zona Euro, o consumo das famílias mostrou sinais de recuperação, mas manteve um crescimento relativamente moderado (1,8%), ainda restringido por uma conjuntura de forte moderação salarial.

O ano de 2006 foi ainda caracterizado, na economia da Zona Euro, por um forte crescimento da liquidez (medida pelo agregado monetário M3), a qual registou, no final do ano, uma variação homóloga de 9,8%, claramente acima do valor de referência do Banco Central Europeu (BCE), de 4,5%, e o registo mais elevado dos últimos 16 anos. Tal como em 2005, a evolução da massa monetária continuou a ter, como contrapartida, um forte dinamismo dos empréstimos ao sector privado. Estes observaram um crescimento de 10,7%, destacando-se a variação de 13% nos empréstimos às sociedades não financeiras. Os empréstimos às famílias registaram uma ligeira desaceleração, mas ainda com crescimentos de 9,5% no crédito à habitação e de 7,8% no crédito ao consumo.

Taxa de inflação (%)



Fontes: FMI e Comissão Europeia.

A observação de um crescimento elevado num contexto de forte liquidez levou o BCE a elevar a taxa de juro das operações principais de refinanciamento em 125 pontos base, para 3,5%. A taxa de inflação manteve-se inalterada, em termos médios anuais, em 2,2%. A *yield* dos títulos da dívida pública a 10 anos subiu, por sua vez, de 3,309% para 3,948%.

O estreitamento do diferencial de juros face aos Estados Unidos contribuiu para uma apreciação de 12% do euro face ao dólar, para EUR/USD 1,319.

Evolução da cotação EUR/USD

(2006)



Fonte: Bloomberg

4.2 Situação Económica no Brasil

Com taxas de juro ainda relativamente baixas, um crescimento da liquidez elevado e uma procura forte nos mercados das matérias-primas, a conjuntura internacional manteve-se favorável à economia do Brasil, tendo o crescimento do PIB subido de 2,9% para 3,7%. As exportações mantiveram a tendência de forte crescimento pelo quinto ano consecutivo, levando o excedente da Balança Comercial a subir de USD 44,8 para USD 46 mil milhões.

Com uma descida da inflação (medida pelo IPCA) de 5,7% para 3,1% e com as expectativas de médio e longo prazo para a inflação solidamente ancoradas, o Banco Central reduziu os juros de referência num total acumulado de 475 pontos base, para 13,25%. A melhoria das condições monetárias contribuiu, por sua vez, para um maior dinamismo da procura interna, com recuperações no consumo privado de 3,1% para 3,8%, e no investimento de 1,6% para 6,3%. A taxa de desemprego manteve-se relativamente estabilizada, em 8,4% da população activa (após um registo de 8,3% em 2005).

O real revelou uma grande estabilidade na segunda metade de 2006, em resultado de intervenções contínuas do Banco Central no mercado cambial. No conjunto do ano, a divisa brasileira registou uma apreciação de cerca de 8% face ao dólar, para USD/BRL 2,17. Face ao euro, o real deprecou-se perto de 1,5%, para EUR/BRL 2,81.

O ano de 2006 foi igualmente marcado pela realização de eleições presidenciais em Outubro, as quais conduziram Lula da Silva a um segundo mandato como Presidente do Brasil. Tal como o real, as principais medidas de risco soberano mantiveram-se estabilizadas – incluindo no período relativo ao processo eleitoral. O índice EMBI+ Brasil evoluiu ligeiramente acima dos 200 pontos base (*spread* face aos títulos do Tesouro norte-americano) na segunda metade do ano.

A conjuntura económica do Brasil manteve-se igualmente favorável ao nível das contas públicas, com a meta de 4,25% do PIB para o excedente orçamental primário a ser ultrapassada, com o Governo a apresentar um excedente primário de 4,34% do PIB.

4.3 Situação Económica em Angola

A economia de Angola manteve, em 2006, o elevado ritmo de crescimento que caracterizou os últimos anos, estimando-se um crescimento do PIB em torno de 14,5% (20,6% em 2005). Este desempenho da actividade económica assentou numa conjuntura favorável ao nível dos preços de recursos naturais com um elevado peso nas exportações angolanas (como o petróleo e os diamantes), numa estabilização das principais variáveis macroeconómicas, com particular destaque para a inflação, e num esforço de investimento em infraestruturas básicas. O *output* do sector petrolífero deverá ter crescido 15% em 2006, após um registo de 26% em 2005.

A política do “kwanza forte”, através de intervenções das autoridades no mercado cambial suportando a divisa e pressionando em baixa os preços das importações, manteve-se em 2006, o que resultou numa nova descida da taxa de inflação, de 23% para 13%. Neste contexto, prosseguiu, ao longo do ano, a tendência de descida das taxas de juro. A taxa de desconto do Banco Central desceu de 18% para 14%, enquanto a taxa de juro dos títulos do Banco Central a 3 meses desceu de 11% para 6%.

4.4 Situação Económica em Espanha

O desempenho da economia espanhola voltou a sobressair no contexto europeu, com um crescimento do PIB de 3,9%, após um registo de 3,5% em 2005. A procura interna desacelerou ligeiramente face ao ano anterior, mas continuou a exibir um ritmo de crescimento muito robusto, ligeiramente abaixo de 5%. O consumo privado e o consumo público cresceram, respectivamente, 3,7% e 4,4%, enquanto a formação bruta de capital fixo

cresceu 6,3%. Não obstante a subida dos juros de curto prazo na Zona Euro, as taxas de juro reais mantiveram-se negativas ou próximas de zero em Espanha durante praticamente todo o ano de 2006, tendo a inflação média subido para 3,5% (0,1 pontos percentuais acima do registo de 2005).

A persistência de condições monetárias expansionistas voltou, assim, a contribuir para um desempenho positivo dos sectores da construção e da habitação residencial, com crescimentos em torno de 6%. Embora exibindo uma tendência clara de desaceleração face a 2005 (quando subiram cerca de 13%), os preços da habitação subiram ainda perto de 9% em 2006, acima da média da Zona Euro. Neste contexto, os empréstimos para aquisição de habitação continuaram a revelar um forte crescimento – cerca de 20%, após um registo de 24% no final do ano anterior. O ritmo de expansão do crédito às sociedades não financeiras acompanhou a tendência positiva do investimento, subindo de 21% para 24% entre 2005 e 2006.

A recuperação da actividade na Zona Euro reflectiu-se positivamente nas exportações espanholas, cujo crescimento subiu de 1,5% para 6,2%. Neste contexto, e não obstante uma aceleração das importações (de 7% para 8,4%), observou-se, em 2006, uma diminuição da contribuição negativa da procura externa líquida para o crescimento. A recuperação das exportações face às importações não foi, no entanto, suficiente para evitar um novo agravamento das contas externas, com o défice da conta corrente a ampliar-se de 7,4% para cerca de 8,8% do PIB.

O dinamismo da actividade económica traduziu-se favoravelmente no mercado de trabalho, tendo a taxa de desemprego diminuído de 9,2% para 8,4% da população activa. Uma conjuntura favorável ao crescimento das receitas orçamentais permitiu, por outro lado, uma nova melhoria nas contas públicas, expressa numa subida do excedente orçamental de 1,1% para 1,8% do PIB.

4.5 Situação Económica em Portugal

A economia portuguesa observou, em 2006, uma recuperação face ao ano anterior, com o crescimento do PIB a subir de 0,5% para 1,3%. O maior dinamismo da actividade assentou, sobretudo, no forte crescimento das exportações de bens e serviços, com uma variação real de 8,8% (após um registo de 1,1% em 2005). Para além da manutenção de um crescimento do PIB elevado em Espanha, Portugal beneficiou da recuperação da actividade observada no conjunto da Zona Euro, em particular na Alemanha. Ao mesmo tempo, registaram-se fortes crescimentos das exportações

para destinos menos tradicionais, com destaque para Angola (com um registo próximo de 60%, em termos nominais). Neste contexto, o contributo das exportações líquidas para o crescimento aumentou, em 2006, de -0,5 para 1 ponto percentual.

Principais indicadores macroeconómicos – Portugal

Taxas de crescimento real (%), excepto quando indicado.

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006 E
PIB	3,9	2,0	0,8	-0,7	1,3	0,5	1,3
Consumo Privado	3,7	1,3	1,3	-0,1	2,5	2,2	1,1
Consumo Público	3,5	3,3	2,6	0,2	2,5	2,3	-0,3
Investimento	2,1	1,2	-4,7	-8,3	2,1	-3,8	-1,7
Exportações	8,4	1,8	1,4	3,9	4,4	1,1	8,8
Importações	5,3	0,9	-0,7	-0,9	6,6	1,9	4,3
Inflação (IPC)	2,9	4,4	3,6	3,3	2,4	2,3	3,0
Saldo Orçamental (% do PIB)	-2,9	-4,3	-2,9	-2,9	-3,2	-6,0	-4,6
Dívida Pública (% do PIB)	53,3	53,6	55,5	56,9	58,6	64,0	68,7
Desemprego (% da população activa)	4,0	4,1	5,1	6,3	6,7	7,6	7,7
Saldo Bal. Corrente e Capital (% do PIB)	-8,9	-8,5	-6,0	-3,3	-5,7	-8,1	-8,7

Fontes: INE, Banco de Portugal, Comissão Europeia, OCDE, ES Research
E - Estimativa

A procura interna, por seu lado, diminuiu o seu contributo para o crescimento diminuiu de 1 para 0,3 pontos percentuais. O consumo privado acentuou a tendência de desaceleração observada desde 2004, com o respectivo crescimento a descer de 2,2% para 1,1%. Não obstante uma recuperação visível dos índices de confiança das famílias na parte final do ano, as despesas de consumo privado foram restringidas, em 2006, pela subida das taxas de juro, por um crescimento ainda moderado do rendimento disponível e pela natureza restritiva da política orçamental, concretizada, sobretudo, na subida de alguns impostos indirectos. Com um aumento do rendimento disponível inferior à expansão do consumo privado, a taxa de poupança das famílias deverá ter registado uma ligeira descida, de 9,2% para cerca de 8,5% do rendimento disponível.

A formação bruta de capital fixo voltou a registar o comportamento mais negativo entre as componentes da procura interna, embora com uma queda real (de 1,7%) inferior à observada em 2005 (de 3,8%). Apesar de a recuperação da procura externa se ter reflectido numa subida dos índices de confiança nos sectores dos serviços e da indústria, as empresas mostraram-se ainda cautelosas nas suas decisões de investimento, perante a vulnerabilidade da procura interna. A despesa total em capital fixo foi ainda restringida pelos esforços de consolidação orçamental, que se traduziram numa queda do investimento público, e pela continuação do ajustamento das despesas de investimento em habitação por parte das famílias.

Neste contexto, a taxa média anual de desemprego subiu de 7,6% para 7,7% da população activa.

O consumo público caiu 0,3%, a partir de uma diminuição das despesas com o pessoal e das despesas em bens e serviços. Em conjunto com a queda do investimento público e com o forte aumento das receitas fiscais e não fiscais (ligeiramente acima de 8%), este registo contribuiu para uma diminuição do défice global das Administrações Públicas, de 6% para um valor ligeiramente abaixo de 4% do PIB, um valor inferior ao previsto no Programa de Estabilidade e Crescimento.

A moderação do crescimento da procura interna e o forte dinamismo das exportações de bens e serviços não evitaram uma deteriorização do saldo conjunto dos balanços corrente e de capital, com as necessidades líquidas de financiamento externo da economia portuguesa a subirem de 8,1% para 8,5% do PIB. Ao nível da Balança de Pagamentos, destaca-se ainda a evolução positiva do investimento directo em Portugal, o qual atingiu, em termos líquidos, um valor próximo de 5,8 mil milhões de euros.

Os empréstimos ao sector privado não financeiro registaram uma ligeira aceleração em 2006, com o respectivo crescimento anual a subir de 7,4% para 8,8%. Na base desta evolução esteve uma expansão mais robusta dos empréstimos ao consumo e outros fins, cujo crescimento terá subido de 4,5% para um valor ligeiramente acima de 10%, em linha com a melhoria da confiança das famílias e com os sinais de recuperação do consumo privado observados no final do ano. Os empréstimos à habitação mantiveram, por seu lado, a tendência de abrandamento gradual dos últimos anos, com o respectivo crescimento a cair de 11,1% para 9,9%. Os empréstimos às sociedades não financeiras exibiram uma tendência de aceleração ao longo de 2006, com um crescimento de 7,2%, acima do registo de 5% observado no ano anterior. Estes empréstimos destinaram-se sobretudo a reestruturação de dívidas, fusões e aquisições e financiamento de actividades correntes por parte das empresas.

A taxa de inflação média subiu, em 2006, de 2,3% para 3,1%. Este registo encontra-se afectado por uma alteração metodológica no tratamento estatístico de algumas componentes do Índice de Preços no Consumidor (IPC), com impacto apenas nos registos de 2006. Sem esta alteração, a inflação média teria subido para 2,5%. A aceleração dos preços em 2006 é explicada pelo aumento dos preços dos bens energéticos na primeira metade do ano e pelo impacto da subida de alguns impostos indirectos (o IVA em Julho de 2005 e alguns impostos sobre o consumo em Janeiro de 2006).

5.0 Gestão Financeira e Mercado de Capitais

No âmbito do plano de médio e longo prazo, a captação de recursos e a concessão de crédito a Clientes assumem papéis de extrema importância na actividade global do Grupo BES.

Neste contexto, e tendo em consideração a forte concorrência que se sente actualmente no sector bancário, a capacidade de acesso aos mercados financeiros, doméstico e internacionais, adquire uma importância acrescida na gestão financeira do Grupo. Neste âmbito, foi desenvolvida ao longo dos anos uma estrutura sofisticada de suporte às operações nos mercados de capitais, interbancários, de derivados e cambial, que permite aproveitar as vantagens proporcionadas pelas perspectivas de evolução das condições económicas em geral e, em particular, das taxas de juro, sem prejuízo de uma gestão prudente do risco de liquidez. Esta capacidade de actuação nos mercados financeiros tem sido utilizada não apenas no âmbito da gestão financeira, mas também na prestação de serviços aos seus Clientes.

O BES anunciou em 20 de Fevereiro de 2006 um aumento de capital de 1 500 milhões de euros para 2 500 milhões de euros, realizado durante o mês de Maio, que permitiu um encaixe total de 1 380 milhões de euros. A estrutura da operação contemplou a reserva de direitos de preferência para os Accionistas e considerou um mecanismo de reciclagem de direitos de modo a aumentar o *free-float* da acção BES, com o alargamento da base de investidores institucionais e a consequente melhoria da liquidez da acção. Um conjunto de Accionistas de referência do BES reduziram as respectivas participações, colocando à disposição de um sindicato bancário os direitos correspondentes a cerca de 6,5% do capital para colocação no mercado por via de leilão (*pot deal*). Para coordenar o processo de colocação de direitos no mercado internacional foi formado um sindicato bancário composto por cinco bancos de investimento (*joint book-runners*) tendo sido assegurada a tomada firme da referida colocação por quatro desses bancos (*underwriters*). O preço de emissão das novas acções foi estabelecido dentro do intervalo de preços previamente aprovado em Assembleia Geral de Accionistas, considerando um desconto de aproximadamente 20% face ao TERP (*Theoretical Ex-Rights Price*). Apesar das difíceis condições de mercado vigentes durante a colocação, a procura para a subscrição de direitos superou a oferta, permitindo ao BES alcançar todos os objectivos de mercado propostos aquando do lançamento da operação.

O Grupo participa activamente e de forma recorrente nos mercados internacionais através de (i) emissões de capital híbrido, (ii) de emissões de dívida, principalmente ao abrigo do Programa de *Euro Medium Term Notes* (EMTN) e (iii) da execução de operações de titularização de activos. Prosseguindo o objectivo de diversificação das classes de activos utiliza-

das em operações de titularização de créditos, o Grupo BES executou em Novembro de 2006 a sua primeira operação de titularização de créditos a empresas, no montante de 863 milhões de euros, denominada Lusitano SME No.1. Em Setembro de 2006 o Grupo BES lançou a sua quinta operação de titularização de créditos à habitação, *Lusitano Mortgages no.5*, cujo sucesso ficou bem patente no spread de 13 pb face à Euribor conseguida na classe com *rating* AAA.

No mercado de Dívida Pública Portuguesa, o Grupo BES continua a apresentar-se como uma das entidades de referência, quer como *primary dealer* quer como *market maker*, registando valores de transacção diários consistentemente elevados. A actividade desenvolvida como Operador Especializado de Valores do Tesouro (OETV) no mercado das obrigações do tesouro mereceu mais uma vez referência por parte do Instituto de Gestão do Crédito Público (IGCP), que elegeu o BES como a instituição financeira portuguesa que mais se destacou durante o ano de 2006.

O profundo envolvimento do Grupo nos mercados financeiros, em particular taxa de juro e cambial, tem permitido disponibilizar, aos seus Clientes, em particular do segmento empresas, soluções de gestão de riscos financeiros inovadoras e adequadas a cada perfil de risco. Esta vantagem competitiva aliada às condições de mercado verificadas tem permitido uma criação de valor sustentada, para o Grupo BES e os seus Clientes.

A actividade de mercados sobre a carteira própria, desenvolvida através de títulos de dívida e de instrumentos derivados de taxa de juro, crédito e acções, permitiu ao Grupo BES, através de uma gestão integrada dos riscos de mercado, contribuir positivamente para o produto bancário. Em particular, merece referência o desempenho positivo dos mercados Accionistas, com especial destaque para a boa *performance* do mercado brasileiro e português, e a estabilidade de taxa de juro, cambial e de crédito verificada nos EUA e nos mercados europeus que influenciou positivamente a performance dos mercados emergentes.

Dentro da gestão global de liquidez é de destacar a política de financiamento, a qual é estabelecida para todos os passivos, desde a captação de recursos junto de Clientes, até ao capital ordinário e preferencial dos accionistas, incluindo a utilização de instrumentos de financiamento nos mercados financeiros.

Para tal, o Grupo dispõe de diversos mecanismos de financiamento que se materializam no curto prazo em linhas de mercado interbancário e em programas de papel comercial (*Euro Commercial Paper Programme* e *US Commercial Paper Programme*), e no médio/longo prazo no programa de *Euro Medium Term Notes* para emissões de dívida sénior e subordinada, bem como em linhas de financiamento e na titularização de activos.

BES Finance: captação de recursos nos mercados internacionais

À semelhança do que se encontra frequentemente na organização dos principais grupos financeiros internacionais, também no universo do Grupo BES existe uma sociedade especializada, a BES Finance, cuja actividade consiste na captação de recursos nos mercados internacionais. Esta sociedade que está sediada nas ilhas Caimão, foi constituída em 1997, com capital ordinário integralmente subscrito pelo BES.

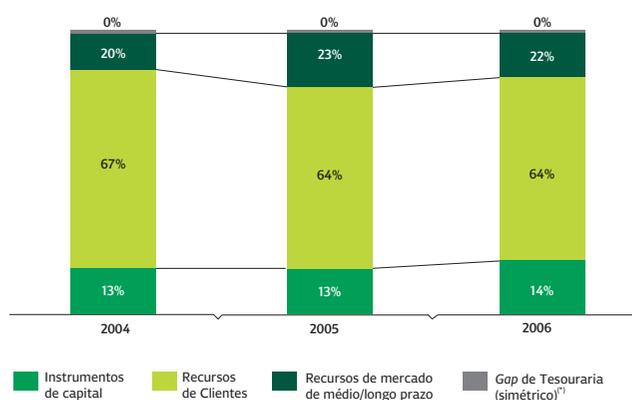
Em Fevereiro de 1997, a BES Finance estabeleceu um programa de *Euro Medium Term Notes* (EMTN), actualizado anualmente através da emissão do respectivo Prospecto, ao abrigo do qual pode emitir dívida sénior ou subordinada até um valor nominal agregado de 10 000 milhões de euros.

Actualmente para além da BES Finance podem ainda emitir obrigações ao abrigo do programa o BES Sede e as suas sucursais nas Ilhas Caimão e na Zona Franca da Madeira. Estas obrigações, que podem ser denominadas em qualquer moeda e emitidas por qualquer prazo, estão cotadas na Bolsa do Luxemburgo. O montante de obrigações sénior emitidas ao abrigo do Programa EMTN e vivas ascendia a 8 035 milhões de euros em 31 de Dezembro de 2006. A sociedade concretizou ainda um conjunto de emissões de obrigações subordinadas, que totalizavam 1 738 milhões de euros no final de 2006.

Fora do âmbito do programa EMTN, a BES Finance procedeu à emissão de acções preferenciais no montante global de 600 milhões de euros, garantida pelo BES e colocada junto de investidores institucionais europeus, encontrando-se cotadas na Bolsa do Luxemburgo.

A estrutura de financiamento do Grupo evidencia a importância dos recursos de Clientes em balanço (depósitos e títulos), que continuam a assumir 64% do total das fontes de financiamento. Enquanto os recursos de médio e longo prazo diminuíram o seu peso relativo de 23% para 22%, os fundos próprios do Grupo aumentaram a sua contribuição para 14%, consequência do aumento de capital. Na sequência da política de gestão de liquidez seguida nos últimos anos, o *gap* de tesouraria tem apresentado consistentemente valores que traduzem níveis de liquidez excedentários. A liquidez disponível no curto prazo é gerida numa óptica consolidada e permite minimizar o risco de uma possível aceleração da actividade comercial caracterizada por um ritmo de crescimento do crédito superior ao ritmo de crescimento dos recursos (de balanço) dos Clientes.

Estrutura de financiamento



(*) *Gap* de tesouraria - liquidez imediata e créditos interbancários de curto prazo deduzidos dos débitos interbancários até um ano. Assim, numa óptica de necessidades de financiamento, o *gap* de tesouraria negativo indica níveis de liquidez excedentários.

Este comportamento resulta da execução de diversas operações de financiamento nos mercados internacionais, com especial destaque para:

- O aumento de capital realizado em Maio de 2006, que proporcionou um encaixe de 1 380 milhões de euros;
- A captação de recursos de mercado de médio e longo prazo, quer através da realização de novas emissões de obrigações sénior ao abrigo do programa EMTN (entrada líquida de fundos no montante de 1 728 milhões de euros), como através da contratação de empréstimos de médio e longo prazo com organismos e instituições financeiras internacionais;
- A titularização de crédito à habitação no montante de 1,4 mil milhões de euros, realizada em Setembro de 2006 (*Lusitano Mortgages N.º 5*) e a primeira operação de titularização de crédito a empresas (*Lusitano SME No.1*), realizada em Outubro de 2006, num montante global de 863 milhões de euros

Fontes de financiamento

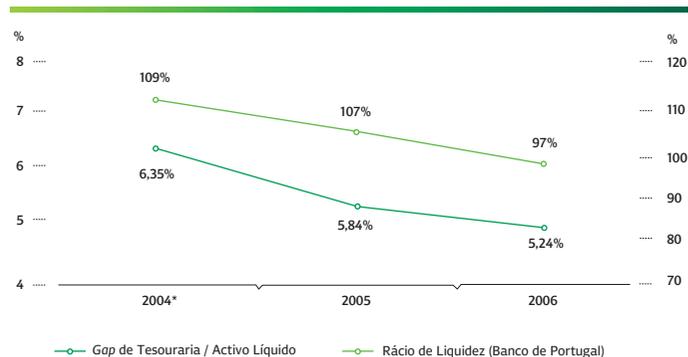
	2004 ^(**)	2005	2006
Gap de Tesouraria (simétrico)*	(2 736)	(2 932)	(3 096)
Caixa e outras disponibilidades junto de IC's	7 000	7 139	9 153
Débitos de curto prazo junto de IC's	4 264	4 207	6 057
Recursos de mercado de médio/longo prazo	7 518	9 994	10 842
<i>Euro Medium Term Notes</i>	5 499	7 252	8 980
Débitos de médio e longo prazo junto de IC's	2 019	2 742	1 862
Recursos de Clientes em Balanço	25 110	27 873	31 995
Instrumentos de capital	4 622	5 398	7 063
Total	34 514	40 333	46 805

(*) *Gap* de tesouraria — liquidez imediata e créditos interbancários de curto prazo deduzidos dos débitos interbancários até um ano. Assim, numa óptica de necessidades de financiamento, o *gap* de tesouraria negativo indica níveis de liquidez excedentários.

(**) Dados das demonstrações financeiras em base IFRS

A manutenção de uma política prudente de gestão da liquidez, traduzida, por um lado, na diversificação das fontes de financiamento e, por outro, no alargamento dos prazos dos recursos captados, traduziu-se a partir de 2002 em excedentes de tesouraria de curto prazo, que representavam, no final de 2006, 5,24% do activo líquido.

Gap de tesouraria (como % do activo líquido)

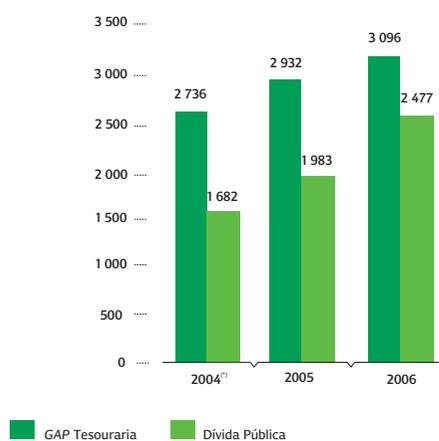


(*) Dados das demonstrações financeiras em base IFRS.

Por outro lado, a carteira de dívida pública constitui uma fonte adicional de liquidez, quer através do redesconto junto do Banco Central, quer no mercado de *repos*.

Evolução da dívida pública vs GAP de tesouraria

(milhões de euros)



(*) Dados das demonstrações financeiras em base IFRS.

Notações de Rating do Banco Espírito Santo

As notações atribuídas pelas agências de *rating* internacionais ao Banco Espírito Santo reflectem a sua solidez financeira, fruto de uma estratégia de crescimento orgânico bem sucedida.

Agência	Longo Prazo	Curto Prazo	Outlook
Standard & Poor's	A-	A2	Positivo
Moody's	A1	P-1	Estável
Fitch	A+	F1	Estável

Standard & Poor's: A- para a dívida de médio e longo prazo e A-2 para a dívida de curto prazo (*outlook* positivo), com base na forte posição competitiva que o Grupo detém no negócio de retalho, na adequada rentabilidade resultante da eficiência operacional, no maior equilíbrio do *funding* e na qualidade dos activos.

Moody's: A1 para a dívida de longo prazo e P1 para a dívida de curto prazo (*outlook* estável). O *rating* atribuído pela Moody's reflecte o forte e diversificado posicionamento no mercado doméstico e a solidez financeira do Grupo.

FitchRatings: A+ para dívida de longo prazo e F1 para dívida de curto prazo (*outlook* estável), com base no forte posicionamento do Grupo no mercado doméstico, na qualidade dos activos, baixo perfil de risco e adequados níveis de solvabilidade e rentabilidade.

6.0 Gestão dos Riscos

6.1 A Função de Risco no Grupo BES

O controlo e a gestão dos riscos têm vindo a desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento equilibrado e sustentado do Grupo BES, no sentido em que contribuem para a optimização do binómio rentabilidade/risco das várias linhas de negócio, assegurando simultaneamente a manutenção de um perfil de risco conservador ao nível da solvabilidade, provisionamento e liquidez.

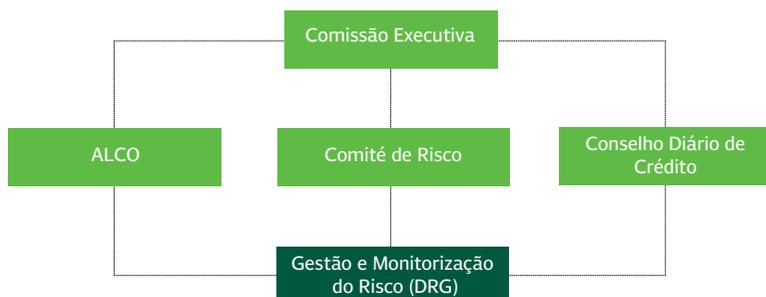
É da responsabilidade da Comissão Executiva definir o perfil de risco objectivo do Grupo, bem como fixar os princípios gerais de gestão e controlo de riscos, assegurando que o Grupo BES detém as competências e os recursos necessários para a prossecução de tais objectivos.

A um nível especializado, o Grupo BES está organizado num conjunto de Comités que suportam as decisões da Comissão Executiva. Na área de gestão e controlo de risco assumem um papel relevante os seguintes órgãos:

Comité de Risco: reúne mensalmente com a presença do Presidente da Comissão Executiva, e é responsável por monitorizar a evolução do perfil integrado de risco do Grupo e por analisar e propor políticas, metodologias e procedimentos de avaliação e controlo de todos os tipos de risco. Este Comité analisa igualmente a evolução da rentabilidade ajustada pelo risco e do valor acrescentado dos principais segmentos/Clientes;

Conselho Diário Financeiro e de Crédito: reúne com a presença de membros da Comissão Executiva e das direcções dos departamentos, sendo esta a sede em que são apresentadas e decididas as principais operações de crédito, de acordo com as políticas de risco definidas. A situação da tesouraria e a evolução dos mercados financeiros são igualmente objecto de controlo nesta reunião;

ALCO (Asset and Liability Committee): reúne mensalmente, com a presença dos membros da Comissão Executiva, incluindo o seu Presidente, com o objectivo de efectuar a gestão do risco de mercado, de taxa de juro e de liquidez.



A um nível operacional, a área de gestão e monitorização de Risco está centralizada no Departamento de Risco Global (DRG), cuja actividade reflecte os princípios subjacentes às melhores práticas de gestão de risco, assegurando:

- a independência face a outras áreas e credibilidade perante os órgãos de gestão e fiscalização, Accionistas, investidores e reguladores; o DRG não detém poderes de decisão sobre operações concretas;
- a integração e gestão global de todos os riscos (crédito, mercado, liquidez, taxa de juro e operacional quer ao nível da actividade doméstica quer internacional) e a consistência das comparações directas de risco e rentabilidade;
- a incorporação consistente dos conceitos de risco e capital na estratégia e nas decisões de negócio de todo o Grupo BES.

6.2 O Novo Acordo de Capital (Basileia II)

Os desafios e oportunidades decorrentes do Novo Acordo de Capital são amplamente reconhecidos pelo Grupo BES. A aproximação da visão regulamentar à perspectiva económica na nova moldura regulamentar proposta, cujos princípios corroboram os fundamentos e as práticas seguidas pelo Grupo, reforça a oportunidade e estimula o esforço que tem vindo a ser desenvolvido na área de gestão de riscos.

O Grupo BES estabeleceu em 2003 como meta o posicionamento nos métodos IRB Foundation para o Risco de Crédito e *Standardised Approach* para o Risco Operacional. Ao longo dos últimos anos, o Grupo BES efectuou um forte investimento no Projecto Basileia II, que se materializou no desenvolvimento de plataformas técnicas, bem como no reforço de competências dos seus recursos humanos.

Uma das primeiras áreas de actuação do Projecto Basileia II centrou-se na consolidação e aperfeiçoamento dos modelos internos de análise de risco, com destaque para os sistemas de notação de risco. Em paralelo, verificou-se um forte desenvolvimento dos sistemas de informação, com especial ênfase para os mecanismos de centralização da informação de todo o Grupo BES. Posteriormente, procedeu-se ao reforço da introdução das métricas e critérios de risco nos processos quotidianos de decisão. Neste âmbito, assistiu-se a uma adaptação das práticas, políticas e procedimentos de gestão com o objectivo de assegurar a consideração explícita da avaliação do risco no processo de decisão.

Todas as metodologias, práticas, políticas e procedimentos desenvolvidos tem vindo a ser implementados de forma consistente para as sucursais e subsidiárias do Grupo BES, tendo como principal objectivo tornar a gestão dos riscos coerente em todas as linhas de negócio do Grupo.

De acordo com os prazos definidos pelo Banco de Portugal, o Grupo BES entregou a candidatura ao método das notações internas (*IRB Foundation*) sem estimação própria de “LGDs” e “CF” para cálculo de requisitos de fundos próprios para cobertura de risco de crédito e ao método *standard* para o cálculo de requisitos de fundos próprios para risco operacional.

Esta candidatura representa o culminar das actividades desenvolvidas ao abrigo do Projecto Basileia II ao nível do desenvolvimento, implementação e validação de modelos, de técnicas de mitigação de risco e de processos de decisão e apoio à gestão. O Grupo encontra-se a finalizar os processos informáticos de cálculo de requisitos de capital e de suporte ao Pilar II e Pilar III.

Repartição da exposição por *asset type* e entidades: Método de cálculo de requisitos de capital por *portfolios*

Entidades	BES PORTUGAL	SFE MADEIRA	SUCURSAL LONDRES	SUCURSAL NOVA IORQUE	BES AÇORES	BES ESPANHA	BES LEASING E FACTORING	BESI	ESPIRITO SANTO BANK	BES ANGOLA	BANCO BEST	ESPIRITO SANTO PLC	BES ORIENTE
Sovereigns	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST	ST
Banks	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF
Corporate (not including SMEs, SL e Purchased Receivables)	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	ST	ST	IRBF	IRBF	IRBF
SMEs Treated as Corporate Exposures	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	ST	ST	IRBF	ST	ST
Specialized Lending (not including HVCRE) Exposures	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	IRBF	ST	ST	N/A	IRBF	ST
Purchased Receivables	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	IRBF	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
SMEs Treated as Retail Exposures	IRBA	N/A	N/A	N/A	IRBA	ST	N/A	N/A	ST	ST	N/A	N/A	N/A
Residential Retail Exposures	IRBA	N/A	ST	ST	IRBA	IRBA	NA	ST	ST	ST	N/A	N/A	N/A
Other Retail	IRBA	IRBA	ST	ST	IRBA	ST	ST	ST	ST	ST	IRBA	ST	ST
Qualifying Revolving Retail Exposures	IRBA	N/A	N/A	N/A	IRBA	ST	N/A	N/A	N/A	N/A	IRBA	N/A	N/A
Equity	PD/LGD	PD/LGD	PD/LGD	PD/LGD	PD/LGD	PD/LGD	PD/LGD	PD/LGD	PD/LGD	SRW	PD/LGD	PD/LGD	PD/LGD
Securitization	IRBF	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	IRBF	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A

ST	Abordagem <i>Standard</i>	IRBA	Abordagem das Notações Internas - <i>Advanced</i>	SRW	Abordagem <i>Simple Risk Weight</i>
IRBF	Abordagem das Notações Internas - <i>Foundation</i>	PD/LGD	Abordagem PD/LGD	N/A	Não Aplicável

6.3 Risco de Crédito

O risco de crédito, que resulta da possibilidade de ocorrência de perdas financeiras decorrentes do incumprimento do Cliente ou contraparte relativamente às obrigações contratuais estabelecidas com o Banco no âmbito da sua actividade creditícia, constitui o risco mais relevante a que se encontra exposto a actividade do Grupo BES. Como tal, a sua gestão e controlo continua a merecer uma particular atenção, sendo suportada na utilização de um robusto sistema de identificação, avaliação e quantificação de risco, que tem vindo a ser continuamente aperfeiçoado.

6.3.1 Práticas de Gestão

Dando continuidade a uma prática de bons resultados já implementada há largos anos, o Grupo tem prosseguido uma política de gestão permanente das carteiras de crédito que privilegia a interacção entre as várias equipas envolvidas na gestão de risco ao longo das sucessivas fases da vida do processo de crédito. Esta abordagem tem vindo a ser complementada pela introdução de melhorias contínuas tanto no plano das metodologias e ferramentas de avaliação e controlo dos riscos, como ao nível dos procedimentos e circuitos de decisão.

a. Os Sistemas Internos de Notação de Risco

Face às particularidades inerentes ao seu desenvolvimento e aplicação, os sistemas internos de notação de risco subdividem-se em duas grandes categorias:

• Modelos Internos de Rating para Carteiras de Empresas

No que concerne aos modelos de *rating* para carteiras de empresas, são adoptadas abordagens distintas em função da dimensão e do sector de actividade dos Clientes e/ou operações. São utilizados ainda modelos específicos adaptados a operações de *project finance*, *leveraged finance* e promoção imobiliária.

Assim, para o segmento de Médias Empresas são utilizados modelos de *rating* estatísticos, os quais combinam informação financeira com dados de natureza qualitativa. A publicação das notações de risco requer um processo prévio de validação elaborado por uma equipa técnica de analis-tas de risco, os quais tomam ainda em consideração variáveis de natureza comportamental e se pronunciam, nas circunstâncias previstas nos respectivos normativos de processo de crédito, sobre as operações propostas.

Para o segmento de Negócios (pequenas empresas), para além da informação financeira e qualitativa, utiliza-se informação sobre o comportamento bancário das empresas e do(s) sócio(s) no cálculo das notações de risco.

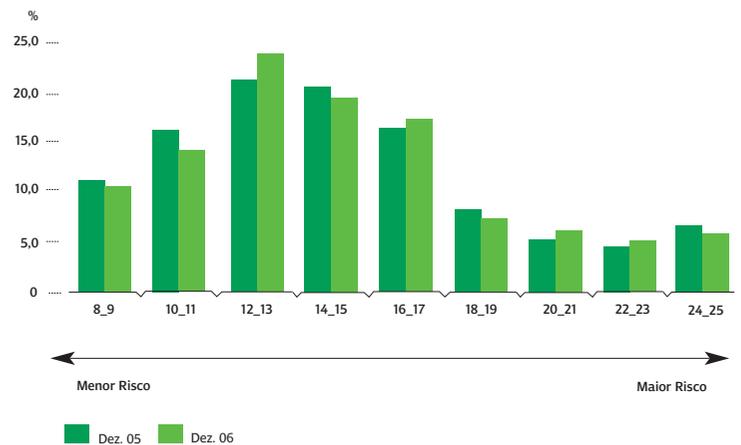
Relativamente às Grandes Empresas, Institucionais, Instituições Financeiras, Administrações Locais e Regionais e financiamentos especializados - nomeadamente, *project* e *leveraged finance* - as notações de risco são atribuídas por uma equipa especializada (mesa de *rating*). Esta estrutura, organizada por sectores de actividade, é composta por quadros técnicos altamente especializados.

A atribuição das notações internas de risco por parte desta equipa a estes segmentos de risco, classificados como *portfolios* de baixa sinistralidade (*Low Default Portfolios*), assenta na utilização de modelos de *rating* do tipo “*expert-based*” (*templates*) baseados em variáveis qualitativas e quantitativas, fortemente dependentes dos vários sectores de actividade dos Clientes, e que foram alinhados com os utilizados por uma das principais agências de *rating* internacionais.

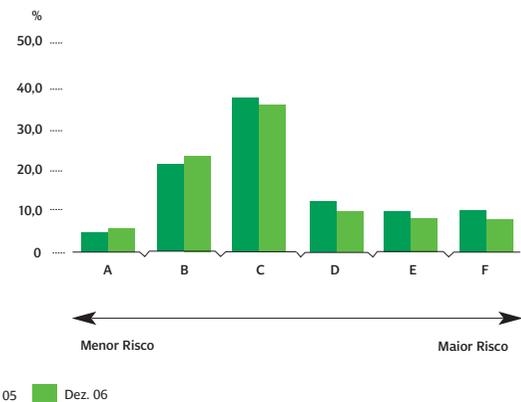
Encontram-se igualmente implementados modelos de *rating* especificamente vocacionados para a quantificação do risco inerente ao financiamento de “*start-ups*” (empresas com menos de 2 anos de actividade), bem como de projectos imobiliários e empresas com actividade no sector imobiliário, os quais nestes últimos dois casos são aplicados por uma equipa central especializada, utilizando variáveis quantitativas e técnicas, bem como variáveis qualitativas.

Repartição da carteira de crédito por notação de *rating*: Actividade Doméstica

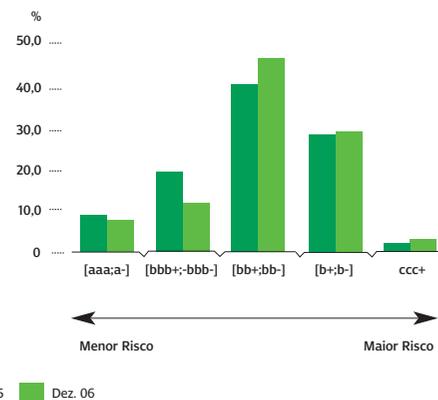
Modelo de Rating médias empresas



Modelo de Scoring negócios



Modelo de Rating grandes empresas



• Modelos Internos de *Scoring* para Carteiras de Particulares

O Grupo BES dispõe de modelos de *scoring* de origemação e comportamentais para os seus principais produtos de particulares: crédito habitação, crédito individual, cartões de crédito, descobertos e contas empréstimo, cujas notações estão calibradas contra probabilidades de incumprimento a um ano. A capacidade preditiva dos modelos é objecto de monitorização regular.

Paralelamente à estimação dos incumprimentos, são também monitorizados regularmente outros parâmetros necessários à quantificação e gestão de risco: a recuperação (LGD) e a exposição estimada para o momento do incumprimento (EAD).

Ao longo de 2006 foram plenamente utilizados todos os modelos de *rating* e *scoring* desenvolvidos nos anos anteriores, os quais assumem hoje em dia um papel determinante não só na análise técnica do risco, mas também nos processos de aprovação e monitorização do risco de crédito. Durante o ano de 2006 o Grupo BES realizou um exercício global de validação interna dos diversos modelos de *rating* e *scoring* implementados nos anos anteriores. Os resultados obtidos foram globalmente positivos, continuando os modelos a evidenciar uma boa capacidade de discriminação de risco e, portanto, válidos para suportar decisões de negócio. Os modelos de risco foram recalibrados e sujeitos à validação das áreas de controlo interno e auditoria. A validação e a recalibração dos modelos serão repetidas pelo menos anualmente, de acordo com as melhores práticas de gestão de risco e conforme o previsto na nova regulamentação sobre requisitos mínimos de capital (Basileia II).

b. A Concessão de Crédito

Dando continuidade às iniciativas concretizadas em anos precedentes e de harmonia com os objectivos fixados para 2006, prosseguiu-se durante este exercício com o desenvolvimento do projecto global de revisão e adaptação dos processos de concessão de crédito nos vários segmentos comerciais, visando designadamente a incorporação cada vez mais abrangente das notações de *rating* interno e de métricas de rentabilidade ajustada pelo risco nos processos de decisão.

Foi justamente nesse sentido que, em 2006, se procedeu à implementação do projecto de redesenho integral do processo de crédito ao nível do segmento das Grandes Empresas, totalmente ancorado numa perspectiva económica, com as notações de *rating* a ser incorporadas na definição dos poderes de crédito dos diferentes escalões de decisão, quer quanto em termos de limites de exposição, quer em termos de *pricing*.

Do mesmo modo, em total alinhamento com as metodologias e práticas de gestão de risco seguidas em Portugal, e procurando dar também resposta ao exigente desafio estratégico definido no âmbito do denominado

Projecto Ibéria, que tem subjacente o reforço no curto/médio prazo da posição do Grupo em Espanha, foi dado início ao projecto global de redesenho, por segmentos, de todos os processos de análise, decisão e controlo de crédito actualmente em vigor no BES (Espanha), cuja implementação se projecta para o primeiro trimestre de 2007.

c. A Monitorização do Risco de Crédito

As actividades de acompanhamento e de controlo têm por objectivo medir e controlar o risco de crédito, permitindo igualmente, numa perspectiva de mitigação de potenciais perdas, a definição e implementação antecipada de medidas concretas para situações específicas que iniciem agravamento de risco, bem como estratégias globais de gestão da carteira de crédito.

Nestes termos, e orientada no sentido de preservar a qualidade e os padrões de risco do Grupo BES, a função de monitorização do risco de crédito e o seu respectivo desenvolvimento continua a revelar-se como um eixo de intervenção prioritário do sistema de gestão e controlo de risco, sendo composta essencialmente pelos seguintes processos:

• Detecção de sinais de alerta e acompanhamento de Clientes

Para além dos modelos de *rating/scoring*, e em estreita articulação com o processo de cálculo, análise e avaliação da imparidade do crédito, o Grupo BES tem implementado um sistema de monitorização de risco suportado num conjunto de mecanismos de detecção de múltiplos sinais de alerta nos quais já se integram os indícios de imparidade.

É com base neste sistema de sinais de alerta e função da respectiva frequência, gravidade e correlação que, de forma recorrente, se procede à identificação, análise e qualificação dos Clientes que apresentam sintomas de agravamento do seu perfil de risco e, simultaneamente, se definem as opções estratégicas de relação comercial (nomeadamente, “Desmobilizar”, “Reforçar Garantias”, “Reduzir Exposição”) e se determina o nível de vigilância activa e, sempre que aplicável, o respectivo nível de imparidade do crédito que melhor se ajusta ao perfil e quadro de situação de cada uma das entidades objecto de análise e ao grau de cobertura garantido pelos instrumentos de mitigação de risco que dispomos para cada contrato/Cliente.

Estas atribuições são da competência da Comissão de Análise de Risco de Crédito que, para o efeito, promove e lidera a realização de reuniões presenciais com todas as estruturas comerciais que se desenvolvem ao longo do ano e cujas conclusões são alvo de reporte periódico ao Comité de Risco e à Comissão Executiva.

• Controlo de limites de crédito

Os limites aprovados pela Comissão Executiva para os vários *portfolios* do Banco são monitorizados centralmente pelo Departamento de Risco Global.

• **Análise global do perfil de risco das carteiras de crédito**

O perfil de risco dos portfólios de crédito é analisado mensalmente no Comité de Risco. Nestas reuniões é feito o acompanhamento do perfil de risco do Grupo BES e das respectivas unidades de negócio, integrando quatro grandes eixos de análise: evolução das exposições, monitorização das perdas creditícias, alocação e consumo de capital e controlo da rentabilidade ajustada pelo risco.

d. Processo de Recuperação

Todo o processo de recuperação é desenvolvido com base no conceito integrado de Cliente. Cada Cliente tem afecto um recuperador que acompanha todos os seus créditos em recuperação (independentemente do segmento – empresas ou retalho).

O tratamento do crédito a particulares, considerada a volumetria e natureza, em algumas fases, obedece a critérios automáticos e industrializados, enquanto o crédito a empresas obedece a critérios personalizados de abordagem.

No decurso do processo são equacionadas as possibilidades de acordo, recorrendo à via judicial sempre que se mostra necessário para ressarcimento dos seus créditos e defesa dos seus direitos mas mantendo sempre a disponibilidade para equacionar soluções que potenciem o regresso a uma situação de cumprimento e, por consequência, a manutenção do Cliente.

6.3.2 Análise do Risco de Crédito

a. Carteira de crédito a Clientes

• **Estrutura da Carteira de Crédito**

A carteira de crédito apresentou em 31 de Dezembro de 2006 um crescimento de 14,4% face ao final do ano de 2005.

(milhões de euros)

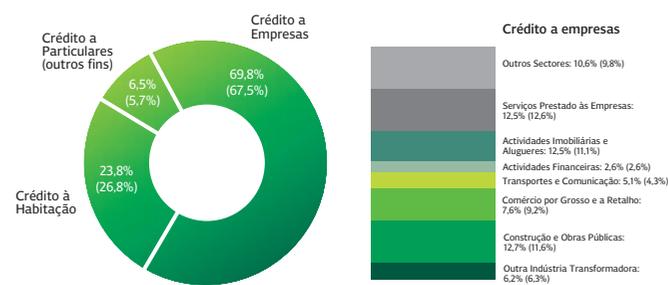
	Dez. 05		Dez. 06		Var. (%)	
	Deduzindo securitização	Incluindo crédito securitizado	Deduzindo securitização	Incluindo crédito securitizado	Deduzindo securitização	Incluindo crédito securitizado
Crédito Total (bruto)	31 662	35 451	35 752	40 546	12,9	14,4
Habitação	8 481	12 270	8 500	13 294	0,2	8,3
Particulares (outro)	1 802	1 802	2 309	2 309	28,1	28,1
Empresas	21 379	21 379	24 943	24 943	16,7	16,7

Esta evolução reflecte a política definida pelo Grupo direccionada, por um lado, para produtos de baixo risco destinados a particulares, em especial o crédito habitação (crescimento de 8,3%) e, por outro, para o segmentos de empresas, tirando assim partido da vasta experiência que o Grupo possui neste sector.

De acordo com a política de diversificação da carteira de crédito, privilegiou-se, uma vez mais, níveis de concentração conservadores ao nível da sua exposição sectorial.

Distribuição sectorial da carteira de crédito total

Valores de balanço



() Ano anterior

• **Qualidade do Crédito**

Não obstante o assinalável crescimento da carteira de crédito, foram alcançadas melhorias significativas ao nível do perfil de risco da actividade creditícia durante o ano 2006, consolidando-se assim a tendência favorável verificada nos exercícios anteriores. Assim, ao nível da qualidade da carteira de crédito merecem especial destaque a redução da sinistralidade (crédito vencido há mais de 90 dias) que se situou em 1,11% (1,33% em 2005) e a cobertura de crédito vencido há mais de 90 dias por provisões que aumentou 21,6 p.p. para 218,2% (196,6% em 2005).

Carteira de crédito: indicadores de qualidade

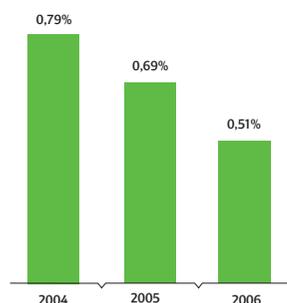
(milhões de euros)

	Dez. 05	Dez. 06	Var.	
			absoluta	relativa
Crédito a Clientes (bruto)	31 662	35 752	4 090	12,9%
Crédito Vencido	488,1	472,5	-15,6	-3,2%
Crédito Vencido>90 dias	422,1	398,4	-23,7	-5,6%
Crédito com Incumprimento (B.Portugal) ^(a)	564,3	495,0	-69,3	-12,3%
Provisões para Crédito	829,9	869,3	39,4	4,8%
Crédito Vencido/Crédito a Clientes (bruto)	1,54%	1,32%	-0,22 p.p.	
Crédito Vencido>90 dias/Crédito a Clientes(bruto)	1,33%	1,11%	-0,22 p.p.	
Crédito com Incumprimento ^(a) /Crédito a Clientes(bruto)	1,78%	1,38%	-0,40 p.p.	
Cobertura Crédito Vencido	170,0%	183,9%	14,0 p.p.	
Cobertura Crédito Vencido >90 dias	196,6%	218,2%	21,6 p.p.	
Cobertura do Crédito em Incumprimento	147,1%	175,6%	28,5 p.p.	

(a) De acordo com a definição constante da Carta Circular nº 99/03/2003 do Banco de Portugal.

Para esta evolução contribuiu de forma decisiva a rigorosa política de concessão de crédito, a qual se encontra apoiada, por um lado, nos sistemas internos de *rating* e *scoring* e, por outro, na criteriosa e sistemática exigência de instrumentos de mitigação do risco. A par disso, importa ainda realçar o bom nível de recuperações atingido durante o exercício de 2006 e as operações de venda de crédito vencido conforme se refere no ponto 7.2 do presente relatório.

Custo do provisionamento^(*)



(*) Reforço acumulado de provisões no exercício / crédito a Clientes.

A melhoria constante do perfil de risco tem-se também reflectido na redução sistemática verificada ao nível do esforço de provisionamento do Grupo BES, a qual tem sido atingida num cenário de forte crescimento da carteira de crédito. A concretização deste duplo objectivo (crescimento da carteira de crédito e diminuição do risco) foi possível através da prossecução de políticas selectivas de gestão da carteira de crédito e da crescente sofisticação dos instrumentos de apoio à decisão.

b. Carteira de Obrigações e Risco de Contraparte

No que se refere à carteira de obrigações, importa destacar que 36,5% correspondia no final de 2006 a emissões de dívida pública. Para além disso, salienta-se também o facto de 65% da carteira de obrigações corresponder a títulos de qualidade *investment grade*.

Ratings: Carteira de Obrigações

Ratings Externos		S&P		MOODY'S	
		2005	2006	2005	2006
AAA	Aaa	16,1%	13,0%	17,0%	13,0%
[AA+:AA-]	[Aa1:Aa3]	22,1%	26,4%	34,9%	28,7%
[A+:A-]	[A1:A3]	30,8%	19,2%	20,8%	16,4%
[BBB+:BBB-]	[Baa1:Baa3]	7,1%	6,2%	5,9%	6,8%
[BB+:BB-]	[Ba1:Ba3]	0,8%	6,5%	0,6%	6,0%
[B+:B-]	[B1:B3]	0,1%	0,4%	0,0%	0,3%
[CCC+:CC]	[Caa1:Ca]	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
SD/D	C	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
N.R.	N.R.	23,0%	28,1%	20,8%	28,6%
TOTAL		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

O risco de contraparte dos derivados, calculado a partir do custo de substituição (soma dos valores de substituição positivos dos contratos), assenta essencialmente em exposições com notações de risco atribuídas por agências de *rating* internacionais. A elevada qualidade desta carteira é constatada pelo facto de cerca de 67% do valor em risco se situar entre as notações AAA/Aaa e A-/A3.

c. Exposição a Mercados Emergentes

No que refere aos mercados emergentes destaca-se a sua reduzida expressão (4,2% do total do activo líquido consolidado). De salientar ainda que, dos 2 481 milhões de euros de exposição líquida, apenas 849 milhões de euros se encontravam denominados em moeda estrangeira.

Países de Risco	Coeficiente de Risco 2006	Dez. 05		Dez. 06				
		Exposição Líquida		Exposição Bruta ⁽¹⁾	Garantias e Deduções ⁽²⁾	Exposição Líquida		Estrutura Estrangeira
		Total	em Moeda Estrangeira			Total	em Moeda Estrangeira	
AMÉRICA LATINA		1 319	169	1 954	184	1 770	334	71%
Bahamas	10%	17	17	33	30	3	3	0%
Brasil	10%	1 186	36	1 606	73	1 533	97	62%
México	10%	13	13	48	46	2	2	0%
Panamá	10%	94	94	232	6	226	226	9%
Venezuela	50%	3	3	15	15	0	0	0%
Outros		6	6	20	14	6	6	0%
LESTE EUROPEU		9	9	3	0	3	3	0%
Roménia	10%	2	2	0	0	0	0	0%
Rússia	10%	4	4	2	0	2	2	0%
Ucrânia	25%	3	3	1	0	1	1	0%
Outros		0	0	0	0	0	0	0%
ÁSIA - PACÍFICO		44	29	65	7	58	49	2%
Índia	10%	5	5	7	0	7	7	0%
Macau	10%	38	23	43	0	43	34	2%
República Popular da China	10%	0	0	8	0	8	8	0%
Turquia	25%	0	0	6	6	0	0	0%
Outros		1	1	1	1	0	0	0%
ÁFRICA		416	198	773	123	650	463	26%
África do Sul	10%	1	0	36	19	17	17	1%
Angola	25%	376	188	691	64	627	445	25%
Cabo Verde	25%	0	0	31	30	1	1	0%
Marrocos	10%	37	8	9	5	4	0	0%
Outros		2	2	6	5	1	0	0%
TOTAL		1 788	405	2 795	314	2 481	849	100%
% ACTIVO LÍQUIDO		3,6%	0,8%			4,2%	1,4%	

(1) Valores brutos líquidos de provisões para risco país; incluem elementos extrapatrimoniais: 223 milhões de euros (Dez. 06) e 88 milhões de euros (Dez. 05).

(2) Incluem *Trade Finance* inferior a 1 ano contratado em Portugal no valor de 61 milhões de euros.

Do conjunto de exposições enquadradas nas economias emergentes, e em consonância com a estratégia de internacionalização que o Grupo vem desenvolvendo, ressaltam as seguintes:

- Brasil: registou-se um acréscimo de exposição de cerca de 347 milhões de euros, dos quais cerca de 100 milhões de euros correspondem à variação da valorização das posições accionistas no Banco Bradesco, sendo o restante decorrente do crescimento da actividade do BESI neste país;
- Angola: verificou-se um aumento de 251 milhões de euros, relacionado com o forte crescimento da actividade que o BES Angola desenvolve neste mercado.

Quer a exposição global, quer a individual, estão consideravelmente abaixo dos limites exigidos pelo Banco de Portugal, que recomenda exposições máximas de 30% dos fundos próprios.

6.4 Risco de Mercado

O risco de mercado representa genericamente a eventual perda resultante de uma alteração adversa do valor de um instrumento financeiro como consequência da variação de taxas de juro, taxas de câmbio e preços de acções.

6.4.1 Práticas de Gestão

A gestão de risco de mercado é integrada com a gestão do balanço através da estrutura ALCO (*Asset and Liability Committee*). Este órgão é responsável pela definição de políticas de afectação e estruturação do balanço bem como pelo controlo da exposição aos riscos de taxa de juro, de taxa de câmbio e de liquidez.

Ao nível do risco de mercado o principal elemento de mensuração de riscos consiste na estimação das perdas potenciais sob condições adversas de mercado, para o qual a metodologia *Value at Risk* (VaR) é utilizada. O Grupo BES utiliza um VaR com recurso à simulação de Monte Carlo, com um intervalo de confiança de 99% e um período de investimento de 10 dias. As volatilidades e correlações são históricas com base num período de observação de um ano.

De forma a melhorar a medida do VaR têm vindo a ser desenvolvidas outras iniciativas como exercícios de *back testing* que consistem na comparação entre as perdas previstas no modelo e as perdas efectivas. Estes exercícios permitem aferir a aderência do modelo à realidade e assim melhorar as capacidades predictivas do mesmo.

Como complemento ao VaR têm sido desenvolvidos cenários extremos (*Stress Testing*) que nos permitem avaliar os impactos de perdas potenciais superiores às consideradas na medida do VaR.

6.4.2 Análise de Risco de Mercado

O Grupo BES apresenta um valor em risco (VaR) de 24,1 milhões de euros em Dezembro de 2006, para as suas posições de *trading* em acções e taxa de juro, bem como para a posição cambial global, o que compara com 34,4 milhões de euros no final do exercício anterior.

Este valor de 24,1 milhões de euros representa cerca de 0,6% dos fundos próprios de base consolidados do Grupo BES, sendo que o máximo verificado durante o ano foi de 35,3 milhões de euros, o que representa 0,94% dos fundos próprios de base consolidados e o valor médio foi 25,8 milhões de euros ou 0,69% dos fundos próprios de base consolidados.

Value at Risk 99% a 10 dias (milhões de euros)

	Dez. 05	Dez. 06	Máximo 2006	Média 2006
Acções	3,9	13,6	6,3	6,7
Taxa de Juro	31,9	5,0	21,9	13,7
Taxa de Câmbio	7,4	15,1	23,4	16,2
Efeito diversificação	-8,9	-9,6	-16,3	-10,8
Total	34,4	24,1	35,3	25,8

De forma a complementar a mensuração do risco procede-se ainda à análise da simulação de cenários extremos. Pela análise dos piores cenários extremos, tendo como base variações de 20% nos factores de risco, e considerando simultaneamente a hipótese remota de uma correlação perfeita entre os piores cenários dos vários tipos de risco, a perda máxima dada pelo VaR de 24,1 milhões de euros poderá ascender em condições muito extremas a 170,6 milhões de euros, o que corresponde a 4,5% dos fundos próprios de base consolidados do Grupo BES.

VaR versus cenários extremos (milhões de euros)

	2005		2006		2006	
	Cenário Extremo	% Fundos Próprios de Base	Value at Risk	% Fundos Próprios de Base	Cenário Extremo	% Fundos Próprios de Base
Acções	15,2	0,6%	13,6	0,4%	54,4	1,5%
Taxa de Juro	123,8	5,3%	5,0	0,1%	12,4	0,3%
Taxa de Câmbio	32,3	1,4%	15,1	0,4%	103,7	2,8%
Total	171,3	7,3%	24,1	0,5%	170,6	4,5%

6.5 Risco de Taxa de Juro

O risco de taxa de juro pode ser definido como o impacto na Situação Líquida ou na Margem Financeira de uma variação desfavorável das taxas de juro de mercado.

6.5.1 Práticas de Gestão

O acompanhamento do risco de taxa de juro de balanço constitui-se numa tarefa de extrema importância sendo efectuado internamente no ALCO, através do acompanhamento da margem financeira e quadros de *repricing*, entre outros.

6.5.2 Análise do risco de taxa de juro

No seguimento das recomendações de Basileia II (Pilar 2) e da Instrução nº 19/2005, do Banco de Portugal, o Grupo calcula a sua exposição ao risco de taxa de juro de balanço baseado na metodologia do BIS (*Bank of International Settlements*) classificando todas as rubricas do activo, passivo e extrapatrimoniais, que não pertençam à carteira de negociação, por escalões de *repricing*.

O modelo utilizado baseia-se numa aproximação ao modelo da *duration* e consiste num cenário de *stress testing* correspondente a uma deslocação paralela da curva de rendimentos de 200 p.b. em todos os escalões de taxas de juro.

As medidas de risco de taxa de juro quantificam, essencialmente, o efeito sobre a situação líquida da instituição e o efeito sobre a margem financeira – decorrente dos efeitos da referida variação das taxas de juro sobre a margem financeira anualizada da instituição.

O risco de taxa de juro na óptica do seu efeito sobre a situação líquida do Grupo BES cifrou-se em 500 milhões de euros em Dezembro de 2006 que compara com 399 milhões de euros no final de 2005.

6.6 Risco de Liquidez

O risco de liquidez advém da incapacidade potencial de financiar o activo satisfazendo as responsabilidades exigidas nas datas devidas e da existência de potenciais dificuldades de liquidação de posições em carteira sem incorrer em perdas exageradas.

6.6.1 Práticas de Gestão

A gestão da liquidez encontra-se centralizada no departamento financeiro. Esta gestão tem como objectivo manter um nível satisfatório de disponibilidades para fazer face às suas necessidades financeiras no curto, médio e longo prazo.

Para avaliar a exposição global a este tipo de risco são elaborados relatórios que permitem não só identificar os *mismatches* negativos, como efectuar a cobertura dinâmica dos mesmos.

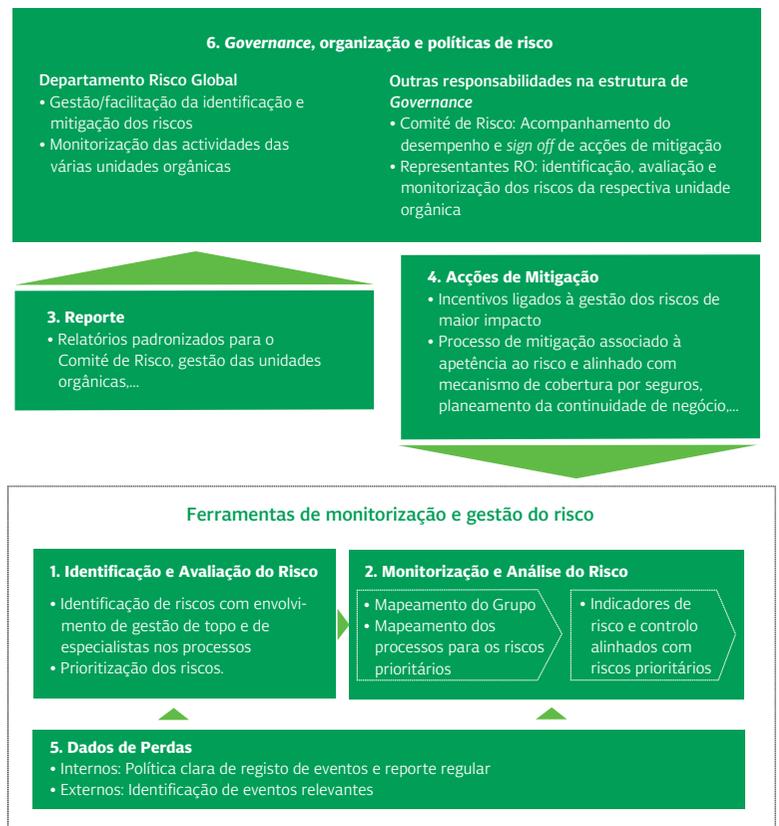
6.6.2 Análise do Risco de Liquidez

O risco de liquidez é analisado em duas vertentes: numa óptica interna e numa óptica regulamentar. Internamente existem medidas consideradas satisfatórias para acompanhar, por um lado, a evolução da liquidez numa base diária (efectuada pela Tesouraria) e, por outro, a evolução da liquidez a médio/longo prazo (analisada nas reuniões do ALCO). Em termos regulamentares, o rácio de liquidez é calculado segundo as regras exigidas pelo Banco de Portugal, e situava-se em 97% no final do ano de 2006, o que compara com 107% no final de 2005.

6.7 Risco Operacional

O risco operacional consiste genericamente no risco de ocorrência de eventos resultantes da aplicação inadequada ou negligente de procedimentos internos, do comportamento de pessoas e sistemas, ou de causas externas, que podem resultar em perdas financeiras ou ter impacto negativo na relação com os Clientes ou outros *stakeholders*. Engloba, ainda, o risco de negócio/estratégico, ou seja, o risco de variações nos volumes/negócios, receitas/preços ou custos.

O risco legal está incluído nesta definição e é entendido como o risco de perdas em consequência de não conformidade com a regulamentação vigente (por inadequação das práticas face à documentação requerida por Lei, não alteração de processos face a nova legislação e/ou divergente interpretação da legislação) ou em resultado de acções judiciais.



A gestão do risco operacional é efectuada através da aplicação de um conjunto de processos que visa assegurar a uniformização, sistematização e recorrência das actividades de identificação, monitorização, controlo e mitigação deste risco.

Estes processos fazem parte de um modelo de gestão composto por duas grandes áreas: uma de recolha e tratamento de informação, onde se aplicam ferramentas que permitem a identificação e monitorização do risco; e outra, que utiliza a informação produzida, devidamente trabalhada, na gestão eficaz dos riscos, assegurando o devido acompanhamento das situações de maior criticidade e a implementação da estratégia de gestão do risco. A articulação destas áreas é conseguida através do reporte à gestão de topo e do acompanhamento das medidas de mitigação definidas.

Destacam-se, assim os seguintes tópicos do modelo de gestão implementado:

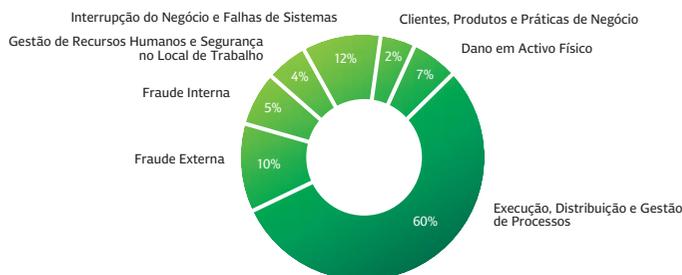
- Identificação do risco focada em riscos prioritários (criticidade elevada), definição de cenários e análise profunda de factores que podem ter impacto no perfil de risco do Grupo BES;
- Monitorização, com indicadores e controlos perfeitamente alinhados, dos riscos identificados e com acompanhamento de tendências;
- Acções de mitigação alinhadas com os riscos de gestão prioritária;
- Dados de perdas (eventos) analisados para a identificação de tendências, revisão de *near-misses* e análise de perdas externas à organização (quando disponíveis);
- Sólido modelo de *Governance* com relatórios por medida, alinhados com as principais preocupações.

Este sistema de gestão do risco operacional é suportado por uma estrutura organizacional exclusivamente dedicada ao seu desenho, acompanhamento e manutenção; conta ainda com representantes das subsidiárias consideradas relevantes, com a responsabilidade de garantir, nas suas áreas de competência, a aplicação dos procedimentos definidos e a gestão diária do risco operacional.

Assumem, também, especial relevo neste modelo de gestão:

- A Gestão do Sistema de Controlo Interno, a cargo do Departamento de *Compliance*, pelo seu papel na garantia da documentação dos processos, na identificação dos seus riscos específicos e dos controlos implementados, na determinação do rigor do desenho dos controlos e na identificação das acções de melhoria necessárias para a sua plena eficácia, sendo contínua a comunicação de e para a gestão do risco operacional;
- A Auditoria Interna, pelo seu papel no teste da eficácia da gestão dos riscos e dos controlos, bem como na identificação e avaliação da implementação das acções de melhoria necessárias;
- A Coordenação de Segurança pelo seu papel no âmbito da segurança de informação, segurança física e de pessoas e da continuidade de negócio.

Distribuição de eventos de risco operacional por tipo de perda (dados de 2004, 2005 e 2006)



Durante o ano de 2006 o Sistema de Gestão do Risco Operacional foi alvo do primeiro processo de revisão independente estando reunidas as condições para a aplicação do método *standard* para determinação do requisito de fundos próprios para cobertura de risco operacional.



7.0 Análise Financeira

7.1 Análise Financeira do Grupo BES

O exercício de 2006 foi marcado por um forte dinamismo da actividade do Grupo, que se traduziu num aumento de 18,1% dos activos totais para cerca de 85 mil milhões de euros. O resultado do exercício totalizou 420,7 milhões de euros, um crescimento de 50% face ao apurado em 2005, representando uma Rendibilidade dos Capitais Próprios (ROE) de 14,7%.

7.1.1 Actividade

O Grupo BES experimentou uma forte dinâmica comercial, com reflexos bastante expressivos nas principais áreas de negócio:

- o crédito concedido a Clientes, incluindo o titularizado, registou um aumento de 14,4%;
- a captação de recursos também registou um expressivo crescimento, com os recursos totais de Clientes a aumentarem 13,9%;
- a área internacional apresentou um forte dinamismo com o crédito a Clientes a aumentar 34% e os recursos totais de Clientes 26%.

Evolução da actividade (milhões de euros)

	Dez. 05	Dez. 06	Var %
Activos Totais⁽¹⁾	71 687	84 628	18,1
Activo	50 222	59 139	17,8
Crédito a Clientes (incluindo securitizado)			
Crédito a Particulares	14 072	15 603	10,9
- Habitação	12 270	13 294	8,3
- Outro Crédito a Particulares	1 802	2 309	28,1
Crédito a Empresas	21 379	24 943	16,7
Total Crédito a Clientes	35 451	40 546	14,4
Captação de Recursos			
+ Depósitos de Clientes e similares ⁽²⁾	24 283	26 732	10,1
+ Débitos representados por Títulos colocados em Clientes ⁽³⁾	3 590	5 263	46,6
= Recursos de Clientes de Balanço	27 873	31 995	14,8
+ Recursos de Desintermediação	15 685	17 637	12,4
= Recursos Totais de Clientes	43 558	49 632	13,9

(1) Activo Líquido + Actividade *Asset Management* + Outra Desintermediação Passiva + Crédito Securitizado não consolidado.

(2) Inclui: "Recursos de Clientes e outros empréstimos" e Certificados de Depósito.

(3) Inclui recursos associados à operações de titularização consolidadas e obrigações ao *Fair Value*.

No que diz respeito à evolução do crédito, registou-se um forte crescimento do crédito a empresas (+16,7%), o que permitiu o reforço do posicionamento competitivo do Grupo nesta importante área de negócio. Esta dinâmica beneficiou da retoma da actividade económica, designadamente

te do sector exportador, sendo de realçar a circunstância de o Grupo BES deter uma implantação forte neste segmento e apoiar, desde sempre, os esforços de internacionalização das empresas portuguesas.

A actividade de *leasing* e *factoring* manteve o segundo lugar do *ranking* em ambos os segmentos: globalmente a produção atingiu cerca de 4,6 mil milhões de euros correspondendo a um crescimento de 14,6% em relação a 2005.

No que diz respeito ao crédito a particulares, a componente do crédito à habitação registou um crescimento de 8,3%, merecendo particular destaque a evolução do outro crédito a particulares (+28,1%) a qual resultou essencialmente de um conjunto de iniciativas associadas ao crédito ao consumo, aos cartões de crédito e aos Planos BES 95.

No decorrer do exercício de 2006 o Grupo BES concretizou duas operações de titularização de crédito: (i) uma de crédito à habitação (a quinta operação) no montante global de 1 400 milhões de euros e (ii) outra abrangendo créditos concedidos a pequenas e médias empresas (PME) no valor de 863 milhões de euros.

Por outro lado, os recursos totais de Clientes cresceram 13,9% com a componente da actividade de desintermediação a atingir os 17,6 mil milhões de euros, ou seja, uma variação anual de 12,4%. Esta progressão foi suportada pela dinamização da oferta de produtos de bancasseguros vida, de fundos de investimento (três novos fundos de investimento mobiliário e dezoito fundos de investimento imobiliário fechados) e de gestão de carteiras.

Evolução dos recursos de desintermediação (milhões de euros)

Produtos	Dez. 05	Dez. 06	Var %
Fundos Mobiliários	5 392	5 540	2,7
Fundos Imobiliários	1 463	1 469	0,4
Fundos de Pensões	2 338	2 608	11,5
Bancasseguros	4 396	4 647	5,7
Outros	2 096	3 373	60,9
Total	15 685	17 637	12,4

A expansão da actividade internacional tem decorrido com desempenhos significativos: a expansão da presença em Angola, a actuação em Espanha e a tradicional presença no Reino Unido, França, Estados Unidos da América, Brasil e Macau, traduziram-se num crescimento de 34,2% da carteira de crédito para 5 497 milhões de euros, que representa actualmente cerca de 13,6% da carteira de crédito consolidada. Os recursos totais de Clientes registaram um aumento de 26,3% para 12 477 milhões de euros.

Evolução da actividade internacional

(milhões de euros)

	Dez. 05	Dez. 06	Var %
Activo Líquido	11 189	15 285	36,6
Crédito a Clientes (bruto)	4 095	5 497	34,2
Recursos Totais de Clientes	9 881	12 477	26,3

7.1.2 Gestão de Liquidez e Rácio de Transformação

Num contexto de forte dinamização da actividade creditícia, a gestão de liquidez foi suportada por uma actuação concertada das principais unidades de negócio. Em consequência, o rácio de transformação de recursos de Clientes (depósitos e débitos representados por títulos) em crédito apresenta uma ligeira melhoria face a 2005, ao evoluir de 111% (Dez. 05) para 109% (Dez. 06), em resultado de uma maior dinâmica na captação de recursos face à concessão de crédito.

Actividade com clientes: rácio de transformação

(milhões de euros)

	Dez. 05	Dez. 06
CRÉDITO A CLIENTES		
Crédito a Clientes (bruto)	31 662	35 752
Imparidade / Provisões Específicas e Genéricas	829,9	869,3
Crédito Líquido	A 30 832	34 883
RECURSOS DE CLIENTES + TÍTULOS		
Depósitos de Clientes	B 20 753	21 994
Débitos representados por Títulos	7 120	10 001
Recursos de Clientes	C 27 873	31 995
Euro Medium Term Notes + Papel Comercial	7 282	9 029
Recursos Totais de Balanço	D 35 155	41 024
RÁCIO DE TRANSFORMAÇÃO		
Depósitos em Crédito	A/B 149%	159%
Recursos de Clientes em Crédito	A/C 111%	109%
Recursos Totais em Crédito	A/D 88%	85%

7.1.3 Nível de Capitalização e Rácios de Capital

Os fundos próprios e equiparados atingiram 7 063 milhões de euros, apresentando um reforço de 1 664 milhões de euros em relação ao ano anterior.

a. Elementos dos Fundos Próprios

(milhões de euros)

	Dez. 05	Dez. 06	Varição absoluta
Capital	2 100	3 100	1 000
Acções Ordinárias	1 500	2 500	1 000
Acções Preferencias	600	600	0
Prémios de Emissão	300	669	369
Acções Próprias	(96)	(64)	32
Reservas de Reavaliação	366	512	146
Outras Reservas e Resultados Transitados	(26)	98	124
Interesses Minoritários	106	87	-19
Passivos Subordinados	2 368	2 240	-128
Resultados do Exercício	280	421	140
Total	5 398	7 063	1 664

Este aumento reflecte, fundamentalmente, os reforços das rubricas de capital ordinário e prémios de emissão em resultado da operação de aumento de capital concretizada no segundo trimestre de 2006. Adicionalmente, destacam-se os crescimentos nos resultados transitados (resultados do exercício retidos para autofinanciamento) e ainda o acréscimo nas reservas de reavaliação.

Na Assembleia Geral de Accionistas do BES, realizada em 17 de Abril de 2006, foi aprovado um aumento do capital social de 1 500 milhões de euros para até 2 500 milhões de euros através das seguintes modalidades: (i) emissão de 50 milhões de novas acções por incorporação de 250 milhões de euros de prémios de emissão existentes em balanço e (ii) emissão de até 150 milhões de novas acções de preferência accionista ao preço de 9,20 euros por acção.

Operação de aumento de capital

(milhões de euros)

	Antes aumento (Dez. 05)	Movimento		Após aumento (Dez. 06)	Var.
		Encaixe bruto	Incorporação reservas		
Capital	1 500	750	250	2 500	1 000
Prémios de emissão	300	630	-250	680	380
Total	1 800	1 380	0	3 180	1 380
Nº de acções (milhões)	300	150	50	500	200
Capitalização Bolsista	4 080			6 810	2 730

A operação de aumento de capital saldou-se por um encaixe total de 1 380 milhões de euros, valor representativo de cerca de 34% da capitalização bolsista do BES em 31 de Dezembro de 2005. A capitalização bolsista no final de 2006 representa um aumento de 67% em relação ao final do exercício precedente.

A escritura pública foi realizada no dia 30 de Maio de 2006, passando o capital social do BES a ser representado por 500 milhões de acções com valor nominal de 5,00 euros cada. A operação foi objecto de inscrição na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa tendo sido solicitada a admissão à negociação de 200 milhões de novas acções no Euronext Lisbon, o que veio a ocorrer no dia 1 de Junho de 2006.

O aumento de capital constituiu a sexta operação após a reprivatização do Banco e foi a mais significativa (representando quase 50% do total dos encaixes desde então realizados).

Historial dos aumentos de capital desde a reprivatização (milhões de euros)

Operações	N.º de Acções (milhões)			Colocação no Mercado				
	Aumento de Capital		Acumulado	CAPITAL NOMINAL	Encaixe	Prémio Emissão	% Prémio Emissão	
	Incorporação Reservas	Total						
			40,0	200				
1	Ago 92	20,0	26,0	66,0	330	59,8	29,9	50
2	Ago 95	13,2	21,4	87,4	437	83,7	43,0	51
3	Jun 98	17,5	30,2	117,6	588	286,4	223,2	78
4	Jul 00	44,6	82,5	200,0	1 000	453,6	264,3	58
5	Fev 02	50,0	100,0	300,0	1 500	550,0	300,0	55
6	Mai 06	50,0	200,0	500,0	2 500	1 380,0	630,0	46
						2 814,0	1 490,4	53

As reservas de reavaliação registam um valor de 512 milhões de euros que corresponde aos ganhos potenciais da carteira de “activos disponíveis para venda”. O seu reconhecimento é feito ao justo valor e as respectivas variações, incluindo as variações cambiais, são reconhecidas em reservas, líquidas dos respectivos impostos diferidos passivos.

As maiores exposições accionistas da carteira de “activos disponíveis para venda” registaram melhorias significativas nas respectivas valorizações brutas, atingindo 656,3 milhões de euros (Dez. 05: 472,1 milhões de euros). Estes ganhos potenciais são elegíveis como fundos próprios complementares (*Tier II*) em apenas 45% do respectivo montante nos termos e condições definidos pelo Banco de Portugal.

Maiores exposições accionistas (milhões de euros)

Activos disponíveis para venda	Ganhos Potenciais Brutos	
	Dez. 05	Dez. 06
B. Marocaine Com. Ext.	10,3	2,8
Banco Bradesco	397,7	496,1
Bradespar	35,0	8,3
EDP	0,0	68,0
Portugal Telecom	29,1	66,3
Outros	0,0	14,8
TOTAL	472,1	656,3

b. Solvabilidade

O Grupo BES apresenta níveis de solvabilidade confortáveis, capazes de sustentar o crescimento da actividade no médio prazo e posicionam-se acima dos valores mínimos fixados tanto pelo Banco de Portugal, como dos recomendados pelo Banco de Pagamentos Internacionais (BIS).

Activos de risco e capitais elegíveis (Banco de Portugal) (milhões de euros)

		Dez. 05	Dez. 06	Var.	
				Abs.	Rel.
Activo Líquido Consolidado	(1)	50 222	59 139	8 917	17,8%
Activos de Risco Equivalentes	(2)	38 046	44 738	6 692	17,6%
Índice de Risco	(2)/(1)	76%	76%		
Requisitos de Fundos Próprios	(3)	3 044	3 579	535	17,6%
Activos de Risco		2 839	3 332	493	17,4%
Carteira Negociação		205	247	42	20,7%
Fundos Próprios Existentes	(4)	4 689	5 839	1 150	24,5%
De Base (<i>Tier I</i>)		2 372	3 751	1 379	58,2%
Complementares		2 372	2 277	- 95	-4,0%
Deduções		(55)	(189)	- 134	245,5%
Excesso de Fundos Próprios	(4) - (3)	1 645	2 260	615	37,4%
Rácio de Solvabilidade Total	[4/(12,5 x3)]	12,3%	13,1%	0,8 p.p.	
Rácio <i>Tier I</i>		6,2%	8,4%	2,2 p.p.	
Core <i>Tier I</i>		4,7%	7,0%	2,3 p.p.	

Os rácios de capital apresentam uma evolução positiva reflectindo os efeitos da operação de aumento de capital, factor fundamental para que o rácio *Core Tier I* passasse de 4,7% em Dezembro de 2005 para 7,0%. Adicionalmente, a *performance* acima do esperado dos fundos de pensões teve um efeito positivo no *Tier I* contribuindo para que se operasse uma redução de 222 milhões de euros do montante dos desvios actuariais fora do corredor os quais constituem, de acordo com as regras do Banco de Portugal, um elemento dedutível aos fundos próprios de base. Através da publicação do Aviso 12/2006, de 26 de Dezembro, o Banco de Portugal estabeleceu novas regras quanto ao tratamento prudencial das participações em companhias de seguros, traduzindo-se numa dedução aos fundos próprios totais de 102 milhões de euros (redução de 20 pontos de base no rácio de solvabilidade total).

De acordo com os critérios do BIS o rácio de solvabilidade total foi 13,2% (12,7% em 2005) sendo o rácio *Tier I* de 8,4% que compara com o mínimo de 4% recomendado por aquela instituição.

Solvabilidade: critérios do BIS

	Dez. 05	Dez. 06	Var.
Rácio BIS Total	12,7%	13,2%	0,5 p.p.
Rácio <i>Tier I</i>	6,5%	8,4%	1,9 p.p.
Core <i>Tier I</i>	4,9%	7,1%	2,2 p.p.

7.1.4 Resultados

O resultado líquido consolidado no exercício de 2006 totalizou 420,7 milhões de euros, representando um crescimento de 50% face ao período homólogo do ano anterior.

Decomposição do resultado

	(milhões de euros)			
	2005	2006	Var.	
			Abs.	Rel. (%)
Resultado Financeiro	740,6	829,5	88,9	12,0
+ Serviços a Clientes	555,1	610,5	55,4	10,0
+ Resultados de Operações Financeiras e Diversos	242,0	264,8	22,8	9,5
= Produto Bancário	1 537,7	1 704,8	167,1	10,9
- Custos Operativos	861,2	891,3	30,1	3,5
= Resultado Bruto	676,5	813,5	137,0	20,2
- Provisões líquidas de Reposições	320,6	241,9	-78,7	-24,6
Crédito	219,9	181,6	-38,3	-17,4
Títulos	30,2	6,9	-23,3	-77,0
Outras	70,5	53,4	-17,1	-24,5
= Resultado antes de Impostos e Minoritários	355,9	571,6	215,7	60,6
- Impostos	65,8	135,4	69,6	105,8
= Resultado após Impostos	290,1	436,2	146,1	50,4
- Interesses Minoritários	9,6	15,5	5,9	60,9
= Resultado do Exercício	280,5	420,7	140,2	50,0

Para além dos impactos positivos inerentes à recuperação da economia portuguesa e da confiança das empresas e dos consumidores, o desempenho positivo do Grupo no exercício de 2006 assentou na conjugação dos seguintes factores:

- forte dinamismo nas diversas áreas da actividade, especialmente na concessão do crédito (+14,4%) e na captação de recursos totais de Clientes (+13,9%);

- crescimento de 10,9% do produto bancário, impulsionado pela expansão na actividade que induziu uma progressão equilibrada no resultado financeiro (+12%) e no comissionamento pelos serviços prestados (+10%);

- contribuição da área internacional, cujo produto bancário cresceu 28%, suportado pelo comissionamento que atingiu 124 milhões de euros (+57%) e pelos ganhos de *trading* que aumentaram 50%;

- controlo dos custos operativos, reflectindo as medidas de racionalização implementadas, cujo crescimento foi de apenas 3,5%; a expansão da área internacional levou a que os custos associados tenham aumentado 12,9%;
- desaceleração do esforço de provisionamento para crédito como reflexo da orientação estratégica na concessão de crédito para segmentos de menor risco;

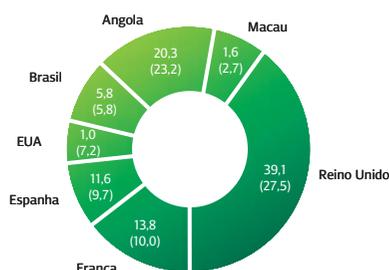
- desaceleração do provisionamento para outros riscos e encargos devido à constituição, no exercício de 2005, da provisão de reestruturação/integração do Banco Internacional de Crédito no montante de 57,6 milhões de euros.

Resultados da actividade: actividade doméstica e internacional (milhões de euros)

	Actividade Doméstica			Actividade Internacional		
	2005	2006	Var. (%)	2005	2006	Var. (%)
Resultado Financeiro	633,4	724,5	14,4	107,2	105,0	-2,1
+ Serviços a Clientes	476,4	486,6	2,1	78,7	123,9	57,4
= Produto Bancário Comercial	1 109,8	1 211,1	9,1	185,9	228,9	23,1
+ Resultados de Oper. Financeiras e Diversos	200,0	201,6	0,8	42,0	63,2	50,5
= Produto Bancário	1 309,8	1 412,7	7,9	227,9	292,1	28,2
- Custos Operativos	731,9	745,3	1,8	129,3	146,0	12,9
= Resultado Bruto	577,9	667,4	15,5	98,6	146,1	48,2
- Provisões Líquidas de Reposições	317,0	219,0	-30,9	3,6	22,9
Crédito	221,0	162,3	-26,6	- 1,1	19,3
Títulos	30,2	7,2	-76,2	0,0	- 0,3
Outras	65,8	49,5	-24,8	4,7	3,9	-17,0
= Res. antes de Impostos e Minoritários	260,9	448,4	71,9	95,0	123,2	29,7
- Impostos	63,9	115,8	81,2	1,9	19,6
= Resultado após Impostos	197,0	332,6	68,8	93,1	103,6	11,3
- Interesses Minoritários	2,6	5,1	96,2	7,0	10,4	48,6
= Resultado do Exercício	194,4	327,5	68,5	86,1	93,2	8,3

A contribuição da área internacional para o resultado líquido de 2006 (22,2%) foi de 93,2 milhões de euros (86,1 milhões de euros em 2005), destacando-se os resultados no Reino Unido (39,1 milhões de euros), Angola (20,3 milhões de euros), França (13,8 milhões de euros), Espanha (11,6 milhões de euros) e Brasil (5,8 milhões de euros).

Contribuição da área internacional para o resultado consolidado (milhões de euros)



() Ano de 2005

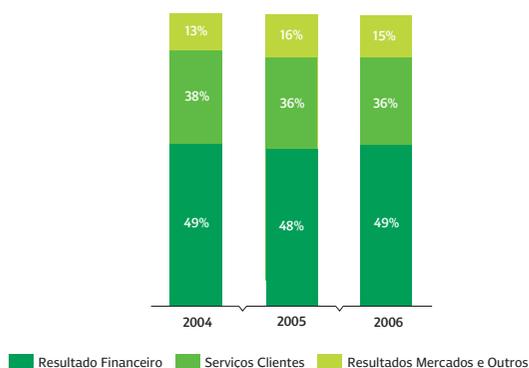
a. Produto Bancário

O crescimento de 10,9% do produto bancário decorre do bom desempenho tanto do Banco Espírito Santo, como da generalidade das unidades operacionais do Grupo, com especial realce para o BES Investimento, BES (Espanha), BES Angola, ESAF (gestão de activos) e Besleasing e Factoring.

A estrutura do produto bancário continua a manter o seu tradicional equilíbrio no conjunto das fontes geradoras de rendimento, com o resultado financeiro a recuperar, ainda que ligeiramente, a sua contribuição para a

formação do produto. O comissionamento manteve o respectivo peso e os resultados de operações financeiras apresentam uma ligeira redução

Evolução da estrutura do produto bancário



b. Resultado Financeiro e Margem

O resultado financeiro atingiu o valor de 829,5 milhões de euros representando um crescimento homólogo de 12%, que decorre das políticas comerciais implementadas, as quais se reflectiram positivamente no(a):

- crescimento da actividade, com destaque especial para o crédito e os recursos de Clientes, originando um efeito volume positivo de 63 milhões de euros, ou seja, cerca de 70% do aumento total do resultado financeiro;
- melhoria da margem financeira em três pontos de base, fruto de uma política de gestão de activos e passivos mais adaptada ao novo ciclo ascendente das taxas de juro, não obstante a forte concorrência existente no mercado doméstico;
- impacto positivo da operação de aumento de capital; e
- menor contributo do resultado financeiro na área internacional, devido à queda abrupta das taxas de juro em Angola, que influenciou negativamente o seu resultado financeiro.

Resultados da intermediação de balanço

(milhões de euros)

	2005	2006	Var. absoluta
Proveitos	1 852	2 301	449
Crédito a Clientes	1 312	1 673	361
Outras Aplicações	540	628	88
Custos	1 111	1 471	360
Recursos de Clientes	765	1 036	271
Outros Recursos	346	435	89
Resultado Financeiro	741	830	89

Os proveitos de intermediação atingiram um valor superior em 449 milhões de euros ao valor do ano anterior, com a componente de crédito a Clientes a apresentar o aumento mais significativo; os juros passivos tiveram um incremento de 360 milhões de euros, dos quais 271 milhões de euros se referem a custos relativos aos recursos de Clientes.

A relação dos proveitos e custos, com os activos e passivos geradores de juros, permite analisar a evolução das respectivas taxas médias associadas:

Resultados e margem financeira

(milhões de euros)

	2005			2006		
	Capitais Médios	Taxa (%)	Proveitos /Custos	Capitais Médios	Taxa (%)	Proveitos /Custos
Aplicações	41 811	4,46	1 852	45 377	5,07	2 301
Crédito a Clientes	30 122	4,36	1 312	33 354	5,01	1 673
Outras Aplicações	11 017	4,90	540	12 023	5,22	628
Aplic. Diferenciais	672	-	-	-	-	-
Recursos Alheios	41 811	2,66	1 111	45 377	3,24	1 471
Recursos de Clientes ⁽¹⁾	32 634	2,35	765	34 673	2,99	1 036
Outros Recursos	9 177	3,77	346	9 917	4,38	435
Rec. Diferenciais	-	-	-	787	-	-
Resultado/Margem Global	-	1,80	741	-	1,83	830

(1) Incluem certificados de depósito e obrigações colocados em Clientes.

A margem financeira apresentou uma melhoria de três pontos base, ao evoluir de 1,80% em 2005 para 1,83% em 2006, devido à implementação de medidas mais ajustadas ao ciclo ascendente das taxas de juro. Assim, a melhoria da margem resultou de um maior ritmo de refixação das taxas dos activos financeiros do que o registado na taxa média dos recursos.

A variação do resultado financeiro pode ainda ser decomposta nos efeitos da variação de taxa, da variação do volume de negócio e do efeito conjunto das variações taxa e volume, conforme se apresenta no quadro seguinte.

Efeito taxa versus efeito volume

(milhões de euros)

	Efeito Volume	Efeito Taxa	Efeito Volume/Taxa	Var.
Activos Financeiros	158	269	22	449
Passivos Financeiros	95	245	20	360
Resultado Financeiro	63	24	2	89

O efeito positivo do acréscimo de volume de negócio representou um ganho de 63 milhões de euros, tendo sido determinante para a melhoria dos resultados de intermediação de balanço, enquanto o efeito taxa explica o aumento em 24 milhões de euros do resultado financeiro.

A monitorização da margem financeira e a gestão de balanço são da responsabilidade do ALCO (*Asset and Liability Committee*). De entre as várias medidas adoptadas assumem particular destaque as referentes (i) à monitorização das taxas dos recursos de Clientes em balanço, através de uma oferta diversificada de produtos (seguros, fundos e produtos de balanço) e (ii) ao posicionamento do balanço no que se refere ao risco de taxa de juro, risco de liquidez e risco cambial, tendo em consideração as perspectivas da evolução da curva de rendimentos.

c. Serviços a clientes

A prestação de serviços bancários a Clientes originou comissões que ascenderam a 610,5 milhões de euros, ou seja, mais 10% do que o realizado no ano anterior. A progressão do comissionamento ficou a dever-se, principalmente, ao desempenho dos serviços prestados a nível internacional, os quais registaram um crescimento superior a 57% em termos homólogos, em especial no *corporate* e *project finance*, sendo de destacar o forte crescimento registado pela área da banca de investimento no Reino Unido e em Espanha.

No que diz respeito à evolução por produto, importa referenciar a progressão do comissionamento ligado à gestão de empréstimos (com um crescimento superior a 30% em termos homólogos), aos créditos documentários (+22%) e aos fundos de investimento (+9%), que mais do que compensaram as reduções associadas à gestão de contas e de cartões, fruto da intensidade concorrencial verificada nestas áreas.

Repartição dos serviços a clientes



() Ano anterior

O Grupo BES continua a dedicar especial atenção à consolidação dos principais vectores que têm vindo a orientar a sua estratégia comercial, tomando medidas e investindo na melhoria da qualidade do serviço e atendimento, na adequação das ofertas para os vários segmentos e na promoção do *cross-selling* no quadro de uma actuação proactiva das redes comerciais.

Neste sentido, assume especial relevância a aposta no relacionamento

multi-canal com a base de Clientes, quer particulares quer empresas. Assim, o ano de 2006 foi um ano de forte reforço da implantação dos canais directos no quotidiano dos clientes. O número de utilizadores do *Internet Banking* de particulares - **BESnet** - atingiu os 813 mil em Dezembro, um crescimento de 7,9% face ao mês homólogo do ano anterior. O número de operações efectuadas no BESnet cresceu 58,4% relativamente ao ano anterior, contribuindo para um forte aumento da taxa de externalização, de 43,4% para 52,5%. A tendência de crescimento foi também muito forte no *Internet Banking* para empresas - **BESnet Negócios** -, que atingiu os 53 mil utilizadores em Dezembro, um crescimento de 23,5% face a 2005. O número de acessos do ano cresceu 27,4% e o total operações efectuadas 35,9%.

d. Resultados de Operações Financeiras e Outros

Os resultados de operações financeiras e outros atingiram 264,8 milhões de euros, valor superior em 9,5% ao atingido no período homólogo do ano anterior.

Resultados de mercados e outros resultados

(milhões de euros)

	2005	2006	Var. absoluta
Taxa de Juro e Cambial	121,8	89,4	-32,4
Ações	108,8	169,2	60,4
Negociação	69,9	127,6	57,7
Dividendos	38,9	41,6	2,7
Outros Resultados	11,4	6,2	-5,2
Total	<u>242,0</u>	<u>264,8</u>	<u>22,8</u>

Os resultados obtidos na componente accionista reflectem uma visão direccional positiva na evolução dos índices accionistas mundiais em geral, com especial enfoque nos mercados brasileiro e português. A manutenção deste posicionamento ao longo do ano de 2006, combinada com uma eficiente gestão do risco, soube tirar partido da tendência de mercado.

Na vertente de gestão dos riscos cambial, taxa de juro e crédito assistiu-se a uma menor volatilidade nos mercados europeus e americano, o que potenciou a performance dos mercados emergentes em que o Grupo se tem posicionado, permitindo a obtenção de resultados globalmente positivos.

Refira-se ainda que os resultados de mercados e diversos têm incorporados 3,7 milhões de euros respeitantes à apropriação pelo Grupo de resultados gerados pela BES - Vida no segundo semestre, após a amortização de 2,5 milhões de euros do *in-force value*, decorrente da aquisição pelo BES de 50% do capital social da Companhia.

e. Custos Operativos

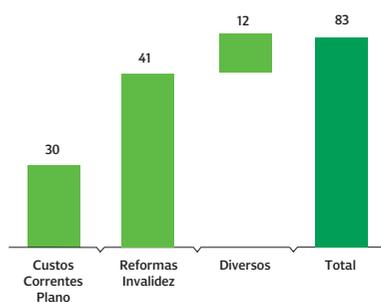
Os custos operativos elevaram-se a 891,3 milhões de euros, ou seja, um aumento de 3,5% relativamente ao apurado no ano anterior. Esta evolução reflecte essencialmente a progressão da actividade da área internacional cujos gastos de funcionamento aumentaram 12,9%.

Custos operativos (milhões de euros)			
	2005	2006	Var (%)
Custos com Pessoal	453,7	478,2	5,4
Remunerações e Encargos	359,8	383,6	6,6
Benefícios pós emprego	93,9	94,6	0,7
Gastos Gerais Administrativos	327,2	344,1	5,2
Amortizações	80,3	69,0	-14,1
Custos Operativos	861,2	891,3	3,5
Domésticos	731,9	745,3	1,8
Internacionais	129,3	146,0	12,9

Os custos com pessoal tiveram um crescimento de 5,4%, para o que contribuiu a expansão da área internacional cujo reforço do quadro técnico levou a um aumento destes custos em cerca de 15%.

Relativamente aos encargos com os benefícios pós emprego (pensões de reforma, cuidados médicos e prémios de antiguidade) salienta-se o facto de, por um lado, não se terem registado no exercício desvios actuariais relevantes nas responsabilidades e, por outro, se terem atingido níveis de rentabilidade significativos nos activos dos fundos (cerca de 12%) que permitiram gerar desvios actuariais favoráveis. Consequentemente, os desvios actuariais acumulados em balanço, registados pelo método do corredor, reduziram-se em 222 milhões de euros o que se irá reflectir favoravelmente no valor da sua amortização no futuro. A contribuição para os Fundos de Pensões ascendeu a 83 milhões de euros.

Contribuições para os fundos de pensões (milhões de euros)



Desvios actuariais: valores em balanço com amortização no futuro (milhões de euros)

	2005	2006
Saldo Inicial	513	672
Movimentos do ano	159	-203
Saldo Final	672	469
do qual:		
dentro do Corredor	194	213
fora do Corredor	478	256

As responsabilidades totais com os benefícios pós-emprego encontravam-se totalmente financiadas, quer através dos valores dos activos dos fundos de pensões, quer através de valores mantidos em balanço.

Responsabilidades: níveis de financiamento (milhões de euros)

	Dez. 05	Dez. 06
Responsabilidades totais por benefícios pós emprego	1 944	2 001
Cobertura / Financiamento	1 943	2 138
Valor dos activos dos Fundos de Pensões no fim do período	1 816	2 029
Valores em Balanço	127	109
Nível de Cobertura	100%	107%
Impacto nas Responsabilidades da alteração dos pressupostos actuariais	213	0

Os outros gastos administrativos beneficiaram das medidas de racionalização consistentemente implementadas, das quais se destacam a fusão por incorporação do BIC e da Crediflash no BES tendo, no entanto, registado um incremento de 5,2%, condicionados pela mudança da Identidade Corporativa, pelas acções promocionais associadas ao apoio à selecção portuguesa no quadro do Mundial de Futebol - 2006, bem como pelas campanhas promocionais de crédito à habitação, cartões de crédito e contas serviço.

As amortizações, reflectindo igualmente os efeitos do processo de reestruturação, principalmente na área informática, apresentam a expressiva redução de 14,1%.

f. Produtividade e Eficiência

O Grupo BES continua a alcançar ganhos sustentados no capítulo da produtividade e eficiência, com reflexos na diminuição do rácio que relaciona os custos operativos por unidade de activo líquido médio gerido, que progrediu de 1,88% em 2005 para 1,72% em 2006, bem assim como no aumento dos activos totais por empregado, que cresceram 14,9%.

Indicadores de produtividade e eficiência

	2005	2006	Var.
Cost to Income (com mercados)	56,0%	52,3%	-3,7p.p.
Cost to Income (sem mercados)	66,5%	61,9%	-4,6p.p.
Custos Operativos/Activo Líquido Médio	1,88%	1,72%	-0,16p.p.
Activos Totais ^(*) por Empregado (€0.000)	9 444	10 855	14,9%

(*) Activo líquido + Asset Management + Outra Desintermediação Passiva + Crédito Securitizado.

No que respeita aos níveis de eficiência foram registadas melhorias expressivas no *Cost to Income* que, comparativamente ao ano anterior, evoluiu favoravelmente ao passar de 56,0% para 52,3%; excluindo os resultados de mercados, a melhoria de eficiência apresenta-se mais expressiva atingindo o *Cost to Income* uma redução de 4,6 pontos percentuais.

g. Provisionamento

A política de provisionamento prosseguida pelo Grupo continua a obedecer a critérios de prudência na cobertura de riscos face às condições macroeconómicas nacionais e internacionais.

Assim, as provisões para crédito foram reforçadas em 181,6 milhões de euros e as provisões para títulos em 6,9 milhões de euros. De referir que em 2005 se procedeu à constituição de uma provisão extraordinária de 57,6 milhões de euros destinada a fazer face aos encargos com o processo de fusão do Banco Internacional de Crédito (BIC) no Banco Espírito Santo (BES), enquanto que o valor de 2006 inclui a provisão extraordinária para os encargos decorrentes do processo de integração / fusão da Crediflash no montante de 10,8 milhões de euros.

Dotações para provisões

(milhões de euros)

Provisões	2005	2006
para Crédito a Clientes	219,9	181,6
para Títulos	30,2	6,9
para Diversos Riscos e Encargos ^(*)	70,5	53,4
TOTAL	320,6	241,9

(*) Inclui provisões para instituições de crédito, activos detidos até à maturidade, activos com acordo de recompra, activos tangíveis e intangíveis, contingências fiscais, garantias e outros activos.

A política de provisionamento para crédito, aliada à melhoria dos instrumentos de prevenção dos riscos, com utilização extensiva de modelos de *scoring* e de notações de *rating* e dos processos de recuperação de crédito vencido, traduziu-se numa evolução francamente positiva nos indicadores de qualidade do crédito, como já referenciado anteriormente.

7.1.5 Rendibilidade

O resultado consolidado de 420,7 milhões de euros proporcionou uma ren-

dibilidade dos capitais próprios (ROE) de 14,7% e uma rendibilidade dos activos (ROA) de 0,81%, valores superiores aos apurados no ano de 2005.

Decomposição da rendibilidade dos capitais próprios

(valores em %)

	2005	2006	Var. p.p.
Taxa Activos Financeiros	4,46	5,07	0,61
- Taxa Passivos Financeiros	2,66	3,24	0,58
= Margem Global	1,80	1,83	0,03
+ Serviços a Clientes	1,35	1,35	0,00
+ Resultados de Operações Financeiras e Diversos	0,59	0,58	-0,01
= Rendibilidade Bruta Activos Financeiros	3,74	3,76	0,02
- Custos Operativos	2,09	1,96	-0,13
= Rendibilidade Líquida Activos Financeiros	1,64	1,79	0,15
- Provisões Líquidas de Reposições	0,78	0,53	-0,25
- Interesses Minoritários e Impostos	0,18	0,33	0,15
= Rendibilidade Activos Financeiros	0,68	0,93	0,25
x Relevância Activos Financeiros	0,90	0,88	-0,02
= RENDIBILIDADE DO ACTIVO (ROA)	0,61	0,81	0,20
x Multiplicador das Aplicações	22,16	18,01	-4,15
= RENDIBILIDADE DOS CAPITAIS PRÓPRIOS (ROE)	13,54	14,66	1,12

A melhoria dos níveis de rendibilidade tem subjacente um grande dinamismo comercial aliado a uma criteriosa gestão dos riscos.

Resumindo os aspectos principais do exercício em apreciação, pode dizer-se que o Grupo BES conseguiu:

- melhorar os níveis de Rendibilidade,
- reforçar de modo expressivo a Solidez Financeira e a Qualidade dos Activos,
- continuar a progressão da melhoria dos níveis de Produtividade e Eficiência,
- melhorar a posição competitiva nas principais linhas de negócio, com a Quota de Mercado média estimada a evoluir para 19,0% (2005: 18,0%).

7.2 Análise Financeira do BES Individual

Nota Prévia sobre a Fusão por Incorporação da Crediflash no BES

De acordo com a decisão do Conselho de Administração do BES concretizou-se em 30 de Maio de 2006 a fusão jurídica da Crediflash, unidade operativa que tratava das operações de cartões de crédito e débito do Grupo, no Banco Espírito Santo.

Esta operação inscreve-se no processo de racionalização em curso no Grupo e permitirá poupanças recorrentes nos custos, ao mesmo tempo que promoverá sinergias do lado das receitas, tendo na sua essência dois grandes objectivos: servir melhor os Clientes e aumentar a competitividade do Grupo Banco Espírito Santo.

Refira-se por último que na análise evolutiva dos indicadores económicos, a mesma se encontra influenciada pela fusão do BIC no BES ocorrida no final do exercício de 2005.

7.2.1 Principais Valores e Indicadores de Actividade e Resultados (*)

	SIMBOL.	2004	2005	2006
BALANÇO (milhões de euros)				
Activos Totais ⁽¹⁾	AT	43 370	59 643	68 773
Activo Líquido	AL	33 179	44 643	50 537
Activos Financeiros (valores médios)	AF	26 487	29 787	38 147
Capital e Reservas (valores médios)	KP	1 821	1 821	2 753
CONTA DE EXPLORAÇÃO (milhões de euros)				
Resultado Financeiro	RF	398,7	412,9	627,2
+ Serviços Bancários a Clientes	SB	342,8	327,9	394,8
= Produto Bancário Comercial	PBC	741,5	740,8	1 022,0
+ Resultado de Operações Financeiras e Diversos	ROF	271,2	260,4	176,6
= Produto Bancário	PB	1 012,7	1 001,2	1 198,6
- Custos Operativos	CO	554,4	547,4	663,0
- Provisões e Impostos	PVI	254,4	263,7	278,1
= Resultado do Exercício	RL	203,9	190,1	257,5
RENDIBILIDADE (%)				
Margem Financeira	RF / AF	1,51	1,39	1,64
+ Rendibilidade Serviços a Clientes	SB / AF	1,29	1,10	1,03
+ Rendibilidade Operações de Mercado	ROF / AF	1,02	0,87	0,46
= Margem de Negócio	PB / AF	3,82	3,36	3,14
- Relevância Custos Operativos	CO / AF	2,09	1,84	1,74
- Provisões e Impostos	PVI / AF	0,96	0,89	0,73
= Rendibilidade Activo Financeiro	RL / AF	0,77	0,64	0,68
- Relevância Activos Financeiros	AF / AL	0,86	0,87	0,86
= Rendibilidade do Activo (ROA)	RL / AL	0,66	0,56	0,58
+ Multiplicador Aplicações	AL / KP	16,96	18,73	16,12
= Rendibilidade Capitais Próprios (ROE)	RL / KP	11,20	10,44	9,35

(1) Activo Líquido + Asset Management + Crédito Securitizado.

(*) Os dados de Balanço de 2005 e 2006 já reflectem, respectivamente, a integração do BIC concretizada em 30/12/2005 e da CREDIFLASH em 30/05/2006 os dados de 2004 são apresentados em base NCA.

7.2.2 Actividade

O exercício de 2006 decorreu, no quadro de referência estratégica dos últimos anos, sob um clima de forte dinamismo comercial e sob a realização de grandes transformações estruturais.

O dinamismo do negócio mais directamente relacionado com Clientes continuou a ser uma das características mais marcantes da actividade do BES com o crédito a continuar a expandir-se, tendo alcançado um crescimento de 11,9% considerando os valores securitizados. A captação de recursos de Clientes de balanço atingiu um crescimento de 8,4%, enquanto que a desintermediação registou um dinamismo superior alcançando um aumento de 13,3%.

Evolução da actividade

(milhões de euros)

	Dez. 05	Dez. 06	Var. (%)
Activos Totais⁽¹⁾	59 643	68 773	15,3
Activo	44 643	50 537	13,2
Crédito a Clientes (incluindo securitizado)	29 570	33 089	11,9
Crédito a Particulares	13 106	14 650	11,8
- Habitação	11 694	12 629	8,0
- Outro Crédito a Particulares	1 412	2 021	43,1
Crédito a Empresas	16 464	18 439	12,0
Captação de Recursos			
+ Depósitos de Clientes e similares ⁽²⁾	20 469	22 730	11,0
+ Débitos representados por Títulos colocados em Clientes	3 799	3 572	-6,0
= Recursos de Clientes de Balanço	24 268	26 302	8,4
+ Recursos de Desintermediação	11 167	12 651	13,3
= Recursos Totais de Clientes	35 435	38 953	9,9

(1) Activo Líquido + Actividade Asset Management + Outra Desintermediação Passiva + Crédito Securitizado.

(2) Inclui: "Recursos de Clientes e outros empréstimos" e Certificados de Depósito.

O crédito a empresas aumentou quase 2 mil milhões de euros assumindo o crescimento de 12,0%. O BES realizou a quinta operação de securitização de crédito à habitação no valor de 1 400 milhões de euros e a primeira de crédito a pequenas e médias empresas nacionais no montante de 863 milhões de euros.

O crédito à habitação representa 38% da carteira enquanto que o crédito a empresas mantém a maior representatividade atingindo quase 56% do total, continuando o BES a afirmar-se como uma instituição de forte implantação no tecido empresarial português.

O aperfeiçoamento sistemático e a boa capacidade de avaliação comercial do risco de crédito que todos os intervenientes no processo vêm demonstrando, tem conduzido a uma melhoria da qualidade da carteira de crédito do Banco.

Qualidade dos activos

(milhões de euros)

	Dez. 05	Dez. 06	Var.	
			Abs.	Rel. (%)
Crédito a Clientes (bruto)	25 737	27 504	1 767	6,9%
Crédito Vencido de Clientes	412	402	- 11	-2,5%
Crédito Vencido de Clientes > 90 dias	378	360	- 19	-4,9%
Crédito com Incumprimento (B.Portugal) ^(a)	520	456	- 64	-1,3%
Provisões para Crédito a Clientes	736	755	19	2,5%
Crédito Vencido/Crédito a Clientes	1,6%	1,5%	-0,3p.p.	
Crédito Vencido > 90 dias/Crédito a Clientes	1,5%	1,3%	-0,2p.p.	
Crédito com Incumprimento ^(a) /Crédito a Clientes (bruto)	2,0%	1,7%	-0,3p.p.	
Provisões Crédito/Crédito Vencido	178,6%	187,9%	9p.p.	
Provisões Crédito/Crédito Vencido > 90 dias	194,6%	209,8%	15p.p.	
Cobertura do Crédito em Incumprimento	141,5%	165,6%	24p.p.	

(a) De acordo com a definição constante da Carta Circular nº 99/03/2003 do Banco de Portugal.

A qualidade da carteira de crédito pode ser aferida pela baixa sinistralidade, em que o rácio de crédito vencido há mais de 90 dias se apresenta em torno dos 1,3% (Dez. 05: 1,5%), e pelo elevado nível de cobertura por provisões, com o rácio correspondente a situar-se nos 210% (Dez. 05: 195%). O crédito vencido reduziu-se em 11 milhões de euros enquanto que o reforço das provisões se situou em 19 milhões de euros.

Tendo em vista a racionalização dos recursos afectos à recuperação de créditos, o Banco concretizou duas operações de venda de crédito vencido à habitação: (i) uma em Maio, no montante de 21,3 milhões de euros (crédito vincendo associado de 46,6 milhões de euros) e (ii) outra em Dezembro cujo valor se elevou a 14,8 milhões de euros (com crédito vincendo associado no montante de 58,7 milhões de euros). A imparidade inerente a estes créditos ascendia a 43,0 milhões de euros e as operações em causa não tiveram qualquer impacto material nos resultados do exercício.

7.2.3 Resultados e Produtividade

Na perspectiva da geração de resultados, a performance do Banco foi marcada fundamentalmente pelo crescimento do resultado financeiro (+51,9%) e dos serviços a Clientes (+20,4%). Apesar do desempenho menos conseguido das operações financeiras e diversos e dos custos operativos, foi possível alcançar um resultado de 257,5 milhões de euros, superior em 35,4% ao do ano anterior.

Decomposição do resultado

	(milhões de euros)			
	2005	2006	Abs.	Rel. (%)
Resultado Financeiro	412,9	627,2	214,3	51,9
+ Serviços a Clientes	327,9	394,8	66,9	20,4
+ Resultados de Operações Financeiras e Diversos	260,4	176,6	-83,8	-32,2
= Produto Bancário	1 001,2	1 198,6	197,4	19,7
- Custos Operativos	547,4	663,0	115,6	21,1
= Resultado Bruto	453,8	535,6	81,8	18,0
- Provisões líquidas de Reposições	236,2	199,4	-36,8	-15,6
Crédito	133,1	136,2	3,1	2,3
Títulos	33,8	6,5	-27,3
Outras	69,3	56,7	-12,6	-18,2
= Resultado antes de Impostos	217,6	336,2	118,6	54,5
- Impostos	27,4	78,7	51,3	187,2
= Resultado do Exercício	190,2	257,5	67,3	35,4

No âmbito da operação de fusão da Crediflash, constituiu-se uma provisão extraordinária de 10,8 milhões de euros. Em 2005 também se procedeu à constituição de uma provisão extraordinária de 57,6 milhões de euros destinada a fazer face aos encargos relacionados com a operação de fusão do BIC.

A evolução apresentada pelos custos operativos decorre, no essencial, do facto de estarem influenciados pela fusão do BIC e da Crediflash. Em base comparável os custos registaram um crescimento significativamente menor (+2,5%), com reflexo muito positivo na evolução dos indicadores de produtividade e eficiência.

Indicadores de produtividade e eficiência

	2005	2005 em base comparável ⁽¹⁾	2006	Varição em base comparável
Cost to Income (com mercados)	54,7%	56,8%	55,3%	-1,5p.p.
Cost to Income (sem mercados)	73,9%	70,6%	64,9%	-5,7p.p.
Activos Totais ⁽²⁾ por Empregado (€:000)	11 732	9 827	11 284	14,8%

(1) Valores ajustados pelos efeitos da fusão do BIC e da Crediflash.
(2) Activo líquido + Asset Management + Crédito Securitizado.

7.2.4 Proposta de Distribuição de Resultados do BES

Nos termos da alínea b) do artigo 376.º do Código das Sociedades Comerciais e em conformidade com o artigo 30.º dos Estatutos, propõe-se para aprovação da Assembleia Geral, a seguinte aplicação dos resultados do exercício:

Proposta de distribuição de resultados

	(euros)
Para reserva legal	26 000 000,00
Para distribuição aos Accionistas	200 000 000,00
Para outras reservas	31 451 170,53
Resultado Líquido	257 451 170,53

O dividendo relativo aos resultados de 2006 corresponde a um valor bruto por acção de 0,40 euros para a totalidade das acções existentes no final do exercício.

7.3 Análise Financeira das Principais Unidades de Negócio

7.3.1 Banca



Banco Espírito Santo de Investimento, S.A.

Sede Social Rua Alexandre Herculano, 38 • 1269-161 Lisboa / **Capital Social** 70 000 milhares de euros / **Participação do Grupo BES** 100%

O BES Investimento teve uma performance muito positiva em 2006, com o produto bancário a crescer 30,5% face ao ano transacto, atingindo um total de 164,1 milhões de euros, dos quais cerca de 40% foram gerados na actividade internacional. Por sua vez, o resultado líquido foi de 60,0 milhões de euros, o que representa um acréscimo de 20,0% comparativamente a 2005. Reflexo directo deste bom resultado, o ROE foi de 29%, enquanto o rácio *Cost to Income* atingiu 45,2%, cerca de 5 p.p. inferior ao do exercício anterior.

No geral, a actividade desenvolveu-se de forma muito positiva na maioria das áreas de negócio, sendo de referenciar o número crescente de operações desenvolvidas nos mercados internacionais. Também do ponto de vista qualitativo a actividade desenvolvida pelo BES Investimento mereceu elevado reconhecimento internacional, com a atribuição de diversos prémios e referências de prestígio, designadamente:

- “*Renewable Deal of the Year 2006*” pela *Project Finance International* relativamente à liderança do financiamento da transacção do portfolio de Renováveis da Enersis;
- “*Transportation Deal of the Year 2006*” pela *Project Finance International*, relativamente à liderança do financiamento da transacção Auto – estrada M6 no Reino Unido;
- “*Best Investment Bank in Portugal – Real Estate Investment Banking*”, pela Euromoney e
- “*Best recommendation for Iberian Companies*” pela AQ Research.

Valores consolidados (milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	3 634 889	4 589 762	26,3%
Capital e Reservas	175 622	183 815	4,7%
Crédito a Clientes (bruto)	981 092	1 406 360	43,3%
Depósitos de Clientes	1 414 201	1 341 983	-5,1%
Produto Bancário	125 798	164 139	30,5%
Resultado do Exercício	50 019	60 014	20,0%



Banco Espírito Santo dos Açores, S.A.

Sede Social Rua Hintze Ribeiro, 2 – 8 • 9500-049 Ponta Delgada / **Capital Social** 17 500 milhares de euros / **Participação do Grupo BES** 57,53%

O BES dos Açores viu reforçada a sua estrutura accionista com a entrada da Santa Casa da Misericórdia do Nordeste.

Ao longo do ano continuou a sua política de aproximação à Sociedade através da celebração de vários protocolos, destacando-se o assinado com a Associação dos Imigrantes dos Açores, enquadrado no projecto Novos Residentes. Ainda neste âmbito apoiou e participou no I Fórum Nacional das Estruturas representativas dos Imigrantes realizado em Ponta Delgada.

Na área da emigração o BES dos Açores celebrou protocolos com a Caixa Económica dos Portugueses de Montreal e com o Portuguese Canadian Crédit Union, como forma de promover uma maior aproximação aos emigrantes açorianos.

O ano de 2006 caracterizou-se pelo desenvolvimento de inúmeras acções de índole comercial que impulsionaram o crescimento do Banco, sendo de salientar a evolução registada nos depósitos de Clientes (+19,6%) e no crédito concedido a Clientes (+14,5%), com especial destaque para o crédito à habitação (+22,4%). Relevante ainda a evolução registada pelo *Cost to Income* (-6,3p.p.) ao situar-se em 46,7% no final do ano. O exercício encerrou com um activo líquido de 388,5 milhões de euros tendo-se apurado um resultado líquido de 4,0 milhões de euros o que representa um crescimento, relativamente a 2005, de 25,6% e 7,0%, respectivamente.

(milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	309 223	388 546	25,6%
Capital e Reservas	26 058	27 453	5,4%
Crédito sobre Clientes (bruto)	248 056	283 971	14,5%
Depósitos de Clientes	203 517	243 369	19,6%
Produto Bancário	11 909	12 617	5,9%
Resultado do Exercício	3 754	4 015	7,0%



Banco Espírito Santo, S.A. (Espanha)

Sede Social Serrano, 88 • 28006 Madrid - Espanha / **Capital Social** 86 600 milhares de euros
Participação do Grupo BES 100%

O ano de 2006 correspondeu ao arranque do Projecto Ibéria no Banco Espírito Santo. Este projecto representa uma forte aposta em Espanha e tem como horizonte temporal o período de 2006-2010, visando implementar uma estratégia de crescimento sustentada por um posicionamento de maior eficiência e competitividade, de acordo com o nível de exigência da qualidade dos serviços prestados aos Clientes em Espanha e em Portugal.

A estratégia de crescimento tem como objectivo potenciar o negócio em três segmentos chave para o banco, nomeadamente o *private banking*, banca de afluentes e a banca de empresas, com uma perspectiva de serviço ibérico. Neste sentido e de forma a aproveitar sinergias, foi decidido que o Banco Espírito Santo (Espanha) adoptasse a forma jurídica de sucursal do BES.

Os depósitos de Clientes atingiram 1 490 milhões de euros e o crédito concedido a Clientes elevou-se a 2 066 milhões de euros que equivale um crescimento de 42,0 %. O volume de negócio da banca de empresas foi de 1 913 milhões de euros e o da banca de afluentes e *private banking* de 4 219 milhões de euros.

Valores consolidados	(milhares de euros)		
Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	2 490 757	3 757 208	50,8%
Capital e Reservas	86 600	86 600	0,0%
Crédito sobre Clientes	1 455 381	2 066 463	42,0%
Depósitos de Clientes	1 344 619	1 489 900	10,8%
Produto Bancário	49 831	59 710	19,8%
Resultado do Exercício	1 443	8 623	...



Banco Espírito Santo Angola, S.A.R.L.

Sede Social Rua Guilherme Pereira Inglês n.º 43 - 1º / CP 6459 Luanda - Angola
Capital Social 10 milhões de \$US (7 593 milhares de euros) / **Participação do Grupo BES** 79,96%

A actividade do Banco Espírito Santo Angola (BESA) decorreu num clima de enorme estabilidade macroeconómica e com um acentuado aumento da concorrência, originado pela entrada de novos bancos no mercado angolano. A descida da taxa de inflação foi acompanhada por uma forte redução das taxas de juro com reflexos na redução das margens.

Com quatro anos de actividade o BES Angola melhorou a sua cobertura geográfica, dispondo actualmente de dezassete agências em seis províncias de Angola. A inauguração do edifício sede dotou o Banco, de instalações necessárias ao crescimento acentuado que tem tido desde a sua constituição, apresentando-se como a instituição que tem apresentado os melhores índices de rentabilidade e os melhores rácios de eficiência.

Sendo um Banco de cariz universal, tem dado particular atenção às necessidades das empresas que pretendem investir em Angola, através de aconselhamentos sobre o mercado angolano e financiamentos ao investimento. A melhoria dos serviços aos Clientes particulares passou também pela disponibilização de novos produtos.

O resultado líquido situou-se em 34,0 milhões de euros, fortemente afectado pela desvalorização cambial do USD face ao euro; os depósitos de Clientes atingiram 505,2 milhões de euros, valor que representou um aumento de 56,7% face a 2005; o crédito a Clientes totalizou os 233 milhões de euros; o rácio *Cost to income* evoluiu para 37,8% enquanto a situação líquida atingiu 67,8 milhões de euros (39,5 milhões de euros em Dez. 05).

	(milhares de euros)		
Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	390 806	604 097	54,6%
Capital e Reservas	2 931	33 825	...
Crédito sobre Clientes (bruto)	96 680	229 952	137,8%
Depósitos de Clientes	322 484	505 233	56,7%
Produto Bancário	56 307	58 932	4,7%
Resultado do Exercício	34 561	34 011	-1,6%



Espírito Santo Bank

Sede Social 1395 Brickell Avenue • Miami, Florida 133131 EUA / **Capital Social** 16 973 milhares de \$US (12 296 milhares de euros) / **Participação do Grupo BES** 98,45%

O Espírito Santo Bank continuou a desenvolver o seu plano estratégico em torno do fortalecimento do resultado financeiro decorrente da aposta no crescimento do crédito em segmentos específicos, no aumento dos proveitos relacionados com a oferta de produtos e na prestação de serviços aos Clientes *private*, em estreita articulação com a *broker/dealer*, e na diversificação da base de depósitos e do *funding*.

A carteira de crédito, em que se tem apostado nos segmentos de bom risco, experimentou um crescimento significativo baseado, sobretudo, na expansão do crédito à habitação a particulares, no crédito imobiliário comercial e no negócio relacionado com as ECA (Export Credit Agencies). O Banco registou um resultado negativo que foi fortemente influenciado pelos seguintes acontecimentos não recorrentes: custos relacionados com a implementação dos projectos Basileia II e Sarbanes Oxley, perdas na alienação de títulos e custos relacionados com o edifício Sede.

A *broker/dealer* Espírito Santo Financial Services experimentou um crescimento de proveitos na ordem dos 80% suportado fundamentalmente pelo incremento da actividade de serviços de custódia de títulos.

Os recursos de Clientes particulares sob gestão registaram um crescimento, em base anual, de cerca de 5%.

(milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	363 861	330 994	-9,0%
Capital e Reservas	30 302	26 262	-13,3%
Crédito sobre Clientes (bruto)	229 986	258 237	12,3%
Depósitos de Clientes	238 696	228 943	-4,1%
Produto Bancário	13 015	11 206	-13,9%
Resultado do Exercício	(0.3)	(1.3)	...



Banco Espírito Santo do Oriente, S.A.

Sede Social Av. Dr. Mário Soares, n.º 323 • Edifício Banco da China, 28.º A e E-F - Macau
Capital Social 200 milhões de MOP (18 961 milhares de euros) / **Participação do Grupo BES** 99,75%

O Sudeste Asiático continuou a evidenciar um crescimento económico muito superior ao verificado tanto nos Estados Unidos da América como na União Europeia. Assim, num contexto económico favorável, o BES Oriente tem vindo a reforçar o seu posicionamento nos mercados local e regional, assumindo como objectivos estratégicos, apoiar os Clientes do Grupo BES na sua actividade empresarial desenvolvida nesta Região, bem como potenciar sinergias de negócio entre as áreas financeira e não-financeira do Grupo, privilegiando a iniciativa do Governo Central da República Popular da China (RPC) em considerar Macau como a plataforma para a cooperação económica entre a RPC e os países de língua portuguesa.

A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) deverá apresentar, em termos homólogos, um crescimento do PIB de aproximadamente 15%, impulsionado pelo contínuo crescimento da Indústria do turismo e do jogo/entretenimento, pelas importantes obras infra-estruturantes que têm vindo a ser promovidas no território e pelas condições excepcionais negociadas com o Governo Central da RPC (Acordos CEPA, Vistos Individuais) e com diversas províncias chinesas. De salientar que o desenvolvimento da RAEM tem estado igualmente alicerçado na forte procura de imobiliário comercial e particular, permitindo que a construção civil no território continue a evidenciar taxas de crescimento excepcionais.

O BES Oriente manteve um crescimento sustentado, com o total do activo líquido a apresentar um aumento de 21,9% não obstante se ter verificado uma desvalorização de 12% da pataca face ao euro. O resultado líquido do exercício cifrou-se em 1 575 milhares de euros, com as áreas de crédito e de recursos de Clientes a evidenciarem crescimentos significativos de, respectivamente, 33,1% e 10,1% em termos homólogos.

(milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	78 386	95 516	21,9%
Capital e Reservas	26 831	26 508	-1,2%
Crédito sobre Clientes (bruto)	36 441	48 492	33,1%
Depósitos de Clientes	10 079	11 094	10,1%
Produto Bancário	4 488	3 573	-20,4%
Resultado do Exercício	2 731	1 575	-42,3%



Banque Espirito Santo et de la Vénétie, S.A.

Sede Social 45, Avenue Georges Mandel • 75116 Paris - França / **Capital Social** 52 154 milhares de euros / **Participação do Grupo BES** 40,00%

Durante o ano de 2006, o BES Vénétie imprimiu um maior dinamismo à sua actividade, desenvolvendo consideravelmente o sector de financiamento de operações imobiliárias (essencialmente a curto e médio prazo), para além de manter a sua tradicional actividade nos sectores da banca de empresas, da banca de engenharia financeira orientada para a montagem ou participação em operações de *leveraged finance* e banca da comunidade portuguesa residente em França.

Paralelamente ao desenvolvimento da sua actividade comercial o Banco reforçou a sua base de recursos, nomeadamente a médio prazo.

O produto bancário atingiu 32,7 milhões de euros, representando um crescimento de 16,2% enquanto o resultado antes de impostos e distribuição de resultados aos empregados atingiu 15 milhões de euros, representando um aumento de 39,2% face a 2005, fixando-se o resultado líquido em 8,2 milhões de euros. O *Cost to Income* evoluiu favoravelmente para 47,1% (50,9% em 2005).

(milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	1 247 066	1 216 063	-2,5%
Capital e Reservas	66 901	75 058	12,2%
Crédito sobre Clientes (bruto)	857 199	931 102	8,6%
Depósitos de Clientes	154 709	165 127	6,7%
Produto Bancário	28 114	32 661	16,2%
Resultado do Exercício	10 869	8 208	-24,5%
<i>Cost to Income</i>	50,9%	47,1%	-3,8pp



BEST – Banco Electrónico de Serviço Total, S.A.

Sede Social Rua Alexandre Herculano, 38 • 1250-011 Lisboa / **Capital Social** 63 000 milhares de euros / **Participação do Grupo BES** 66,00%

No exercício de 2006 o Banco BEST reforçou substancialmente a sua oferta de produtos de *asset management* com especial ênfase na área de fundos de investimento, sendo de realçar também a actividade de *trading* de valores mobiliários. Face ao ano anterior, a base de Clientes cresceu 12% para cerca de 45 mil Clientes e os activos sob gestão aumentaram 42%, ultrapassando os 782 milhões de euros no final do ano.

O número de fundos de investimento disponíveis para subscrição mais do que duplicou (1 019 fundos de 29 sociedades gestoras) permitindo uma cobertura eficaz de todas as possíveis estratégias de investimento. Entre estes destacam-se o primeiro fundo de *Private Equity*, com liquidez diária comercializado em Portugal para investidores particulares e o primeiro FEI de *Commodities*, igualmente dispondo de liquidez diária. Desta forma, o valor total de activos de Clientes investidos em fundos aumentou 52% face ao ano anterior, permitindo ao BEST atingir no final do exercício, pela primeira vez desde o seu início de actividade, o primeiro lugar na quota de mercado de fundos de investimento estrangeiros, segundo dados da Comissão de Mercados de Valores Mobiliários.

Na área de *trading* de títulos foi alargada a oferta para REITs (*Real Estate Investment Trusts*) e ETFs (*Exchange Traded Funds*), proporcionando aos clientes uma maior diversificação das alternativas de investimento. No primeiro caso trata-se de uma novidade em Portugal que permite investir directamente em activos imobiliários em todo o mundo de forma independente da evolução dos mercados financeiros, e no segundo caso refere-se à maior e mais abrangente oferta disponível no mercado nacional. Disponibilizou-se também a Conta Margem, uma novidade nacional que permite aos Clientes particulares, com perfil de investimento mais dinâmico, alavancar o investimento simultaneamente em fundos de investimento e acções cotadas com recurso a um financiamento com o *spread* mais atractivo do mercado.

(milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	256 894	323 617	26,0%
Capital e Reservas	27 246	23 227	-14,8%
Depósitos de Clientes	182 130	246 806	35,5%
Produto Bancário	5 677	10 771	89,7%
Resultado do Exercício	(6 174)	(1 574)	...
Activos de Clientes Particulares sob Gestão	551 025	782 150	41,9%

7.3.2 Gestão de Activos Financeiros



Espírito Santo Activos Financeiros, SGPS, S.A.

Sede Social Av. Álvares Cabral, 41 • 1250-015 Lisboa / **Capital Social** 11 750 milhares de euros
Participação do Grupo BES 85,00%

A Espírito Santo Activos Financeiros, SGPS (ESAF) empresa do Grupo BES dedicada à actividade de *Asset Management* exerce a sua acção em Portugal, Espanha e Luxemburgo através de sociedades especializadas constituídas para o efeito.

No final do ano, o volume global de activos sob gestão atingiu mais de 19,6 mil milhões de euros, reflectindo um crescimento homólogo de quase 24%. Este crescimento ficou a dever-se à estratégia adoptada de dinamização da oferta de produtos com o lançamento de três novos fundos de investimento mobiliário, dezoito fundos de investimento imobiliário fechados, bem como os novos mandatos de gestão de CDO (*collateralized debt obligation*) contratados à sua subsidiária ESAF- Espírito Santo Gestão de Patrimónios.

No Luxemburgo, há a destacar o aumento dos activos sob gestão em mais de 100 milhões de euros em resultado do lançamento de dois novos fundos de investimento mobiliário: *ABS Opportunity Fund* e *Caravela Global Compass*.

Em Espanha, o volume total de activos sob gestão ascendeu em 31 de Dezembro de 2006 a mais de 2,1 mil milhões de euros, representando um aumento de 15% face ao ano anterior, sendo de realçar o crescimento de 19% da actividade de gestão discricionária e 12% da actividade de gestão de fundos mobiliários.

O resultado consolidado do exercício apresenta um crescimento de 12% resultante do aumento dos volumes dos activos sob gestão e do alargamento da oferta de produtos.

Variáveis de Gestão e Indicadores	Valores consolidados (milhares de euros)		
	2005	2006	Var.
Activo Líquido	75 422	85 200	13,0%
Capital e Reservas	25 787	34 523	33,9%
Produto Bancário	38 537	45 129	17,1%
Resultado do Exercício	20 326	22 911	12,7%
Activos sob Gestão (milhões de euros)	15 865	19 647	23,8%

7.3.3 Seguros



BES Vida- Companhia de Seguros, S.A.

Sede Social Avenida da Liberdade, 230 • 1250 - 142 Lisboa / **Capital Social** 250 000 milhares de euros / **Participação do Grupo BES** 50,00%

No dia 27 de Junho de 2006 foi concretizado o reforço da parceria entre o Grupo BES e o Crédito Agricole adquirindo cada uma das partes 50% do capital social da Tranquilidade-Vida, assumindo o Crédito Agricole o controlo da respectiva gestão. A partir desta data foi alterada a designação da empresa para BES Vida, Companhia de Seguros, S.A.. A *performance* da BES Vida reflecte as orientações estratégicas que têm sido seguidas, considerando fundamental consolidar a sua posição sobretudo no mercado da "reforma", onde é líder. A produção total foi de 1,3 mil milhões de euros, um acréscimo de 15,8% face a 2005. No segmento dos PPR's, com uma produção de 515,7 milhões de euros (+8,7%), alcançou-se uma quota de mercado de 26,5%, mantendo pelo décimo ano consecutivo a liderança neste segmento. Os produtos tradicionais, totalizaram 54 milhões de euros (+9,6%), com uma quota de mercado de 7,1% (6,8% em 2005) enquanto os produtos de capitalização, com uma produção de 721,4 milhões de euros (+22,1%), registaram um aumento da quota de mercado para 12,3% (8,6% em 2005). As provisões matemáticas no montante de 6,2 mil milhões de euros (+12,5%), apresentam um acréscimo de 694,8 milhões de euros no final do exercício. A BES Vida apresentou um resultado líquido de 115,0 milhões de euros (+236,8%). Sem considerar os efeitos extraordinários no resultado, como foram a alienação do canal mediador, no valor de 50 milhões de euros, e a mais valia de 42 milhões de euros resultante da alienação dos títulos BES, conforme estabelecido no acordo de parceria, o resultado da BES Vida seria de 42,3 milhões de euros, um acréscimo de 23,7% face a 2005. O crescimento verificado nos custos de exploração resultou da realização de despesas excepcionais, como foram a mudança da sede, a alteração da imagem e alienação do canal mediador, que em nada alteraram a rigorosa política de controlo dos custos que tem vindo a ser implementada. O capital próprio atingiu os 329 milhões de euros (aumento de 52 milhões de euros) reforçando a solidez financeira, evidenciada no crescimento do rácio de cobertura da margem de solvência, que passou de 157% em 2005, para os actuais 173%.

Variáveis de Gestão e Indicadores	(milhares de euros)		
	2005	2006	Var.
Activo Líquido	6 421 547	684 2137	6,5%
Capital e Reservas	277 082	329 285	18,8%
Prémios Brutos Emitidos	573 206	586 900	2,4%
Indemnizações	611 085	653 620	7,0%
Custos de Exploração	15 798	24 487	55,0%
Resultado do Exercício	34 157	115 048	236,8%



BES - Companhia de Seguros, S.A.

Sede Social Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 75 - 11º • 1070 - 061 Lisboa / **Capital Social** 15 000 milhares de euros / **Participação do Grupo BES** 25,00%

No âmbito do reforço da parceria entre a Espírito Santo Financial Group e o Crédit Agricole na área de bancasseguros em Portugal, em 27 de Junho de 2006, verificou-se a alteração do nome da sociedade Espírito Santo, Companhia de Seguros, SA (Espírito Santo Seguros), passando a designar-se por BES, Companhia de Seguros, SA (BES Seguros). Na mesma data, 50% do capital social da Companhia passou a ser detido pelo Crédit Agricole ficando este com o controlo de gestão da empresa; os restantes 50% são detidos pelo BES e pela Companhia de Seguros Tranquilidade.

Independentemente destas alterações, a BES Seguros deu continuidade à sua actividade na área de bancasseguros, equipando os Clientes particulares da banca com os produtos de base de seguros não-vida. A produção total foi de 49 460 contratos, atingindo uma carteira de cerca de 337 mil contratos em vigor.

Apesar do fraco crescimento dos prémios brutos emitidos, à semelhança do verificado para o total do mercado de seguros não-vida, a manutenção do resultado técnico global num bom nível e o controlo dos custos operacionais permitiu à BES Seguros atingir um resultado líquido em 2006 superior a 4,5 milhões de euros, representando 7,4% dos prémios brutos emitidos e um crescimento homólogo de 5,8%. O rácio combinado após resseguro foi de 94,3%, mantendo-se num excelente nível, conseguindo mesmo uma melhoria face aos 94,7% verificados em 2005. O capital próprio ascendeu a cerca de 24 milhões de euros, aumentando 8,6% relativamente ao verificado em 2005.

(milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores ⁽¹⁾	2005	2006	Var.
Activo Líquido	79 103	88 908	12,4%
Capital e Reservas	22 037	23 928	8,6%
Prémios Brutos Emitidos	61 798	62 188	0,6%
Custos com Sinistros ^(*)	41 782	41 636	-0,3%
Custos de Exploração Líquidos	11 378	11 953	5,1%
Resultado do Exercício	4 324	4 576	5,8%

(*) Líquidos de resseguro, incluindo custos de gestão de sinistros.

(1) Dados de acordo com o plano de contas para o sector segurador.



Europ Assistance - Companhia Portuguesa de Seguros de Assistência, S.A.

Sede Social Avenida Álvares Cabral, 41 - 3º • 1250 - 015 Lisboa / **Capital Social** 5 000 milhares de euros / **Participação do Grupo BES** 23,00%

No exercício em análise a Europ Assistance registou mais um ano de crescimento assinalável, mantendo a sua quota no mercado de assistência a um nível próximo dos 30%.

O total de prémios brutos emitidos alcançou os 25,5 milhões de euros, o que representa um considerável crescimento de 14,6% relativamente ao ano anterior. Esta *performance* é tanto mais de realçar quanto a conjuntura é adversa, seja em termos da economia do país que permanece com crescimentos marginais, seja em termos do mercado de assistência no qual a empresa enfrenta uma concorrência extraordinariamente agressiva. Os prémios líquidos, por sua vez, apresentaram um crescimento de 13,1% alcançando o valor de 23,2 milhões de euros. Comercialmente o ano ficou marcado pela conquista de alguns Clientes de dimensão importante e pela manutenção da base de Clientes existente, através de um esforço contínuo de fidelização e de procura de novos produtos e novas soluções que respondam às necessidades do mercado.

Em 2006 verificou-se um significativo aumento da sinistralidade, acentuando a tendência já observada nos últimos anos, fruto da maior divulgação dos serviços de assistência e das condições meteorológicas particularmente severas que se fizeram sentir no Verão (temperaturas muito elevadas) e no Outono (chuvas intensas). Ao longo do ano foram abertos mais de 460 mil processos de assistência, tendo sido recebidas cerca de 1 350 mil chamadas. O controlo de custos foi claramente uma prioridade da gestão incidindo quer sobre os custos com sinistros, quer sobre os custos fixos de estrutura. O exercício encerrou com um resultado líquido de 1 082 milhares de euros.

Na vertente internacional, registou-se novamente um resultado significativo na filial brasileira; a subsidiária na Argentina apresentou, pelo segundo ano consecutivo, resultados positivos; e no primeiro ano completo de actividade, a filial do Chile apresentou, naturalmente, um pequeno prejuízo.

(milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	23 892	29 164	22,1%
Capital e Reservas	8 199	8 996	9,7%
Prémios Brutos Emitidos	22 220	25 468	14,6%
Resultado do Exercício	1 060	1 082	2,1%

7.3.4 Crédito Especializado



Besleasing e Factoring

Besleasing e Factoring - Instituição Financeira de Crédito, S.A.

Sede Social Av. Álvares Cabral, 27 – 1.º • 1269-140 Lisboa / **Capital Social** 49 114 milhares de euros / **Participação do Grupo BES** 89,36%

Os sectores nacionais do *leasing* e *factoring* evidenciaram um crescimento da actividade, tendo a produção da empresa ultrapassado o ritmo de evolução do mercado, contando com a importante colaboração da rede comercial bancária do Grupo BES. A empresa revelou um crescimento superior ao do ano transacto, mantendo o segundo lugar do *ranking* em qualquer dos segmentos e alcançando no *leasing* mobiliário uma produção de 538 milhões de euros (+17,0%) e no *leasing* imobiliário 521 milhões de euros (+29,0%). No *factoring* e na gestão de pagamentos a fornecedores (*confirming*) a produção totalizou 3,5 mil milhões de euros (+12,4%), atingindo 1,3 mil milhões de crédito sob gestão (+19,9%). Globalmente, a produção foi de 4,6 mil milhões de euros correspondendo a um crescimento homólogo de 14,6%, com uma quota de mercado de 18,7% no *leasing* e de 22,2% no *factoring*.

O acentuado crescimento da produção conduziu a um aumento expressivo da carteira de crédito, em 456 milhões de euros (+17,0%) atingindo-se um resultado líquido de 13,2 milhões de euros. Este resultado foi também reflexo do crescimento do produto *lease/factor* (+3,7%), que conjugado com a política de contenção de custos operativos, cujo aumento (+ 0,6%) se situou muito abaixo da taxa de inflação, permitiu melhorar e fixar o *Cost to income* em 31,0%. A empresa continuou a pôr em prática uma política rigorosa na concessão de crédito tendo o crédito vencido em relação ao crédito concedido mantido praticamente o mesmo nível (1,36%) do observado no ano anterior.

(milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	2 746 957	3 244 268	18,1%
Capital e Reservas	69 689	72 784	4,4%
Crédito sobre Clientes (bruto)	2 684 381	3 140 359	17,0%
Produto <i>Lease / Factor</i>	42 213	43 763	3,7%
Resultado do Exercício	12 962	13 244	2,2%
LEASING IMOBILIÁRIO			
Contratos Iniciados (nº)	630	647	2,7%
Valor	403 473	520 603	29,0%
LEASING MOBILIÁRIO			
Contratos Iniciados (nº)	8 384	7 824	-6,7%
Valor	459 799	537 866	17,0%
FACTORING			
Carteira de Crédito Tomado (bruto)	3 110 246	3 494 409	12,4%
Carteira de Crédito sob Gestão	1 111 561	1 332 865	19,9%



Locarent – Companhia Portuguesa de Aluguer de Viaturas, S.A.

Sede Social Lagoas Park Edifício 11 – 3º Piso • 2740-244 Porto Salvo / **Capital Social** 5 250 milhares de euros / **Participação do Grupo BES** 45,00%

O exercício de 2006 manteve o ciclo de crescimento e dinamismo no negócio colocando a empresa como um dos principais *players* de mercado.

A Locarent emprega actualmente 52 trabalhadores divididos por duas grandes áreas geográficas que no seu conjunto são responsáveis por cerca de 10 mil viaturas sob gestão, que equivalem aproximadamente a 235 milhões de euros em termos de valor de aquisição e que estão distribuídos por cerca de 4 mil Clientes.

Este ritmo e tendência só foi possível fruto da relação estabelecida com as redes de distribuição bancárias permitindo um aumento da penetração do *renting* quer no segmento de empresas, quer no segmento de particulares, num ano particularmente adverso marcado pela queda nas vendas do mercado automóvel.

Na linha das orientações traçadas para este exercício foi possível dar continuidade à redução dos resultados líquidos negativos, registando a Locarent resultados positivos no meses de Novembro e Dezembro, projectando definitivamente o *break-even* para 2007 e desta forma antecipar as previsões estimadas no plano de negócios.

(milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	134 933	216 036	60,1%
Capital e Reservas	5 354	5 354	0,0%
Imobilizado	117 840	196 899	67,1%
Resultado do Exercício	(2 381)	(940)	...

7.3.5 Outras



ES Tech Ventures – SGPS, S.A.

Sede Social Av. da Liberdade, 195 • 1250-142 Lisboa / **Capital Social** 750 000 milhares de euros

Participação do Grupo BES 100%

O ano de 2006 ficou marcado por um aumento significativo no número e na qualidade dos projectos de investimento analisados pela ES Ventures, sendo de realçar a constituição do Fundo de Capital de Risco ES Ventures II, aberto a investidores qualificados fora do universo do Grupo BES, com o objectivo de reforçar o investimento em empresas *early-stage* de base tecnológica ou com conceitos de negócio inovadores. Este fundo, que se prevê atingir 100 milhões de euros de capital, viu já subscritos 55 milhões de euros. O total investido pelo fundo, em Dezembro, ascende a 15,9 milhões de euros, tendo tomado participações no capital das seguintes entidades: (i) YDreams S.A., uma empresa portuguesa que desenvolve soluções tecnológicas inovadoras na área da comunicação, educação, entretenimento e ambiente; (ii) Global Active S.A., uma empresa especialista em sistemas florestais e agro-pecuários, em gestão ambiental e na optimização de sistemas energéticos; (iii) Inovamais S.A., empresa portuguesa que integra a maior rede privada europeia de serviços de inovação; (iv) Coreworks S.A. e da Chipidea S.A., empresas de projecto de circuitos integrados para produtos de grande consumo; e (v) Nanosolar Inc e da Ultracell Inc, empresas tecnológicas norte-americanas que desenvolvem e comercializam soluções, respectivamente, para a área das células fotovoltaicas e das pilhas de combustível.

De referir ainda o desempenho do *pmelink.pt*, primeiro centro de negócios *online* em Portugal para pequenas e médias empresas e que decorre da parceria com os Grupos CGD e Portugal Telecom, que superou os 20 milhões de euros em termos de valor intermediado, o que representa um crescimento homólogo de 25%. A facturação total ultrapassou os 13,7 milhões de euros, crescendo cerca de 21% relativamente a 2005.

A ES Tech Ventures integra ainda participações na área internacional do Grupo, designadamente no BES Vénétie e na Bradespar.

(milhares de euros)

Variáveis de Gestão e Indicadores	2005	2006	Var.
Activo Líquido	210 410	149 630	-28,9%
Capital e Reservas	50 579	33 544	-33,7%
Carteira de Participações	177 344	124 203	30,0%
Resultado do Exercício	(515)	17 783	...

8.0 Nota Final

O conteúdo do presente relatório obedece às exigências normativas aplicáveis, sendo a sua elaboração da responsabilidade do Conselho de Administração do Banco Espírito Santo, S.A.

O Conselho de Administração gostaria de manifestar o reconhecimento da confiança que os Clientes, Colaboradores, Accionistas e Entidades de Supervisão depositaram no BES e nas demais instituições financeiras do Grupo. A confiança dos nossos Clientes foi indispensável para que o Grupo continuasse a crescer a ritmos significativos nas principais áreas de negócio; a confiança dos nossos Accionistas no projecto empresarial Grupo BES foi determinante para que o aumento de capital atingisse todos os objectivos fixados para a sua concretização; a participação e empenho dos Colaboradores foram indispensáveis para a performance alcançada em 2006 e serão determinantes para que o Grupo atinja no futuro as metas fixadas.

Às Autoridades Governamentais e de Supervisão, o Conselho de Administração deixa expresso o seu agradecimento pela cooperação e confiança que têm dispensado ao Grupo Banco Espírito Santo.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 2007

O Conselho de Administração

António Luís Roquette Ricciardi
Ricardo Espírito Santo Silva Salgado
Jean Gaston Pierre Marie Victor Laurent
Mário Mosqueira do Amaral
José Manuel Pinheiro Espírito Santo Silva
António José Baptista do Souto
Jorge Alberto Carvalho Martins
Aníbal da Costa Reis de Oliveira
José Manuel Ferreira Neto
Manuel de Magalhães Villas-Boas
Manuel Fernando Moniz Galvão Espírito Santo Silva
José Maria Espírito Santo Silva Ricciardi
Jean-Luc Louis Marie Guinoiseau
Rui Manuel Duarte Sousa da Silveira
Joaquim Aníbal Brito Freixial de Goes
Pedro José de Sousa Fernandes Homem
Patrick Gérard Daniel Coudène
Mário Martins Adegas
Luís António Burnay Pinto de Carvalho Daun e Lorena
Lázaro de Mello Brandão
Ricardo Abecassis Espírito Santo Silva
Bernard Henri Georges De Witt
José Manuel Ruivo da Pena
Jean Frédéric de Leusse
Amílcar Carlos Ferreira de Morais Pires
Bernard Delas
Miguel António Igrejas Horta e Costa
Nuno Maria Monteiro Godinho de Matos
Alberto Alves de Oliveira Pinto
José Eduardo Moura da Silva Freixa





02'

DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS E NOTAS ÀS CONTAS

MUITOS CONTRIBUTOS,
UM OBJECTIVO COMUM. A DIVERSIDADE FEITA
SATISFAÇÃO E RESULTADO.

BES'06



BES'06

RELATÓRIO E CONTAS

Fotografias:
Colecção Banco Espírito Santo

BES
art Colecção
Banco
Espírito Santo

Design e desenvolvimento:
Linha 21 Marketing e Publicidade

Linha 



BES'06
RELATÓRIO E CONTAS

